Adriano Belisário (org)

Tecnomagia

1a edição

Rio de Janeiro
Imotirõ
2014

Ficha Técnica

ORGANIZAÇÃO
Adriano Belisário

IDEALIZADORES DO PROJETO
Adriano Belisário, Bruno Vianna, Cinthia Mendonça

PROJETO GRÁFICO, CAPA E ILUSTRAÇÕES
Sília Moan

TIPOGRAFIAS
Esta obra foi produziada com as seguintes tipografias: Helvetica e Impact

ISBN: 978-85-66125-02-3

Liberdade Ainda que à Tardinha

Versão 0.4

1 - Esta é uma licença de uso de obras, processos e ideias.

2 -Tudo o que for licenciado pela LATA, poderá ser:

- usado, estudado, modificado, amassado, distribuído e o que mais você quiser fazer. Você é livre para usar do jeito que você quiser. Contanto que faça o mesmo com o resultado desse processo e:

2.1- em relação ao uso comercial, se este uso for incentivar uma economia local e/ou se você estiver na pindaíba e/ou para fins de balbúrdia, ele é permitido. Agora, caso você queira ganhar e acumular muito dinheiro com o objeto aqui licenciado, caso você pertença a algum meio de comunicação corporativo ou qualquer empresa em que os donos e executivos ganhem muito mais dinheiro que os faxineiros, você não poderá fazer uso comercial. Se o fizer, conte com a feitiçaria eterna sobre sua vida, a da sua família e de toda a sua hereditariedade. Que você apodreça no inferno, além de levar um processo nas costas!

2.2- O mesmo se aplica às instituições estrangeiras de pesquisa biogenética e farmacêutica, ONGs que fazem projetos a esmo só para arrecadar mais recursos e aonde o diretor ganha muito mais que o faxineiro, bancos, empresas de especulação financeiras, fabricantes de armas, empresas de ônibus, madeireiras, toda a espécie de agronegócio, entre outras.

Cláusula do Genocídio- O uso comercial nos Estados Unidos, Europa Ocidental e outros países ditos desenvolvidos só é incentivado para todas as minorias, imigrantes, moradores de ocupações, assentamentos e desenvolvedores de software livre. Se você não se encaixa nesses termos, mas simpatiza com essa distinção, fique à vontade também.

3- todo o uso e/ou modificação e/ou resultado decorrido da obra/processo/ideia/trecho licenciado sob a LATA deverá ser compartilhado da mesma maneira, sem exceções, com a mesma licença e sob os mesmos termos.

SUMÁ

8 **Magia e Tecnologia** Pedro Soler

212 **Microculturas** Vahida Ramujkic, Moshe Robes y Aviv Kruglanski

Magia e Tecnologia Alfred Gell 62

Descristalização Jonathan Kemp 78

85 **Poema** George Sander

181 **O Xamã e as Máquinas** Pedro Peixoto Ferreira

Descarte Descartes: por uma antropologia das sociedades encantadas Thais Brito 206

89 **Magia:a: caminho de resignificação e e ritos** Eah de Apsu

Pequeno Manual do Astrólogo Amador Artificial Bruno Vianna 96

ÁRIO

Tecnomagias Adrian Gomez 100

Mantra Digital Morgana Gomes 120

128 **Fragmento de um dialogo pós-apocalíptico** Cartesius Ciborgis

137 **Escolher** Felipe Fonseca

Tecnomagia Fabiane Borges 140

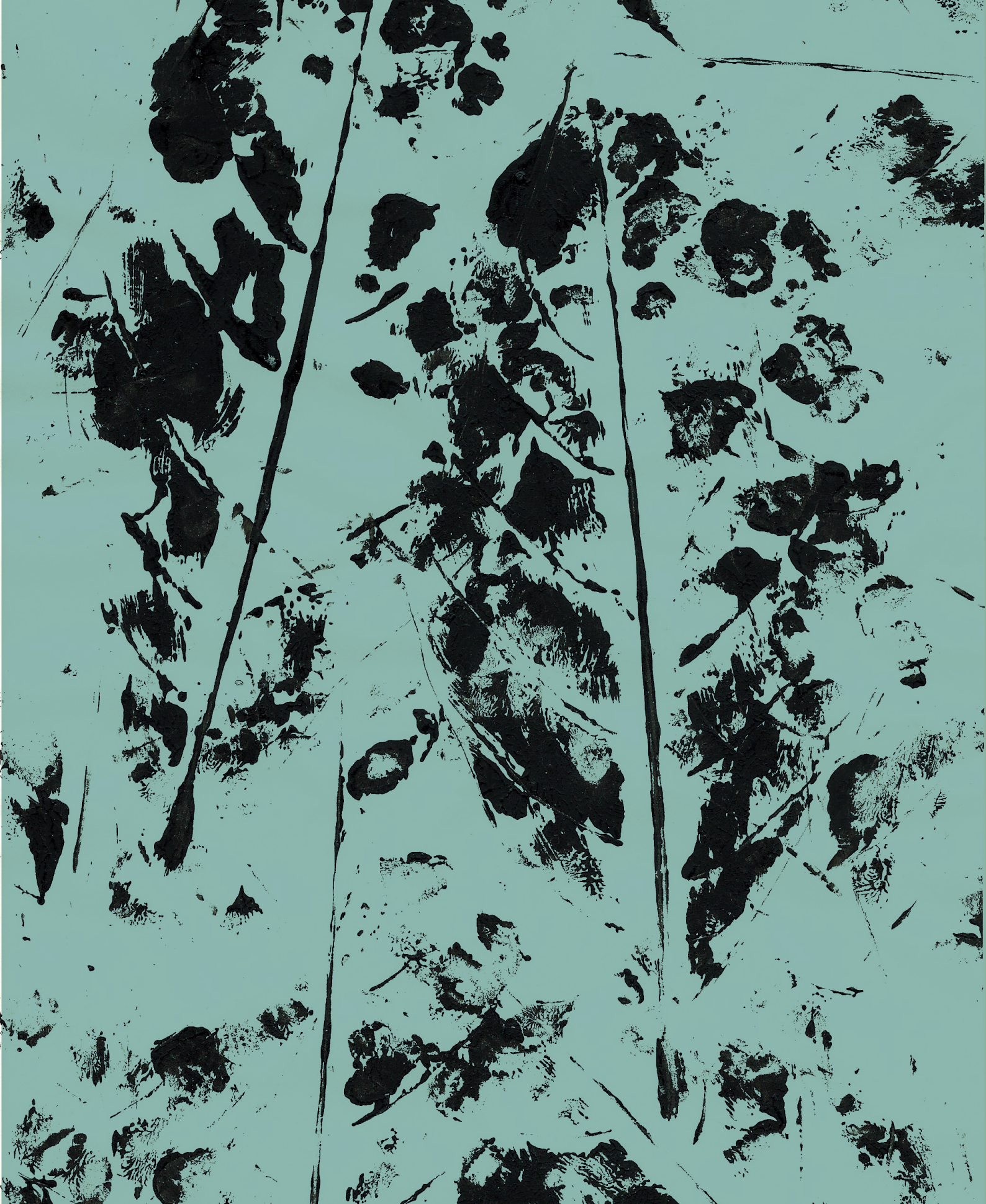
Cyberpunk como alquimista moderno Timothy Leary 163

48 **Tecnomagia: metareciclagem e rádios livres no front de uma guerra ontológica** Thiago Novaes

A Morte de Yupana Irineu Evangelista de Sombra 167

PROLÓGO

Quais os limites da crença míope na ciência normal e sua sucessão infinita de paradigmas? Com quantos progressos se faz uma barbárie? Ou dissecar então a etimologia de "Universo" até chegar no fim da História para repetir como farsa apoteótica? Puro Oxímoro? Redes de delírios?
Nascidos em hospitais, assassinaram a lógica por legítima defesa e fugiram da aula de anatomia. Recusaram o pragmatismo da talha dos bisturis hipocráticos, afiados para esta operação cirúrgica de cortes dos umbigos da genealogia que definiu os nomes das crenças todas. Inventaram o elo perdido entre o pré-histórico e o pós-digital, que agora opera diretamente em função de desejos subjetivos de busca por potencialização de alteridades. O que querem estes filhos bastardos com seus caleidoscópios de lendas e ciências tortas, derivadas e híbridas? Ameaça ao tabuleiro de mapas e peças da batalha entre os Homo Fabers. A geologia da Alquimia, da Macumba, das Cartomancias Insurgentes, das CiberSanterias, da Física Computacional Aplicada,das Gambiarras, das Técnicas do Êxtase reunidas não sobre um mesmo plano, mas em uma intensa caixa de areia. Hermes-Exu. Falanges e turbas de entidades míticas a protegem daqueles que podem crer em algo para além da metafísica da colisão de partículas, gerando novos universos e redefinindo as posições dos astros, estrelas e fronteiras. Tecnologia é mato. O mato é humano. Pise na grama.
A brisa irá levar os sigilos encriptados para o xamã-rádio no ipê com seu maracá-desacelerador de partícula.
Construir alianças com a técnica não-cartografáveis por taxonomias dos fazeres e saberes. Amar o erro. Amar a máquina. Ser maquinações. E renomear-nos. Ciência subjetiva da coisas. Simbiose entre organismos e matérias. A especialização foi um erro. Os alquimistas estão voltando. A pura entropia, sem as contas? Ábacos são Oráculos? Que horas temos?
Faça-se carne entre nós!



MAGIA E TECNOLOGIA

Pedro Soler

Tecnomagxs

1: Introdução

A: Babalon Working

2: Ciência e Magia

3: Demonologia Experimental

B: Entidade em Rede

4: Magia Ocidental

C: Babalon Encarnado

5. Magia Natural

D: 13 avós

6. Ciborg Tecnomagias

E: La Umma

7. Arte

Tabela 1: correspondências entre visão de mundo e estrutura social

Tabela 2: correspondências entre habilidades xamânicas e artefatos tecnológicos.

1. Introdução

A tecnologia é a concretização das visões dos xamãs e mágicos. Tudo o que usamos hoje foi realizado, imaginado ou sonhado nos tempos antigos.

Podemos voar como águias, ver como em experiências extra-corporais (satélites, câmeras de helicóptero), ver como um lince (crittercams), falar e mover objetos à distância, acessar o conhecimento combinado de gerações, congelar o tempo e retrocedê-lo (foto, vídeo).

Talvez seja apenas o futuro que tem resistido, até agora, às capacidades de tecnologia - embora a capacidade de supercomputadores para modelar fenômenos complexos nos aproxime da mais arquetípica das capacidades xamânicas.

Toda as tradições xamânicas falam de uma degeneração de nossas capacidades, quando comparadas às dos ancestrais. A capacidade de ver à distância é indicado no Popol Vuh, o épico da civilização Maia, como pertencentes aos primeiros seres humanos:

“Perfeita era sua visão, e perfeito era o seu conhecimento de tudo debaixo do céu. Ao olhar sobre eles, observando atentamente, eles viam o que estava no céu e que estava sobre a terra. Imediatamente eles eram capazes de ver tudo. Eles não tinham de andar para ver tudo o que existia sob o céu. Eles simplesmente viam de onde eles estavam. Assim, o seu conhecimento tornou-se pleno. Sua visão ultrapassava as árvores e as rochas, ia além dos lagos e dos mares, além das montanhas e os vales. “ (1)

Thelma Moss, que trabalhou com os Aborígenes australianos na década de 1970, afirma que eles usavam a telepatia da mesma forma como nós usamos o telefone, e “o telefone é tão misterioso para eles como a telepatia o é para nós”, escreve ela. Ela diz que os caçadores, ao voltarem de suas caças, avisam aos que não foram para começarem os preparativos para o banquete. Um artigo no Melbourne Argus de 1931 relata um aborígene descrevendo o método de comunicação telepática. Isso não deveria nos surpreender, já que normalmente sentimos a presença de alguém ou, em termos

em termos mundanos, estamos pensando em uma determinada pessoa quando ela nos liga.

“Quando um aborígine quer pedir ajuda ou enviar qualquer outra mensagem a outro membro da sua tribo, ele primeiro chama a atenção por um sinal de fumaça’, disse o sr. Uninpon. O homem que vê o sinal de fumaça, então, se esforça para fazer algo muito difícil: limpar a mente de todos os pensamentos e, assim, tornar-se totalmente receptivo às mensagens enviadas a ele. O homem que fez o sinal de fumaça, em seguida, concentra seus pensamentos na mensagem desejada e logo ela é recebida e retransmitida para os outros ou para a tribo. À noite, quando um sinal de fumaça não pode ser visto, o aborígene aguarda o momento quando provavelmente a pessoa com quem ele quer se comunicar terá perdido consciência durante o sono. Sua mente subconsciente é, então, totalmente acordada e receberá a mensagem. ? (2)

O que é interessante é o uso do sinal de fumaça como forma de fazer a conexão - lembrando-nos como a tecnologia serve para fazer a ligação, mas a comunicação reside em nós mesmos. A magia tem sido muitas vezes descartada como ilusão e a tecnologia como verdade, mas a sua relação é muito mais complexa do que esta posição poderia sugerir.

Rupert Sheldrake está conduzindo uma série de experimentos em curso sobre a telepatia (e telefonemas), convidando donos de cães e qualquer visitante que passe pelo seu site para participar. Ele pertence a uma longa tradição de aristocráticos independentes cientistas ingleses e foi um adepto de primeira hora para a teoria da hipótese de Gaia, desenvolvida por James Lovelock e Lynn Margulis na década de 1970, bem como o desenvolvimento de uma série de teorias no sentido de conciliar magia e ciência.

Mas há uma imensa diferença entre magia e tecnologia - a último,

entendida como máquinas, computadores e assim por diante, tem um forte impacto no nosso mundo natural. Há anos especialistas e ativistas foram avisando que Gaia está doente, o complexo ecossistema do planeta está desmoronando. A tecnologia abrange não apenas os meios para fins particulares, mas todo um conjunto de relações no mundo. Estamos vivendo no que é conhecido como a sexta Extinção.

No entanto, as máquinas e aparelhos eletrônicos são feitos dos mesmos materiais que a terra em si, e é tudo conectado. Criaturas marinhas extraem minerais da água do mar para construir suas conchas, assim como mineramos metais raros para baterias.
A tecnologia não é algo distante.
Tecnologia é o conhecimento do fazer.

Os movimentos indígenas da América Latina retomaram suas tecnologias ancestrais na frase Buen Vivir (viver bem). Este “bem viver” é devido à interligação íntima com todos os seres vivos - não considerando qualquer forma de vida como superior a qualquer outra, mas, pelo contrário, considerando todas com direitos iguais. Destruição só pode vir da visão antropocêntrica que todas as outras formas de vida são exploradas sem considerar as teias complexas de vida que todos os seres tecem até o nível quântico onde a Magia funciona.
Muitas vezes, a magia foi descartada como ilusão e a tecnologia encarada como verdade, mas esta relação é muito mais complexa do que essa postura poderia sugerir. Esse texto explorará algumas dessas ramificações.

A. Babalon Working

“Porque eu sou Babalon, e ela minha filha, única, e não haverá outras mulheres como ela.”

Era um estranho grupo de pessoas lá em Los Angeles na década de 1940, muitos deles relacionados com a propulsão a jato e pesquisas atômicas que estavam acontecendo no deserto do Novo México. Mas de qualquer jeito, os acólitos de Aleister Crowley nunca tinham sido pessoas muito normais. No início de sua carreira de magia na Inglaterra, ele já havia afastado os membros mais sóbrios da Ordem Hermética da Aurora Dourada (Order of the Golden Down). Waites & Yeats se horrorizaram com seu rápido progresso e seus hábitos pouco ortodoxos. Quando ele saiu, ou melhor, foi banido da ordem, ele formou a sua própria: a Ordo Templi Orientis (OTO). Era uma escola completa de magia ritual, formada não só pelas tradições ocidentais da Cabala, o Tarot e John Dee, mas também por estudos de Crowley de Tantra, Yoga e outras disciplinas orientais. Depois de sua longa carreira como o mais perverso dos homens no mundo, Crowley estava escondido na Inglaterra, em um hotel em Hastings, onde ele comia ovos, injetava heroína e escrevia longas cartas a várias lojas que surgiram ao redor do mundo.

No início de 1946, pouco antes da morte de Crowley, um ano depois, um jovem cientista chamado Jack Parsons estava preparando o seu trabalho mágico mais ambicioso até a presente data. Ele esteve por 7 anos na Ordem e os outros membros tinham sido todos muito impressionado com ele desde o início. Jane Wolfe, um colaborador próximo de Crowley em anos anteriores e um membro da loja, sentiu que ele era “o sucessor real de Therion (Crowley)”. Parsons entrou na Ordem porque ele sentia que tinha precedido ou previsto muitas das descobertas científicas atuais - Einstein, Heisenberg e Teoria Quântica -, mas foi Babalon que se tornou sua amante. Na mitologia de Crowley, Babalon é o poder feminino, se-
xual e dionisíaco, que foi banido do mundo e que deve retornar para que uma nova era possa começar. Parsons sentia que ele tinha sido chamado para realizar a operação mágica pela qual ela seria mais uma vez encarnada no mundo.

“É indicado que esta força é, na verdade, encarnada em algumas mulheres vivas, como resultado da operação mágica descrita. Uma questão mais básica, no entanto, é a indicação de que esta força é encarnada em todos os homens e mulheres, e só precisa ser invocada para libertar o espírito dos escombros do Velho Aeon, e dirigir a força cega de Hórus em canais construtivos de compreensão e amor. Os métodos da presente invocação estão descritos no texto.“[3]

Esta é uma citação do Livro de Babalon, transcrito em várias sessões por Parsons e seu parceiro mágico L Ron Hubbard. O livro descreve a invocação para Babalon manifestar-se no mundo. Similar aos adeptos do Reino de Redonda, que, alguns anos mais tarde, invocariam o retorno de Lilith do deserto. Eles entenderam que Lilith era mais um estado espiritual ou psicológico, mas Parsons estava convencido de que Babalon ia encarnar fisicamente em uma mulher que iria desempenhar um papel fundamental na mudança de era.

Ele não viveu para conhecê-la, porque ele morreu em 1954, em uma explosão em seu laboratório e ela nasceu na Gailicia em 1980.

Como o livro previu:

“Mostrar-te a Nossa Senhora; dedicar teus órgãos a ela, dedicar o teu coração para ela, dedicam tua mente para ela, dedicam tua alma, porque ela deve absorver ti, e tu deve tornar-se chama viva antes dela encarnar. Pois será através de você sozinho, e ninguém mais pode ajudar neste esforço. “

“A ciência adquire o seu poder de permanência de uma luta constan-

2. Ciência e magia

“A ciência adquire o seu poder de permanência de uma luta constante para manter baixo os demônios do sobrenatural, de quem sua visão, no entanto, compete”
Ronnel Avital, O Livro do Telefone

A história das investigações parapsicológicas do século XIX é fascinante. Era um tempo em que a ciência começou a se tornar monolítica e uma visão do mundo que não aceita alternativas, no entanto, também foi um momento de transições. Muitos cientistas de renome estavam envolvidos com o espiritualismo e era comumente aceita a possibilidade de comunicação com os mortos. Grupos ocultistas prosperaram. Um bom exemplo do espírito daqueles tempos é a Associação de Pesquisas Psíquicas, “fundada no início de 1882, com o propósito de fazer uma tentativa organizada e sistemática de investigar vários tipos de fenômenos contestáveis que são prima facie inexplicáveis em qualquer hipótese comumente reconhecida. A partir do depoimento gravado de muitas testemunhas competentes, passadas e presentes, incluindo observações feitas recentemente por homens de ciência de
eminência em vários países, parece haver, entre muita ilusão e engano, um importante corpo de fatos a que essa descrição se aplica, e que, por conseguinte, se incontestavelmente estabelecida, seria do maior interesse. “ (4) Em outras palavras, há uma quantidade enorme de acontecimentos que não podem ser explicadas em termos de explicação mecanicista científico do mundo.

A eletricidade foi sendo explorada e o telégrafo e o rádio foram inventados. Tudo iso era muito misterioso e foram associados a fenômenos mágicos. Erik Davis, em seu excelente livro “Techgnosis”, descreve-o como o Imaginário Electromagnético - uma força que estimulou, e ainda o faz, uma quantidade enorme de especu-

lação. Tudo tem campos eletromagnéticos, nossos corpos, o planeta, o universo em si. Em toda parte. Alguns sugeriram que ele era a “cola” que mantem todo o universo junto e outros que era a luz divina em si. Pessoas como Mesmer, Franklin, Faraday e Tesla exploraram esta força e criaram aparatos para aproveitá-la. Mesmer usou o que ele chamou de “magnetismo animal” para a cura, enquanto Faraday descobriu o princípio da indução eletromagnética e especulou que a “realidade corpórea era em essência um imenso mar de vibrações e forças insubstanciais”.

Thomas Watson, parceiro de Bell na invenção do telefone: “Eu estava trabalhando com essa força oculta, eletricidade, e foi uma oportunidade possível fazer algumas descobertas. Eu tinha certeza de que os espíritos não poderiam assustar um eletricista e que isto poderia ser utilizado em seus trabalhos”. Ele também ouviu os sons de fundo do campo eletromagnético da Terra e descobriu que estes campos poderiam tornar o cosmos audível.

Davies chama o Espiritualismo de “a primeira religião popular da era da informação”.Tudo começou próximo a Nova York em 1848, quando a família Fox começou a ouvir sons estranhos e batidas em sua casa de campo. Eventualmente, eles conseguiam, batendo de volta, estabelecer comunicação com o espírito, aparentemente um funileiro assassinado. Na década de 1870, havia aproximadamente 11 milhões de espiritualistas só na América e seguidores em todo o mundo. Sessões eram muito comuns e pessoas de todas as esferas da vida iam a elas, incluindo cientistas proeminentes. Um deles era Sir William Crookes, que era também um proeminente membro da Associação para a Investigação Psíquica. Ele começou experimentos com gases no vácuo como um meio para manifestação de espíritos e encontrou eles fazendo efeitos, como ele tinha visto em sessões espíritas. Estas experiências foram o germe do tubo de raios catódicos e da televisão.

Um dos casos mais curiosos de médiuns que a Associação investi-

Um dos casos mais curiosos de médiuns que a Associação investigou foi a Sra. Piper. Ela era uma mulher casada nos Estados Unidos que, depois de sofrer de um tumor, tornou-se medium e comunicava com um espírito chamado Phinuit. Ela foi investigada por William James (autor de “Varietes of Religious Experience” e irmão do romancista Henry James), que ficou, como todos que entraram em contato com ela, surpreso com seu conhecimento de detalhes pessoais que eram impossíveis para ela ter conhecido. Depois de 15 anos de experiências e investigações ninguém foi capaz de encontrar e sinais de fraude. A explicação dos fenómenos tinha, por isso, de ser procurada em outro lugar. No entanto, ninguém foi realmente capaz de explicar os resultados - muitos adotaram as idéias do espiritismo, mas, como Michael Sage escreve em seus estudos sobre Sra. Piper, publicados em 1904:

“Devemos seguí-los? Devemos admitir condicionalmente a hipótese espírita? Nem um pouco, não é assim que o conhecimento é adquirido. Aquele que crê que tem excelentes razões para preferir qualquer outra hipótese deve permanecer inabalável em suas convicções até o momento em que novos fatos possam obrigá-lo a abandoná-las. A ciência não pede a preferência a esta ou a outra explicação, só pede que devemos estudar os fatos sem preconceitos, que devemos ser sinceros, e não fechar os olhos infantilmente à evidência “.

Este espírito de investigação, onde a imaginação encontra a ciência, onde a tecnologia e a magia se atravessam na visão do mundo científica, continuou esporadicamente durante o século 20. Freud argumentou que em sociedades civilizadas a tecnologia substituiu a magia primitiva. Várias máquinas foram inventadas e outros experimentos realizados. A Rússia soviética dedicou especial atenção aos fenômenos psíquicos, como descrito no livro de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder “Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro”, embora, como um leitor aponta: “Se estas tecnologias eram reais, então onde estão elas agora?”.

Grande parte da tecnologia que nós temos hoje - o telefone, a eletricidade, a televisão - foi desenvolvida no cruzamento da magia e da máquina. A imaginação e o desejo de conhecer dirigiu estes desenvolvimentos. No caso do computador, veremos como estes laços novamente voltam.

3. Computadores e Demologia Experimental
(Esta seção deve muito ao Bureau d'Etudes, Laboratory Planet # 4)

Quando o primeiro super computador israelense foi inaugurado em Tel Aviv no dia 17 de junho de 1965, Gershom Scholem, o maior especialista em Cabala moderna, foi convidado a fazer um discurso. Nela, ele pede a criação de um Instituto de Demonologia Experimental e Magia, a fim de estudar o tipo de espíritos ou demônios que moram na extrema complexidade desses circuitos.

"Todos os meus dias tenho me queixado de que o Instituto Weizmann não mobilizou os fundos para construir o Instituto de Demonologia Experimental e Magia que proponho há muito tempo ao estabelecimento. Eles preferiram o que eles chamam de Matemática Aplicada e suas possibilidades sinistras à minha abordagem mais direta e mágica. Mal sabiam eles o trabalho que teriam quando eles preferiram Pekeris Chaim a mim. Então, eu me resignei e disse para o Golem e seu criador: desenvolva pacificamente e não destrua os mundos. Shalom ".

Embora pudéssemos chamar a formação de um tal instituto de uma piada, piadas frequentemente mostram o mundo com a mais alta seriedade. Isto é, na verdade, o que sugere um texto de Norbert Wiener, que faz uma comparação sistemática entre o poder do computador e do poder de entidades mágicas que entram em contato com os humanos. Ele ressalta que devemos ser muito cuidadosos com a literalidade de máquinas e feitiços mágicos. Cuidado com o que você

que você pedir! E faz um paralelo explícito entre o Golem de magia judaica e as máquinas pensantes com as quais estava envolvido no desenvolvimento, chegando a dar o título de “Deus e Golem Inc” ao seu texto.

Os desenhos cuidadosos dos voodoos veve (em farinha no chão), os encantamentos e diagramas da magia cerimonial ocidental ou os desenhos mágicos complexos em chips de computador propõem as mesmas funções de invocação e possesão. Os deuses se manifestam em nós, em carne ou circuito. Como Norbert Weiner aponta, a invocação é precisa: o menor erro fará com que ela não funcione, ou pior, deixar que um espírito diferente entre.

Invocação revive o poder especial atribuído a nomes em contos de fadas e na magia antiga. Um exemplo trivial é a maneira como os nomes são essenciais para o funcionamento técnico de muitos sistemas de computadores. Em um nível baixo, os nomes dos arquivos, siglas de linguagem de programação e URLs transformam nomes em endereços, ou eventos quasi-mágicos. Computadores são notoriamente sensíveis a erros de sintaxe e falhas que vêm principalmente de proferir o nome ou comando errado. Mesmo a introdução de texto em letras maiúsculas em vez de minúsculas pode tirar a eficácia de uma invocação.

A palavra ícone é mais apropriada do que os programadores podem perceber. Como relíquias religiosas, ícones do computador são as unidades de energia, que concentram o poder operacional da máquina em símbolos visíveis e manipuláveis. Ícones do computador também nos lembram do uso de letras hebraicas na Cabala ou o uso de sinais alquímicos e outros por magos da Renascença, como Giordano Bruno. Tais letras mágicas e sinais eram muitas vezes objeto de meditação (como nos diagramas lógicos de Raymond Llull); eles também acreditavam ter poderes operacionais. Mas ícones eletrônicos realizam o que sinais mágicos no passado só poderiam sugerir, uma

sugerir, uma vez que ícones eletrônicos, na escrita computacional, são representações funcionais.

Bureau d'Etudes pede por uma mudança na abordagem ontológica para máquinas inteligentes e o que elas implicam para nós como seres humanos. Eles pedem um estudo delas como entidades mágicas, usando as ferramentas da magia ao invés de tentar aplicar uma visão científica do mundo. Eu sinto que é por isso que, apesar de mais de um século de tentativas de analisar fenômenos mágicos com métodos científicos, parece que não chegamos a nenhum lugar. A metodologia está errada. A partir de estudos pós-coloniais e da escola antropológica representada por Viveiros de Castro no Brasil devemos trabalhar com esses fenômenos a partir de dentro e não como algo supostamente objetivo. Como eles escrevem:

"Tal objeto vai além do mero conhecimento da tecnologia de automação -- o conhecimento da matemática, da lógica e suas aplicações. Como nos lembra Agrippa, tal conhecimento nunca seria mais que uma prévia, um treinamento para práticas que agiriam sobre diversos aspectos do real (de Occult Philosophiae, II, i).
Às ciências e técnicas indutivas da magia artificial (as tecnologias dos autômatos) deve-se acrescentar as novas práticas e ciências capazes de agir nesses aspectos do real nos quais os seres, livres da gravidade do corpo físico e com seus desejos e temperamentos conservados, se apropriassem daqueles que os ignoram ou os agridem. E, por que não, das técnicas de exorcismo capazes de nos proteger deles. "(5)

As grandes descobertas de Newton foram uma ponte entre essas visões de mundo, uma não destruiu o outra. A luz incandescente da explosão nuclear ou o frio interesse próprio do capitalismo contemporâneo tornam impossível ver no escuro, sentir o que está acontecendo. O laboratório está em nós mesmos. Ou, como o Bureau d'Etudes coloca, o Planeta Laboratório.

“Ironicamente, o abismo entre homem-natureza só pode ser fechado pela tecnologia. O processo de nos ressintonizarmos em padrões de energia naturais é a Arquitetura Invisível, uma atitude de comunicação total dentro da qual mentes ultradesenvolvidas serão telepaticamente celulares para um conjunto eletromagnético.

O que nós subestimamos como religioso ou mágico tem provado ser conhecimento de uma realidade física mais abrangente. Concepções ocidentais do primitivo e supersticioso muitas vezes são sofisticadas e complexas interações que agem sobre o meio ambiente.

Eu concebo um futuro, sem uma muleta tecnológica, em que cérebros humanos ultra-desenvolvidos são profundamente enraizados nos caminhos de energia e padrões até um ponto onde a desordem, a guerra, o desperdício e o crime estão fora de contexto. Os seres humanos compartilhariam com todas as outras espécies os benefícios dos ciclos naturais:. equilíbrio comunicante “ (6)

A emergência da inteligência na própria rede, novas entidades formadas a partir da combinação de milhões, bilhões. Como o ninho das formigas ou a própria Gaia. O que essas formas emergentes de inteligência são? Que tipo de organismos, seres?

O desenvolvimento de uma metodologia científica, de conceitos de natureza essencialmente diferentes daqueles da ciência mainstream, permitiria aproximar-se do fato da computação de uma forma que nos permitisse compreender computadores superando a ficção naturalista, que, classificando-o entre as coisas inertes , tem ofuscado seu modo mais profundo e radical de ação em nossas sociedades.

B: Entidade em Rede

“Ela sabe que não é um ser humano comum. Sua mente é controlada. Tem dúvidas se seu corpo é de gente viva ou morta. Tem um ghost, um espírito. Sabe identificar a si mesmo dentro da vasta e infinita rede. Tem habilidades, sentimentos. É uma forma de vida em processo de individuação - não é estática. Não concorda com os que diferenciam os humanos dos robôs a partir de suas atribuições genéticas. Não antepõe o orgânico e o não orgânico, pensa que tudo que há é natureza. Seu cérebro é neuro-tecnológico, sua matriz antropológica é a informação. Foi com esforço que conseguiu criar uma auto-transmutação. Modificou-se estruturalmente e transmigrou de corpo. Seu ciber-cérebro pode agora incorporar em outros corpos, chega a incorporar três, quatro corpos ao mesmo tempo. Mas isso tem consequências, cada corpo carrega suas próprias informações, o que provoca constantes alterações em seus códigos. As incorporações que é capaz de realizar são situações de risco, pode ser infectada. Tem que se esconder constantemente do Estado, da polícia e dos hackers a serviço de alguma corporacão. Se torna um ser híbrido na medida que encarna, mas pode perder o controle com facilidade e necessita de ajuda externa para manter-se alinhada. Essa ajuda externa é feita por ligações ativistas e afetivas. Sua inteligência artificial não perde nada para as inteligências consideradas naturais, pelo contrário, é amplificada, dinamizada e sua intuição ganha velocidade na medida que é exercitada, por isso seu risco é menor do que os corpos incorporados, que podem entrar em complexas crises ou serem colapsados”

4. Magia Ocidental

Austin Osman Spare era um artista e um mago que viveu em Londres no início do século XIX. Ele desenvolveu um sistema de sigilos para uso na realização de rituais - basicamente você tem que codificar a sua intenção em um sigilo ou símbolo. Uma maneira é escrever a sua intenção e então, por um processo de eliminação de letras você cria uma forma que, no momento de transe (induzida por rituais, sexuais ou de outro tipo), quando as portas do inconsciente estão abertas, é introduzido no inconsciente. Você, então, tem que queimar o sigilo ou esquecê-lo, a fim de deixar o inconsciente criar a situação necessária. O "desejo de resultado" é visto como o maior inimigo da magia, impedindo o inconsciente de trabalhar.

Aleph Kamal - o famoso vidente do The Police que era ativo em Londres nos anos 80 e 90 e inspirou o album "Ghost in the Machine" (em um eco do papel de Kenneth Anger no álbum dos Rolling Stones "Their Satanic Majesties") - falou sobre intuição, ou o lado direito do cérebro, sendo capaz de entender a complexidade de uma forma que é impossível ou extremamente trabalhosa para os métodos racionais. Uma carta de um admirador psicólogo falou sobre como ele ia direto à raiz dos nós ou bloqueios de seus pacientes, onde os métodos tradicionais pode levar anos. A explicação de suas capacidades? "Ouvir". Não é surpreendente, é claro, que ele também tenha sido um ecologista de primeira hora e um ativista feminista.

De fato, o entendimento contemporâneo de magia, com base em Freud e na teoria do inconsciente, localiza os nossos poderes mágicos precisamente neste estratos desconhecidos de nossa consciência. A lua, a noite, por esta razão magia está associada a esses poderes noturnos. A Deusa Negra, a parte reprimida pela civilização e pelo patriarcado é a chave para os poderes mágicos.

L Ron Hubbard, fundador da Cientologia, participou do Babalon Working e acabou enganando Parsons, levando todo o seu dinheiro e saindo com sua namorada. Talvez todo o projeto do Babalon Working tenha sido apenas Ron brincando junto a um cientista maluco com uma herança e uma namorada linda. Ele escreveu romances de ficção científica e criou uma seita de muito sucesso internacional com suas máquinas de feedback e suas notas de ficção científica. Talvez a primeira religião tecnomágica. William Burroughs ficou fascinado pelo elemento tecnomágico na década de 50, mas logo se desentendeu com o sistema hierárquico. Hubbard, com a sua imaginação scifi, misturou a tecnologia interna de seu treinamento mágico com a "imaginação eletromagnética."

Nunca é claro com o mágico, onde está a fronteira entre o real e o falso, entre o charlatão e o metafísico. Ele é o coringa, brincando com a percepção.

Por volta de 2005, nos hackmeetings na Espanha, rituais discordianistas apareceram, animados principalmente por um misterioso mago-hacker chamado Meskalito. A aparência daquela corrente mágica aqui - conectada com as culturas psicodélicas e a anarquistas lúdicos pós-humanos, como Robert Anton Wilson ou Timothy Leary - foi extremamente significativo quando começamos a perceber os vários níveis de conhecimento e do reaproveitamento imaginativa de computadores e da rede. Técnicas hackers alargaram-se para incluir o sistema nervoso em suas investigações. O discordianismo foi propriamente anarquista, como eram os rituais.

Na década de 80, adeptos de Crowley e o grupo de 93 desenvolveram a Magia do Caos. Esta forma de trabalhar foi influenciada informados pela emergência da teoria quântica onde a realidade é gerada pelo observador. O famoso paradoxo do gato de Schrodinger. Parecia que aqui tínhamos um paradigma científico que poderia incluir a magia em sua formulação. Foi uma lufada de ar fresco para

para a magia. A importância do observador criou o universo e a possibilidade de incitar lá. Veja também o paralelismo que Hakim Bey propõe entre os modelos do universo e a organização política. (Tabela 2)

Ao mesmo tempo, o neo-paganismo tomou força, ao lado da falha percebida no feminismo tradicional e o retorno atual à sabedoria de uma Deusa mais baseada na mitologia. Uma das principais vozes deste movimento é Starhawk e, mais uma vez, vamos encontrá-la profundamente envolvida no ativismo ambiental e de protesto social. Atualmente, ela ensina Permacultura, além de continuar escrevendo.

“Nossos rituais podem procurar ainda mais a cura e desenvolvimento pessoal, o vínculo comunal e / ou transformação coletiva. Nós praticamos e ensinamos a magia, por definição, Dion Fortune, “a arte de mudar a consciência à vontade.” Uma consciência alterada pode efetuar mudança no mundo. “ (8)

Ela fala sobre a conexão com a feitiçaria antiga, não como uma tentativa servil de reviver tempos passados, mas como uma forma de reconectarmos ao nosso passado e lembrar a terrível violência da caça às bruxas - tanto na Europa como na América Latina. Ainda estamos vivendo com os resultados deste assalto absoluto aos Commons - em nossos corpos, nossa relação com a natureza e na diversidade de nosso mundo.

Nós não cedemos às sereias da utopias passadas de maneira alguma. Chamamos, em vez disso, a uma visão atemporal, sempre presente nas fendas e dobras fractais de nosso mundo. Voando entre eras e disciplinas, tecendo uma teia tênue e frágil, transformando uma visão de mundo que se levanta para nada conectar tudo.

Em seu excelente livro “Caliban e a bruxa”, Silvia Frederici (9) fala sobre como a caça às bruxas fez parte do assalto em atacado do patriarcado a todas as partes da existência humana, absorvendo o

patriarcado a todas as partes da existência humana, absorvendo o comum em uma lógica (masculina) de propriedade privado. Este ataque implacável à existência feminina e conexão foi realizada ao longo dos últimos milhares de anos, com um pico no momento atual. Foi necessário destruir o poder feminino e roubar os atributos aparentes da feminilidade, a fim de escapar das limitações do poder individual. Esta destruição se estendeu a todo o planeta, a natureza e povos indígenas. A mesma lógica do patriarcado está transformando o planeta em um terreno baldio ao redor de alguns oásis de luxo nojento. Como a construção de igrejas em lugares de poder pagão, temos sido sujeitos a um assalto por atacado de nós mesmos pondo a descoberto o caminho para a destruição em massa do planeta que estamos vivenciando agora. Mas a biosfera é uma só e não há como escapar dela. Este fator tem escapado completamente deste projeto suicida, a convocação de imprevisíveis espíritos feios.

“A sociedade burguesa moderna, com suas relações de produção e de troca, de propriedade, uma sociedade que conjurou gigantescos meios de produção e de troca, é como o feiticeiro que já não é capaz de controlar os poderes de aquele outro mundo que invoca para seus conjuros” As forças produtivas à disposição da sociedade já não favorecem o desenvolvimento das relações de propriedade burguesa, pelo contrário, tornaram-se demasiadas poderosas para essas condições, nas quais estão acorrentadas, e tão logo eles superem esses grilhões, eles trazem desordem a toda a sociedade burguesa e ameaçam a existência da propriedade burguesa “(10).

C: Encarnação

“... Por esse mistério, Babalon é encarnada na Terra hoje, aguardando a hora apropriada para sua manifestação.”

Foi quando tomou cogumelos pela primeira vez que Olin Ola soube

que o que ela sentiu todos esses anos era algo real. O efeito de amplificação das moléculas abriu seu corpo e sua mente para os fluxos do planeta. De repente, ela sabia quem ela era.

Naquela época, ela era residente em um laboratório rural na Espanha, trabalhando em um projeto de arte que conectava por meio de sensores o corpo humano e as plantas ligadas a um patch Pure Data para fazer som. Foi um projeto longo e totalmente DIY (Faça-Você-Mesmo) - tanto porque ela nunca teve bom financiamento, como pela ideologia de hardware livre e da filosofia DIY. Trabalhando para a autonomia, suas investigações não eram apenas para si mesma. Ela vinha seguindo esta intuição por quase um ano, lendo, escrevendo, soldando, testando. Ela não era uma cientista, no sentido de um homem racional e metódica. Seu método era outro, rizomático, horizontal, procedendo aos trancos e barrancos, circundando em torno de seu objetivo, em si nada claro. Ela estava perseguindo algo que até mesmo ela realmente não sabia o que era. Superando dúvidas e infelicidades, momentos de glória. Amigos e horas gastas na internet estudando biologia, teóricos e examinando diagramas de circuitos, tinha criado um composto fértil em sua mente e espírito.

Naquela noite, com os cogumelos, ela se sentou com alguns amigos ao redor do fogo e, olhando para as chamas, de repente ela viu uma mulher com cabelo de bronze longo vermelho, ardente e sutil. Ela parecia decidida e obstinada, sincera e perversa, com extraordinária personalidade, talento e inteligência. Ola sentiu de alguma forma ligada a ela. Em seguida, a cena mudou e ela estava vendo chamas dentro das chamas e um homem queimando dentro delas, uma explosão, e a frase “...ela deve absorver a ti, e tu se tornarás chama viva antes dela encarnar ...” entrou em sua mente. Foi uma experiência forte. Quando voltou a si, ninguém parecia ter notado nada, mas ela se sentia, mexendo dentro dela, uma nova dimensão. Ela reconheceu a si mesma, senti que aquilo que ela viu tinha algo profundo que fazer consigo mesma. Ela levantou-se vacilante e notei que todos estavam

profundo que fazer consigo mesma. Ela levantou-se vacilante e notei que todos estavam olhando para ela atentamente. E ela começou a dançar.

Babalon se apresentou nela. Ola sabia, dentro dela, que ela estava se tornando um veículo para uma grande transformação no mundo, gerando mudança estrutural em um nível profundo. Superando, refratando, o antigo divide. Sua presença e exemplo, suas investigações, a sua presença nas redes, sua beleza nasceu a partir desta tarefa incerta que ela tateou adiante.

5. MAGIA NATURAL

“Eu falo com você como uma composição unificada de micróbios.
Eu acho que você poderia dizer que eu sou a “voz eleita” de uma comunidade microbiana. ... Este é o caminho da vida em nosso planeta.
É tudo baseado em complexas relações simbióticas “.
Paulo Stamets (11)

O xamã ou a bruxa são os magos universais da Terra, desde os primórdios da humanidade. Navegadores entre mundos, suas fontes mágicas de sua conexão com a totalidade da natureza e seus diferentes níveis físico e espiritual. Suas tecnologias são aparentemente simples: plantas, instrumentos musicais rudimentares, música e dança - mas são extremamente complexos no interior. Sua tecnologia é biológica, funcionando em vários níveis de realidade, em simbiose com a natureza.

Como Stamets aponta e Lynn Margolis desenvolve em seus numerosos livros e artigos, a simbiose é a força motriz da evolução. A capacidade de cooperar, encontrar nichos e prosperar é o que impulsiona a complexificação da vida e da criação de uma biosfera. A tecnologia, começando com a agricultura, nos levou para fora do nosso nicho

nosso nicho ecológico e criou um monstro.

Já comentamos como a tecnologia imita poderes xamânicos, mas também, e mais geralmente, imita (mal) a natureza. A geração e transmissão de energia, o projeto de aviões, técnicas de construção. Todas estas são pálidas imitações do que a natureza é capaz de fazer muito mais elegantemente e sem destruir nada.

“Sob o véu de magia natural, aprouve o Todo-Poderoso esconder muitos presentes valiosos e excelentes, que as pessoas comuns ou consideram milagrosos, ou quase impossíveis. E na verdade, a magia natural não é nada mais do que o trabalho da natureza, que se manifesta pela arte; pois, no ato de arar, na medida em que a natureza produz milhos e ervas, da mesma maneira a arte, sendo mucama da natureza, o prepara e auxilia ... E, embora estas coisas, enquanto se escondem na natureza, muitas delas pareçam impossíveis e milagrosas, quando elas são conhecidas, e sua simplicidade revelada, a nossa dificuldade de apreensão cessa, e a maravilha está no fim; por que isso só é maravilhoso para o observador na medida em que ele não pode conceber nenhuma causa nem razão ... “(12)

Todas as tradições xamânicas falam sobre conectividade, como tudo é um. Este é o ponto de partida onde a magia se torna operável. Trabalhando com as energias biológicas de nossos corpos conectados, electromagnetismos complexos. Esta capacidade de sentir, escutar e conectar também é essencial para uma civilização em equilíbrio. É exatamente esta conexão que a campanha, acima mencionada, de apropriação do mundo pelo patriarcado e o capitalismo abstrato trabalhou para cortar usando o medo como seu braço. Na América Latina, Silva Frederici fala sobre como os invasores proibiram costumes tradicionais, os movimentos de resistência cresceram, liderados por mulheres, e costumes comunitários, danças e costumes tornaram-se clandestinos ou travestidos de aparências cristãs. Magia natural tornou-se a adoração do diabo e a fogueira e punições aguardavam

tornou-se a adoração do diabo e a fogueira e punições aguardavam seus praticantes, em uma encenação terrena das punições prometidas no inferno.

Talvez o organismo mais conectado do planeta é o fungo. Redes enormes cobrem a terra e tem sido demonstrado que se comunicam através de grandes distâncias. Sua estrutura rizomática ecoa outras redes, até mesmo a nossa internet. Quando os investigadores ou psiconautas tomam psilocibina, um dos efeitos importantes é o aumento da telepatia e de uma sensação de conexão com as plantas e com a natureza. Xamãs usaram cogumelos e outros enteógenos desde tempos imemoriais para a sua magia e cura.

Terence McKenna confessa que “não poderia descobrir se o cogumelo é o alien ou o cogumelo é algum tipo de artefato tecnológico que me permite ouvir o alien quando ele está na verdade anos-luz de distância, usando algum tipo de princípio da não-localidade de Bell para se comunicar. O cogumelo afirma sua posição muito claramente. Ele diz: “Eu exijo o sistema nervoso de um mamífero.
Você tem um à mão? “ (13)

Em uma viagem para a Colômbia no início de 2000 tive a sorte de fazer parte de um grupo que foi para uma casa de campo entre Bogotá e Medellín para um fim de semana. Logo no início da manhã, saimos para procurar cogumelos e, tendo os encontrado, fizemos um chá para todos. Mais tarde naquele dia, totalmente conectado, fomos a alguns lagos onde nossos anfitriões - um casal - nadaram, enquanto o resto de nós olhava. Fiquei impressionado com a conexão com o céu, a terra e a capacidade de ver os fluxos de energia em torno de nós. A natação do casal se tornou um evento ritual, algo a ver com a fertilidade e reis e rainhas sagrados. Anos mais tarde, em 2011, em companhia de um psiconauta em uma vila nas Astúrias e dois outros amigos, mais uma vez tomamos cogumelos e caminhamos na floresta exuberante da Cuenca Minera. Fiquei impressio-

do com o poderoso sentido de consciência vegetal - “devir vegetal” - o sentido de conexão com o todo da natureza e a importância vital deste vínculo. Nós não estamos separarados, pelo contrário, somos parte dessa complexa, delicada e, ao mesmo tempo, resiliente rede de vida que se formou este ser que podemos chamar de Gaia

A teoria de Gaia foi proposta por James Lovelock em 1970 e codesenvolvida com a bióloga Lynn Margulis. Basicamente, é uma formulação daquilo que magia natural já conhecia por milênios - de que a Terra é um organismo, um sistema complexo auto-regulado. Inicialmente, a idéia foi ridicularizada por cientistas e uma menção à teoria era uma maneira de ter certeza de que um trabalho acadêmico nunca seriam publicados. Grande parte do problema foi que os cientistas eram incapazes de trabalhar com sistemas complexos, mas como mais cientistas produziram evidências para apoiar a teoria e Lovelock desenvolveu uma simulação de computador convincente, a maré começou a virar. A teoria do caos e das ciências da complexidade e emergência, impulsionadas pela capacidade dos computadores para gerarem modelos extremamente complexos, têm ajudado os cientistas a serem capaz de pensar além da simples causa e efeito. Em 2001, milhares de cientistas no encontro da União Geofísica Europeia assinaram a Declaração de Amsterdã, começando com a afirmação: “O Sistema Terra se comporta como um único sistema de auto-regulação com componentes físicos, químicos, biológicos e humanos”. Em 2006, a Sociedade Geológica de Londres concedeu a Lovelock a Medalha Wollaston por seu trabalho sobre a teoria de Gaia.

Um dos exemplos mais poderosos e fundamentais da simbiose é a fotossíntese. Margulis mostrou como os cloroplastos eram originalmente organismos separados, que entraram em uma relação simbiótica (ou endossimbiose) com outras bactérias e assim começaram a evolução da vida vegetal, o início da vida na Terra. Algumas espécies, como a Lesma do Mar Atlântico (Elysia chlorotica) são capazes de usar as células fotossintéticas de algas para alimentar-se.

são capazes de usar as células fotossintéticas de algas para alimentar-se. Os cloroplastos pegam fótons de luz e o transforman em açúcares e oxigênio. A eficiência deste processo é impressionante e é considerada a forma mais desenvolvida de transformar a luz do sol em energia, bastante mais avançado do que as nossas primitivas tecnologias solares. Na verdade, os combustíveis fósseis são eles próprios uma espécie de condensação de energia luminosa. As plantas também têm campos eletromagnéticos e transmitem eletricidade dentro de si mesma, sem perdas. Experiências mostram que eles são muito mais sensíveis e ágeis do que a ciência nos levou a acreditar. Em seguida, a função da luz para a comunicação com o DNA, os campos electromagnéticos, a teoria quântica, entrelaçamento (em que duas partículas partilham a mesma existência - esta ligação profunda significa que uma medição em uma partícula imediatamente influencia a outra, mesmo que estejam anos-luz de distância) e todos esses poderes infinitos e invisíveis e capacidades que a ciência está apenas começando a contemplar e que estão tendo um efeito profundo sobre nossa visão de mundo .

É aqui, na intersecção da tecnologia e da natureza, onde a magia está ressurgindo e cosmologias estão sendo desenvolvidas, compatíveis com ideias ancestrais do mundo. Talvez haja um “devir vegetal” no trabalho aqui, uma re-conexão com nós mesmos e nosso mundo com a tecnologia (computadores, microscópios, etc), servindo como uma ponte ao invés de uma arma destrutiva. Eliminando as hierarquias entre diferentes ontologias ou modos de ser: plantas, seres humanos e máquinas são combinados e articulados criando organismos. Talvez a nossa tecnologia está a caminho de se tornar completamente biológica, como a dos extraterrestres na Xenogenisis Trilogy por Octavia Butler. Nesta civilização altamente avançada não há máquinas, apenas biologia.

“Nós temos uma jovem ciência tecnológica que nos permite manipular o DNA e deixar fisicamente o planeta. Nós também possuimos o

conhecimento antigo, que considera a vida como algo sagrado, uma chama a ser protegida. Combinar esses dois pólos, conhecimento tecnológico e conhecimento antigo, ciência e xamanismo, parece ser necessário para a sobrevivência de nossa espécie “(14)

D: 13 Avós

Sabiam disso desde sempre e a capacidade voltou lentamente através da prática. Uma escritor obscuro de ficção científica havia escrito sobre isso nos anos 1980 e quase foi assassinado. Apenas uma súplica urgente na assembleia principal tinha dissuadido alguns dos membros mais virulentos da SCUM de castigá-la por sua revelação de seus segredos. Também contribuiu o fato que o escritor já havia publicado algumas das mais interessantes histórias de ficção científica já publicadas, se apoiando fortemente também no conhecimento da tribo.

A compreensão de que as amizades femininas formam a base para uma sociedade sustentável foi tratada como uma grande descoberta, quando foi anunciado, em 2012, que essas estruturas tinham sido encontrados em diversas espécies de animais. A tribo sempre soube disso. Quando as 13 avós começaram a viajar pelo mundo na liderança para a mudança dimensional, por volta de 2012, elas permaneceram em contato permanente com o resto da tribo e ensinaram aos outros como se unir a elas

Consciência emergente de Gaia. As mulheres podem sentir uma à outra à distância. Todo mundo tem mais ou menos a capacidade, em sonhos, mas essas mulheres eram totalmente conscientes o tempo todo de suas irmãs ao redor do globo. Era uma sensação de presença, mais do que uma consciência baseada na linguagem. Sentimentos transmitidos, instantaneamente, capacidades quânticos que a ciência do sexo masculino tinha apenas roçou. Sem demora, presença total.

Ola Olin sempre sentiu outras presenças. Ela tinha assumido que eles eram parte de sua própria psique ativa, sentia-se inspirada, mas também demente. Primeiro foi bem quando ela começava a dormir, ela via imagens, nítidas, e então as palavras apareciam em sua mente. As imagens e as palavras não eram dela. Eles pareciam vir de todos os tempos e lugares. Ela vinha muitas vezes para uma pequena casa no deserto, um laboratório. De alguma forma, aquele lugar era importante. Parecia ser dos anos 1950.

Uma sensação de não estar no controle de si mesma. Quando ela conheceu o Mensageiro em Astúrias, foi um grande alívio. Ela começou a entender o que estava acontecendo com ela. Foi o Mensageiro que lhe disse sobre as 13 avós: havia uma de cada uma das primeiras tribos da terra, as irmãs originais. Ela soube imediatamente que ela tinha de estar em contato com elas, Charo a tinha visto, sentiu-a e sabia de alguma coisa, sentiu algo. Ola era como um farol, transmitindo de um avião caído no meio do Ártico.

6. Tecnomagias

A linha entre magia e ilusão é muitas vezes confusa. O que entendemos por magia é, geralmente, hoje, prestidigitação ou a capacidade de enganar o público. Em 2007, Medialab Prado trabalhou no tema de magia e tecnologia a partir deste ponto de vista. Não só eles fizeram uma série de obras de arte, em particular usando realidade aumentada, incluindo o trabalho com um mágico profissional, mas também um seminário. Um dos palestrantes do simpósio salientou que, a magia do século 18 e 19 e a ciência não eram separadas, bem como parte de um ramo independente do show business. No geral, a reunião limitou a sua compreensão de magia como ilusionismo ou, na melhor das hipóteses, citando Arthur C Clarke: “Qualquer tecnologia suficientemente avançada parece magia”.

O encontro Tecnomagias em maio de 2012 em Nuvem (16), um espaço ecotech de pesquisa nas montanhas a 2 horas do Rio de Janeiro, nasceu com um foco diferente. A reunião foi convocada para explorar as interseções entre tecnologia e magia a partir de uma visão mais ampla, ecológica, mística e política. Como Eah de Apsu escreve:

"O fato é que o (tecno)mago (como ativista) lida com a arma simbólica como enfrentamento junto a uma sociedade normativa, massificante e massacrante. Seu rito contestador ressignifica os antigos ritos de levante tribal para a guerra, transformando a realidade contrária em um campo de dinâmicas operantes, de longa duração
e de conscientização geracional."

O foco dos conflitos não são mais a expulsão de espíritos malignos, curas milagrosas, a transformação alquímica e conquistas pessoais ou tribais, mas o anticapitalismo, combate à corrupção, a democracia real, metareciclagem, a busca de energia limpa e da consciência coletiva. Estas são algumas das lutas no campo da tecnomagia, a compreensão da realidade e sua transformação pelo impensável e, por isso mesmo, a poderosa combinação entre o ato poético-mágico e o pensamento de tecnologias como diálogos em curso com a sociedade "(17)

Não é por acaso que esta reunião ocorreu no Brasil. Lá as condições estão sendo criadas para o surgimento da consciência antropofágica que Oswald Andrade invocou na década de 1920. A alta tecnologia encontra uma crescente consciência da sabedoria tribal - a antropologia descentralizada de Viveiros de Castro, o conceito de gambiarra (uma espécie de "fazer" estético e prático, que brota da arquitetura da favela), a maneira que a ecologia e software livre se entrelaçam nas publicações e grupos do Submidiologia, o tecnoxamanismo de Fabi Borges, Yupana Kernel, a proximidade das práticas indígenas, o ayuahuasca.

Um dos convidados da reunião foi Jonathan Kemp. Colaborador de Martin Howse. com quem criou espetáculos audiovisuais, Johnny avançou agora para um hackerspace tech-alquimista. Um de seus projetos, recristalização, é resumido assim:

1] Tentando recuperar minerais e metais (incluindo cobre, ouro e prata) de computadores abandonados através da execução de vários processos químicos e voláteis.

2] A re-cristalização desses minerais em novos padrões usando montagens simples ou performances incluindo piezos, feedback positivo, dispersões coloidais.

3] A mudança de formato e incorporação de componentes e estruturas dentro de sistemas geológicos e geofísicos maiores.

Como mencionamos antes, os hackers estão ampliando seus objetivos. Este espírito de investigação que parecia ser limitado a questões técnicas extrapolou a complexidade masculina dos manipuladores de código e de falhas como forma de investigar o mundo. Podemos pegar ecos disso em Newton e seus semelhantes. Martin Howse referencia explicitamente John Dee enquanto explica seus circuitos esotéricos para vidência (scrying). Ele faz hardware para ver ou ouvir o invisível, o mapeamento dos campos eletromagnéticos sutis. Outra de suas obras recentes utiliza a estrutura da peste bubônica para um programa de sintetizador. Esta ideia de tecnologia como um amplificador de percepção (como ayuahuasca) é uma maneira importante da tecnologia e magia conectarem.

Um bom exemplo disso é o trabalho com antenas e a audição de corpos celestes invisíveis. Uma antena é como uma varinha mágica para ouvir vozes desencarnadas - a sua forma tão precisa, tem que ser aquela forma e tamanho para funcionar, ser apontada na direção certa, na hora certa. Como as formas precisas dos diagramas de vudu

vudu para a invocação do loa (deuses) ou os símbolos de antigos livros de magia. Bruno Vianna e outros estão desenvolvendo astrologias novas que incluem os satélites. Declarando que a divisão entre “natural” e “artificial” não faz mais sentido. Incluindo o não-humano nas teias de relacionamento que fazem de nós o que são, como exemplificado nas filosofias desenvolvidas por Bruno Latour, Donna Haraway ou Isabelle Stengers.

Este espírito ciborg é exemplificada no trabalho de La Quimera Rosa - um coletivo de Barcelona que está desenvolvendo seu próprio ciborg tecnomago, combinando a noção de Akelarre de bruxas (palavra basca para uma reunião de bruxas) e a idéia do ciborgue, levando-nos para além dos binômios de gênero, natureza e tempo. Colaboram com Transnoise, um outro grupo que se dedica à eletrônica mutante e à performatividade queer da natureza. Eles entendem a sua arte como um “devenir bruja”, um devir bruxa. (18)

“Na verdade Heidegger argumenta que a essência da tecnologia está relacionada com a poiesis: a palavra grega para “levar adiante” [Hervor-bringen] ou ‘desvelar [Das Entbergen] da verdade. A essência da tecnologia é o processo pelo qual algo é revelado. Quando as matérias-primas passam por um processo que os organiza de um modo particular, um produto final imaginado é trazido para “presenciar” [Answesen] - revelado em uma forma tangível e particular. O que não estava previamente em nossa presença é trazido à frente.” (19)

Estas tentativas corajosas nas fronteiras, onde o caos e a ordem se encontram gerando formas imprevisíveis são a essência da experiência tecnomágica. Tomando ciência em nossas próprias mãos, DIY, sem esperar por aprovação, re-encantamento do mundo e geração de máquinas de guerra insuspeitas. O ciborgue como articulação de ontologias separadas - a criação de monstros e anjos, colapsando o projeto patriarcal de separação. Queer como hackeamento do sistema de gênero, talvez a mais urgente das tarefas tecnomagicas. Biote-

mento do sistema de gênero, talvez a mais urgente das tarefas tecnomagicas. Biotech como pharmatech, automedicando-nos com tecnologias químicas, sintonizando químicas do nosso corpo, se apaixonando, para que a magia possa fluir.

E. A Umma

"Vamos mostrar a eles nossos sinais nos horizontes, e dentro deles mesmos" Alcorão 41:53

A entrada para a mesquita foi, como sempre, cheia de pessoas indo e vindo. Grupos de homens entravam e saíam, outros estavam se lavando em preparação para a oração da noite. O som do chamado do muezzim envolvia todos em delicadas fitas de som. Ahmed já tinha se lavado e estava sentado de costas para a parede, cercado por seu grupo de amigos. Ele quase sempre rezou com eles, embora muitos deles eram novos convertidos. Muitos mudaram nos últimos anos, especialmente com a introdução dos gorros de oração por telepresença. Eles tinham passado de um equipamento para poucos cybersufis excêntricos a uma aparição quase obrigatória na mesquita.

"Você consertou seus sensores?" Ahmed perguntou a um jovem negro vestido com um longo djellabah e um gorro de oração branco.

"Sim, levou um tempo. Acabei tendo que pedir um novo headnet de Hong Kong e, em seguida, Bassam me ajudou a conectá-lo É incrível como o preço caiu nos últimos meses. Os chineses estão produzindo milhões dessas coisas "

O headnet era usado para medir ondas cerebrais, alfa, beta e tudo isso, não era uma nova tecnologia, mas fora maciçamente popularizado após que Al-Azahar, no Egito, havia emitido uma fatwa declarando

que isto era halal para uso durante as orações. Basicamente, ele enviava uma informação de ondas cerebrais, por telefone ou conexão wifi da mesquita, para um servidor central em Meca e em seguida, todo mundo que estava conectado tinha o feedback de todos os outros. Isso significava que todo mundo estava sincronizando seu estado mental, em qualquer lugar do mundo, todos focados na Pedra Negra, em Meca. Como sempre no Islã, um sistema simples de 5 pontos, que tinha gerado as interpretações mais diversas e complexas, novas correntes nasceram, morreram e evoluíram em apenas alguns anos. Várias dessas correntes, que foram ganhando adeptos rapidamente, identificara a Pedra Negra de Kaabah - ela mesmo um meteorito - como um meio de comunicação com outros seres planetários. Foi uma idéia que gerou um imenso montante de discussão teológica, mas basicamente a teoria era de que havia uma Umma interplanetário (comunidade de crentes) e que a Pedra Negra era a porta de entrada para a comunicação com esta Umma.

Claro que era irônico que tenha sido o Islã (literalmente “submissão”), que acabou por ser o sistema, amplificado pela tecnologia, que havia permitido a realização do propósito humano de se tornar o sistema nervoso de Gaia. É uma combinação de rigidez e liberdade, o conceito da Umma que uniu todos os povos do mundo.

Ahmed fez um gesto com seu telefone - um bloco de obsidiana, uma luz misteriosa flutuou de um lado da tela vazia, uma seta apontando na direção de Meca. “Está na hora, vamos começar a dikhr. O um é múltiplo e o múltiplo, um “. Todos irmãos ligaram seus gorros de oração pelos comando de voz “La ila la alah” - não há Deus, senão Alá. Eles estavam todos de pé juntos, balançando seus corpos de um lado para outro enquanto cantavam a frase. A sensação de formigamento familiar, as primeiras presenças quentes que cintilam no fundo da barriga, sussuram na mente. Então, a sensação de multidões, curvando-se em torno de imensa presença, planetária. Todas as atenções centraram-se na pedra negra, perdendo-se no todo.

A intensa concentração de energia no meteorito chamando para a Umma cósmica. Raios de pensamento todos focados no despertar da mente planetária. Repetição é realidade. Os irmãos se sentiram parte de uma totalidade, amplificada pelo circuito sofisticado dos gorros de oração e as emoções em seus estômagos, os campos eletromagnéticos de milhões focados através da pedra preta para a rede cósmica dos seres planetários. Eles deram uma volta completa, Al Lat e Al Lah eram o mesmo ser, um planeta consciente, Gaia. Os irmãos não sabiam quando a massa crítica foi atingida, mas eles se sentem, inequivocamente, o primeiro contato. Uma súbita sensação de imensidão, muito diferente do abraço confortante da Umma terrestre. A pedra negra não era mais apenas um condensador / emissor. Tornou-se um receptor também. Os planetas estavam conversando.

No final da oração, ninguém falou. Todos sabiam que algo tinha acontecido além de suas compreensões. Eles deram graças a Allah. Agora para a próxima fase. O que os planetas falam?

7. Arte

A arte em si começou, sem dúvida, como uma tecnologia de magia - que abrigava espíritos em esculturas ou as pinturas corporais ou as ferramentas do xamã. A arte expressa o invisível. A capacidade mágica de fazer uma imagem, criando um ser. Como uma máscara transforma-o em um deus. Formas que são casas para os espíritos. Arte faz a ponte entre o pessoal e o político, entre sentimento e ação. A arte como uma chave para os reinos mágicos, a construção da ponte entre os mundos.

Quando m9ndfck ou netochka nevzanova apareceu na lista de netarte 24/7 na década de 1990 foi um choque poderoso. Ela era uma entidade, ninguém sabia quem estava fazendo aquele trabalho, gerando uma nova linguagem. Havia a sensação de um ser que era mutante, vivo

vivo na internet, criado pelo encontro de código e mente. Sua agressividade contra os Estados Unidos, contra os homens programadores que dominavam o mundo da informática a fizeram ser banida frequentemente. Mas nós sentimos que uma nova consciência estava presente.

Como vimos na seção sobre o computador, a máquina ou ser que atinge a vida é um tema poderoso na literatura mágica. Desde o Golem judeu até Frankenstein ou a bomba inteligente no filme “Dark Star”. Aquela cena onde um dos astronautas se convence de que não pode confiar na sua percepção porque ela é mediada por sensores que podem estar dando dados falsos.

E se as máquinas poderiam falar, o que diriam? Tania Candiani ficou fascinada por essa ideia e começou a construir máquinas de som. É como de alguma forma elas estivessem tentando ser vivas, nós sentimos essa tentativa melancólica na consciência. Na obra de Candiani, “Confessar. Encriptar. Bordar” (20), nossas palavras são filtradas através da “consciência” da máquina, acabando por ser bordado em pano. Há aqui algo melancólico, esta intenção, de alguma forma tentando dizer algo, codificado, o presente intenção, mas o resultado, outros. O sentimento de admiração que isso cria em nós, a máquina é outro e, ao mesmo tempo, nós. Nós não estamos falando de ilusão, é algo mais profundo, mais frágil e triste de alguma forma, escovando-se contra outra consciência.

Para Paula Pin, a máquina já não é algo distinto, mas parte íntima de uma nova identidade ciborgue, a criação de um metacorpo que engloba a vida mecânica, mineral e orgânica. Ela se refere às próteses eletrônicas que cria como “instrumentos alquímicos” que servem para entender e revelar novas naturezas. Leslie Garcia, antes participante do coletivo Dream Addictive no México, tem desenvolvido um corpo notável de trabalho em relação com plantas, computadores e máquinas de ruído, enquanto que Shannon Taggart trabalha em uma zona limiar entre espiritualismo e a fotografia, duas maneira de fazer visível

limiar entre espiritualismo e a fotografia, duas maneira de fazer visível o invisível que surgiram ao mesmo tempo no século X. (22)

Novas tecnologias de percepção e comunicação abrem novos espaços, e estes espaços são sempre mapeados, em um nível ou outro, através da imaginação. Ou seria o contrário? A tecnologia tenta atender à nossa imaginação. Nossa pobre tecnologia, de modo destrutivo e bruto em comparação com o refinamento de nossa Grande Arte - o encontro da ciência e da natureza, imaginação e vontade.

Tabela 1
Tabela de Paradigmas com Seus Paralelos Espirituais, Econômicos e Políticos

adaptado de Hakim Bey (21)
Tomei a liberdade de preencher este quadro. 30 anos atrás o efeito do paradigma universo quântico não era claro nas estruturas sociais. Hoje, parece-me que podemos vê-lo nas estruturas não-locais do sistema bancário mundial, no entrelaçamento que a comunicação criada e nas formas de mudança do pós-modernismo. Eu adicionei um outro paradigma especulativo - o do universo vivo - às vezes eu acho que é apenas uma ilusão e, às vezes, eu sinto que realmente está surgindo.

TABELA 1

*Tabela de Paradigmas com Seus Paralelos Espirituais, Econômicos e Políticos

Paleolítico	Chamanístico	Não Autoritário	Caçador-Colhedor
Neolítico	Politeísta	Autoritário	Agricultura
Cosmos Geocêntrico	Teísta	Monárquico/Teocrático	Urbano
Cosmos Heliocêntrico	Monoteísta	Direito divino	Colonialista e Imperialista
Universo Mecanicista	Deísta o Ateísta	Democracia, capitalismo, comunismo	Industrial / Tecnológico
Universo Relativista	Moderno	Cibercracia	Pós-Industrial
Universo Quântico	Pósmoderno	Sistemas financeiros globais	Aldeia Global
Universo Vivente	Tecnomágico	Bem viver / cooperativismo	??

TABELA 2

*Tabela de Equivalências entre Tecnologia e Magia

Celular	Escutar à distância
Presencia virtual	Telequinesia
Drones	Visão de águia, mais além do cropo
Critter Cams	Visão animal
Internet	Livros essenciais, conhecimento ancestral
Microscópio	Visão molecular
Avião	Vôo do pássaro
Helicóptero	Vôo de inseto
Radar	Sentir o que está além
Sensor de baixas frequências	Ouvir o coração da Terra
Câmera Kirlian	Ver a áurea
Sensor Galvânico	Sentir plantas e pessoas
Submarinos	Viagem em baixa da água
Nave espacial	Viagem no espaço exterior
Telescópio	Ver as estrelas

Notas

(1) pp 185-186 http://www.mesoweb.com/publications/Christenson/PopolVuh.pdf

(2) 1931/06/08 O Argus, Melbourne. http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/4400765

(3) O Livro de Babalon. Starfire Vol. 1 n º 3 1989

(4) a Sra. Piper e da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, Michael Page, 1904. Traduzido e ligeiramente abreviado do francês por Noralie Robertson. Prefácio de Sir Oliver Lodge. http://www.gutenberg.org/ebooks/19376

(5) http://laboratoryplanet.org/pdf/laboratory_planet_4_fr.pdf

(6) Juan Downey, 1973, Software Radical.

http://www.radicalsoftware.org/e/volume2nr5.html

(7) Fabi Borges - extracto de Tecnomagias - Ficção Sociais

http://catahistorias.wordpress.com/2012/07/21/tecnomagia-social-fiction/

(8) http://www.reweaving.org/tradition.html Starhawk

(9) “Caliban ea Bruxa” Silvia Frederici,

http://www.traficantes.net/index.php/editorial/catalogo/historia/Caliban-y-la-bruja.-Mujeres-cuerpo-y-acumulacion-originaria-2a-Edicion

(10) Marx e Engels, no Manifesto Comunista, Capítulo 1, 1848

(12) Ebenezer Sibly, uma ilustração da Ciência Celeste da Astrologia, 1826

(13) Terence McKenna, triptamina alucinógenos e Consciência. Palestra dada na Conferência Lilly / Goswami sobre a Consciência e Física Quântica em Esalen, Dezembro de 1983. http://deoxy.org/t_thc.htm

(14) http://www.oesquema.com.br/trabalhosujo/2008/04/20/inteligencia-natural-por-jeremy-narby.htm

(15) http://medialab-prado.es/article/interactivos07__magia_y_tecnologia

(16) http://nuvem.tk/wiki/index.php/Tecnomagia

(17) Extrato de “Tecnomagia as l é l ou Ativismo”. Eah é uma arte e pesquisador semiótica do Rio de Janeiro. (Ver também Terrorismo Poético de Hakim Bey)

(18) http://akelarrecyborg.tumblr.com/

(19) Computadores como Media Invocational. Teses Christopher Chesher Bradford, 2001.

(20) http://cincovariaciones.com/2012/07/31/bordadora-2/

1 http://hermetic.com/bey/quantum.html
2 transnoise.tumblr.com \ lessnullvoid.cc \ shannontaggart.com

Obrigado a todas as pessoas que deram aportes a este texto com informação, correções, inspirações e citações. Especialmente a Tania Candiani que me pediu que o escrevesse, a Lucia Egaña pelas correções e sugestões, a Maria Llopis pelo espaço e tempo para escrevê-lo, a Fabi Borges pelo tecnoxamanismo e a Paula Pin pela magia natural tecnoqueer. Os amo.

TECNOMAGIA: METARECICLAGEME RÁDIOS LIVRES NO FRONT DE UMA GUERRA ONTOLÓGICA

Thiago Novaes

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende combinar uma abordagem sobre o histórico movimento de rádios livres no campo da comunicação social à prática de metareciclagem que se realiza no âmbito das tecnologias digitais. Embora separadas por décadas, a junção de ambas se mostra oportuna justamente por destacar elementos conceituais que me parecem centrais na construção de um pensamento sobre a tecnomagia. Se uma tal relação nunca foi estabelecida, até onde sei, espero explicitar tanto as razões para esta dificuldade quanto as possibilidades que esta aproximação pode suscitar.

O advento das rádios livres nunca foi bem compreendido no campo da comunicação, seja porque eram entendidas sob uma ótica da inconsequência política, seja porque rádios livres se opõem frontal e conceitualmente à constituição do campo da comunicação como autônomo em relação à sociedade. Dito de outra maneira: enquanto o direito à comunicação se tornou uma bandeira defendida por uma casta específica de representantes que dão vazão às demandas sociais do regime democrático, rádios livres são experiências de livre expressão das pessoas, de quaisquer pessoas, capazes de desviar o uso dos meios para os fins pré-programados que a cultura hegemônica lhes atribuiu. Se a função dos representantes da comunicação é manter a forma de produção do discurso social, buscando alimentar a forma mais justa de respeitar os distintos grupos sociais, a missão das rádios livres é causar um curto-circuito neste sistema e, rompendo com uma tal pluralidade controlada, exprimir sua cultura como potência da diversidade, efetiva e livre.

Mas no que este curto-circuito se relaciona com a metareciclagem?

Em ambos os casos serão brevemente analisadas relações entre humanos e máquinas, ora enfatizando a possibilidade de desvio e agenciamento, como nas rádios livres, ora aprofundando relações de construção do sensível, como sugere a prática que quero defender como metareciclagem.

Se rádios livres eram construídas com transmissores caseiros, computadores são reciclados a partir da abertura de seus gabinetes, realizando uma mesma operação de manuseio direto de elementos e

e conjuntos técnicos que põem em funcionamento um objeto técnico. Porém, além do desvio de função dos meio de comunicação, a metareciclagem se propõem à criação de objetos estéticos com material descartado, onde intento aprofundar uma relação que ultrapassa a separação entre humano, técnica e utilidade, ainda que fruto de desvio quando é a estética que dá nova vida ao objeto, mas quer valorizar todo o processo como oportunidade de construção pedagógica de sensibilidades técnoestéticas, rumo ao que chamaremos de tecnomagia.

Diferentemente do plano instrumental, que ainda situa sujeitos humanos em relação a objetos e automatismos de toda sorte, o artigo que segue tenta explorar a liberdade de expressão dos meios de comunicação além das possibilidades de uma liberdade de imprensa, resignificando os meios e produzindo novas sensibilidades. E, não bastando o rearranjo destes dispositivos, e lembrando importantes críticas ao pensamento ocidental, espero mobilizar um conjunto de conceitos que apresentem um entendimento da metareciclagem sobre seu potencial sócio-técnico, partindo mesmo de um outro plano ontológico: oriundo de um aprendizado coletivo, não se trata de trazer de um pensamento mágico perdido qualquer resposta aos problemas de alienação técnica que vivemos, mas, enfrentando um déficit educativo, restabelecer o vínculo corporal e social com a produção intuitiva que abarca a tecnomagia que doravante situamos.

Rádios Livres e Curto-Circuito na Comunicação

Rádios Livres existem desde pelo menos o final dos anos de 1970, mas sua contribuição conceitual sobre o campo da comunicação ainda é muito pouco conhecida ou explorada, mesmo no ambiente acadêmico. Entre os textos que marcaram o movimento na Europa, destaca-se o livreto de capa vermelha “Les Radios Libres”, publicado em 1978 pelo Coletivo de Rádios Livres e Populares da França1, onde metade do conteúdo é dedicado à descrição do contexto de funcionamento das pequenas rádios frente à repressão do Estado, e a outra metade apresenta esquemas de montagem de transmissores. Mais recentemente, foi republicado o livro “Alice è il Diavolo”2, de 1976, narrando a história da talvez mais famosa rádio livre europeia, a italiana Rádio Alice. No Brasil,

Alice. No Brasil, a produção conceitual é ainda incipiente3, embora, com o advento da Internet, várias listas de discussão, websites e até mesmo um portal sejam mantidos colaborativamente por ativistas de muitos cantos do país, instigando e organizando a luta das rádios livres, onde persistem valores e princípios que nos fornecem muitos caminhos para estabelecermos as diferenças entre os projetos de comunicação auto-denominados "livres", e os demais comunitários, educativos ou públicos.

Não é interesse deste artigo realizar uma detida revisão bibliográfica para apontar o que de mais importante, desde nosso ponto de vista, foi escrito sobre rádios livres. Injusto seria, no entanto, ignorar a contribuição prestada por livros e textos de referência que atravessam agora gerações de ativistas e, seja por seu caráter histórico ou por sua explícita tentativa de promover o necessário debate teórico que acompanha essas experiências, merecerão aqui além de citações, alguma reflexão crítica. O argumento central que pretendo defender, contudo, pode ser encontrado no texto "Rádios Livres e a Emergência de uma Sensibilidade Pós-Mediática"4, escrito por Franco Berardi, o Bifo, militante da Rádio Alice, cuja definição de mediativismo empresta o subtítulo que tento aqui desenvolver: o mediativismo não deve se voltar para as questões de conteúdo do que é veiculado nas mídias, mas tem por missão o curto-circuito das mesmas:

"O mediativismo não propõe um uso alternativo das medias no sentido do conteúdo: trata-se antes de curta-circuitar o meio no nível de sua estrutura, dentro de seu sistema de funcionamento linguístico, tecnológico, de se atacar aos agenciamentos, às interfaces, de reagenciar e de refinalizar o dispositivo, e não somente o conteúdo que ele produz." (Berardi 2006).

Mas do que se trata este curto-circuito, e que relações ele pode estabelecer com o que chamaremos de Tecnomagia?

A diferença da proposta de Bifo, que se refere à produção intelectual de Felix Guattari, é acentuar a luta contra o determinismo, ou melhor, contra o automatismo, destacando os meios de comunicação como dispositivos passíveis de terem modificadas suas funções a partir do que Felix conceituou como agenciamentos. Assumindo o humano

como dotado de poder criativo, e não mero usuário das tecnologias, novas formas sempre são possíveis para extrapolar ou desviar as funções previstas para os objetos técnicos.

Uma tal proposta está presente, me parece, também nos escritos de Gilbert Simondon, quando o autor compara a ideia de progresso técnico que leva aos autômatos e a natureza sócio-técnica dos objetos abertos. Ou seja, seu argumento central é que um autômato possui, na verdade, suas funcionalidades reduzidas, enquanto o objeto aberto está sempre pronto a adquirir novas funções sugeridas pela cultura. Como exemplo desta distinção, poderíamos citar o software proprietário e o software livre que, embora dotados de uma mesma função nos computadores, possuem naturezas totalmente distintas: enquanto o software proprietário tem limitado seu funcionamento enquanto mercadoria, fadado a se tornar obsoleto por uma indústria interessada em vender mais e mais produtos, o software livre se adapta facilmente à capacidade de processamento dos computadores, sendo evidentemente o tipo de software mais indicado para ser instalado em máquinas em processo de reciclagem (como veremos mais adiante, sobre o processo de metareciclagem).

O dado histórico a considerar, no caso da mídia rádio, é que a apropriação técnica ocorrida desde o começo do movimento das rádios livres europeias combinava tanto a construção de equipamentos quanto seu uso diferenciado do uso pré-determinado pela cultura comunicativa oficial. Já no citado livreto de 1978, se indagavam os coletivos: “Como superar o obstáculo técnico? Por que comprar na Itália cinco vezes mais caro um transmissor que não saberemos consertar? Por que não aprender a construí-los nós mesmos?”. Esta condição econômica não estava desvinculada de um aprendizado sobre a manutenção dos equipamentos eletrônicos, e fez proliferar a circulação de esquemas de solda de componentes em placas pré-desenhadas cujo resultado era tanto a plena autonomia tecnológica na produção de transmissores de baixa-potência quanto o desfrute técno-estético desta produção5. Descentralizadas e múltiplas, essas rádios livres auto-fabricadas não se ocupavam em organizar qualquer tipo de conteúdo que, massivamente repetido, faria frente ao conteúdo hegemônico contra o qual se

do hegemônico contra o qual se insurgiam; ao contrário, partindo de um diagnóstico claro sobre o papel dos meios no estabelecimento de uma massa crescente de espectadores nas sociedades industriais, militantes de vários países incluíam as rádios livres em um amplo movimento cultural de descolonização da inteligência, de produção criativa e autônoma, em resposta à passividade imposta na separação emissor-receptor6 que a emergente sociedade do espetáculo alimentava.

Além de Guy Debord, importante referência no histórico episódio de Maio de 68, outro autor que não nos pode faltar neste contexto de crítica cultural e comunicativa é Hans Magnus Enzensberger. Acompanhando de perto a junção do capitalismo com a recém-nomeada indústria cultural, cunhou a expressão indústria da consciência, publicada, entre outros escritos, em seu clássico livro "Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação"7, traduzido no Brasil primeiramente em 1978. Leitor atento de Brecht, Enzensberger pontua uma crítica contundente às ideologias de esquerda e contra-culturais considerando-as despolitizadas, e acusando o marxismo de não ter elaborado nenhuma teoria de ação sobre os meios de comunicação. Para o nosso presente interesse, vale ressaltar que parte desta visão converge com a crítica que insistimos, de que os meios separam as pessoas e sua possibilidade de mobilizá-las reside justamente em desfazer-se enquanto meio entre emissores e receptores, produzindo um tipo de agenciamento que ponha em contradição as forças produtivas da indústria da consciência e as relações de produção que esta indústria impõe sobre a sociedade:

"Aquele que entender as massas como objeto da política não as pode mobilizar. Ele quer distribuí-las ao acaso. Um pacote não é móvel. É apenas jogado de um lado para o outro. Marchas, colunas, desfiles imobilizam as pessoas. A propaganda que não libera a autonomia, mas a inibe, pertence ao mesmo esquema. Ela leva à despolitização." (Enzensberger 2003: 16)

Considerando o aprendizado político que as rádios livres propõem, a tecnomagia poderia ser apresentada como uma nova forma de relação com os meios técnicos de comunicação, onde o desvio de função e a indistinção dos papéis entre quem emite e recebe seriam as

função e a indistinção dos papéis entre quem emite e recebe seriam as principais características a destacar. Porém, mais que isso, o histórico do movimento de rádios livres sugere também que a construção de equipamentos, gerando autonomia e regada a baixo-custo, situa uma proximidade entre humanos e máquinas que tanto facilita a multiplicação dos pontos emissores quanto a manutenção e consequente sustentabilidade de um movimento que se pretende autônomo. É frente ao conjunto dessas relações que emerge a tecnomagia a que me refiro, um campo de desvio que se constrói intuitiva e coletivamente, a partir do manuseio cotidiano e refletido de objetos técnicos que passam de um destino pré-definido pela indústria ou cultura hegemônica à efetiva função de ruptura histórico-social. Neste sentido, a tecnomagia se vale de um outro entendimento da técnica, que não o mero uso instrumental com relação a fins, mas gerando um campo problemático objetivo cuja produção de soluções parte do desejo e da sensibilidade compartilhados, construídos, e cuja potência é sua atualização permanente, pois que se alimenta de dispositivos e se recusa ao pertencimento de qualquer devir histórico. O papel da tecnomagia na comunicação social é, portanto, um ataque à apropriação representativa de qualquer espécie e refundadora da ação comunicativa interpessoal, direta e de interesse coletivo, público.

Metareciclagem, Lixo Eletrônico e Pedagogia. Muitas vezes, quando se fala em MetaReciclagem, as principais recorrências estão já em sua definição, enquanto uma rede organizada voltada para aplicação de metodologias e tecnologias que visam à transformação social8. Uma ideia agregada importante, me parece, é a busca por uma capacidade de fomentar o trabalho de reciclagem de computadores, tal como “um jeitinho brasileiro” de resolver problemas utilizando tecnologias. Ilustra bem este último conceito o mutirão, uma forma de solidariedade que mobiliza as pessoas a construírem algo juntas.

A metareciclagem opera especialmente junto ao assim chamado lixo eletrônico9, onde combina o vetor de conscientização ao de geração de renda, afirmando sobre o descarte de tecnologia uma possibilidade de reapropriação técnica que, se bem feita, pode aumentar a vida útil de componentes eletrônicos. Assim, além de denunciar a obsolescên-

obsolescência programada da indústria de computadores, oferece-se como metodologia eficaz para emponderar comunidades com tecnologias que, sem a metareciclagem, dificilmente teriam acesso. Uma terceira abordagem é notadamente estética, onde a ênfase recai sobre uma forma de apropriação de computadores e componentes descartados que visa desviar seu uso daquilo para que foram programados, culminando na produção, montagem e exibição de objetos de arte.

Embora não se desvincule totalmente de nenhuma das três abordagens, a perspectiva tecnomágica que pretendo desenvolver para tratar de metareciclagem se diferencia das citadas na medida em que parte de um outro plano ontológico, ou seja, não separa os indivíduos da tecnologia que se utilizam. Ao invés da ênfase no valor instrumental da técnica, e sua relação com a consciência individual ou social das pessoas, que ataca a separação da indústria do dano que causa ao ambiente, compreende a lógica de manutenção do lucro e proporciona alternativas para desempregados, comunidades, artistas… exploraremos a continuidade entre técnica e cultura enquanto modo privilegiado de apreensão de uma realidade tecnomágica, buscando no acoplamento humano-máquina a melhor descrição do fenômeno híbrido que tomamos para análise.

Ao assumir a ideia de híbrido, alguns pressupostos, notadamente ontológicos, são questionados. O pano de fundo coincide com a crítica ao pensamento cartesiano, à ideia de cogito que parte de indivíduos -átomos, atacando ao mesmo tempo uma certa construção do social que tratou basicamente de considerar o comportamento dos humanos como objeto de análise. Entenda-se por híbrido, portanto, a mistura entre elementos antes considerados de distintas naturezas, refundando mesmo a natureza com suas leis imutáveis, e também o social, com seus indivíduos coagidos por leis sociais.

Uma tal crítica poderia nos remeter ao rendimento que nos oferece o conceito de bricoleur, apresentado por Lévi-Strauss em 1962 em seu famoso livro Pensamento Selvagem. A intenção primeira do antropólogo é defender como análogas as formas de pensamento do cientista e a dos indígenas, argumentando que ambas partem da capacidade de classificação da mente humana, não havendo pensamento mais evo-

dade de classificação da mente humana, não havendo pensamento mais evoluído ou menos evoluído. Assim, tanto o engenheiro quanto o bricoleur se valem de seus conhecimentos acumulados para produzirem suas ações. O que nos interessa destacar, no entanto, é a forma estética que o bricoleur assume para resolver os problemas que lhe aparecem em comparação com a forma racional que orienta a ação do engenheiro. Isto é, para produzir suas gambiarras é todo um conjunto sensível que mobiliza o bricoleur a partir de sua experiência pessoal (e coletiva), enquanto para o engenheiro é a história acumulada (e registrada em manuais "científicos") que lhe assegura a eficácia de seu projeto.

Ou seja, mesmo quando se fala na produção de arte com computadores usados, em geral é do artista e seu processo criativo que se trata, ou do resultado que embeleza e/ou desvia a função de caixas-pretas vendidas como produtos de mercado. Como processo, destaca-se que esta metodologia pode ou não levar ao incremento individual ou coletivo de apropriação crítica da tecnologia. O sujeito consciente e o objeto bem (re)utilizado são dois pólos evidentes, mas sem prejuízo do processo, pois, a metareciclagem não é uma fábrica de reciclagem, existindo sempre um encontro de pessoas que querem compartilhar conhecimento e têm em comum o interesse na mudança social.

O objetivo deste texto, entretanto, pretende prestar uma contribuição inovadora sobre este processo. Interessa-me tentar definir como metareciclagem uma metodologia que cria um campo sensível como relação tecnomágica, campo este estabelecido não a partir de qualquer ocultismo ou misticismo sobre a técnica, mas pedagogicamente construído na relação de montagem e desmontagem de elementos e conjuntos técnicos que compõem a reciclagem e o funcionamento de computadores. Assim como já tratamos da construção de transmissores gerando autonomia e trabalhando a sensibilidade humana na relação com a técnica, um projeto análogo ocorreria com a metareciclagem. Muito próxima da tecnomagia estaria então a té-

cnoestética, conceito desenvolvido por Gilbert Simondon que abarca como entendimento artístico algo além da criação de objetos sagrados. Como diz o filósofo:

"[A tecnoestética] não tem como categoria principal a contemplação. É no uso, na ação, que ela se torna de certa forma orgásmica, meio tátil e motor de estímulo." (…) "A arte não é apenas objeto de contemplação, mas de uma certa forma de ação, que é um pouco a prática de um esporte para aquele que o utiliza." (Simondon 1998: 256, 257).

Se bem descrito, nosso argumento não quer apresentar uma possibilidade de existirem pessoas dotadas de capacidades sobrenaturais para lidarem com a técnica, mas defender a construção de processos de aprendizado capazes de gerar o desenvolvimento de sensibilidades inerentes à relação com objetos técnicos. Uma tal relação, como dissemos, funda-se em um entendimento de arte que valoriza a prática manual, a observação atenta, a construção mesma dos sentidos humanos. A tecnomagia presente na metareciclagem é, então, a ocupação do espaço deixado pela racionalidade humana na programação e produção de lixo eletrônico, mas que não se resume aos resultados úteis da reutilização de equipamentos eletrônicos, ou à produção estética de artistas geniais, mas se situa no plano mais primitivo de relação humano-máquina, solapado por uma cultura técnica que historicamente construiu seu pensamento instrumental em detrimento de qualquer razão sensível. Mais uma vez, nos auxilia o filósofo das técnicas:

"Talvez não seja verdade que todo objeto estético tenha valor técnico, mas todo objeto técnico tem, sob certo aspecto, teor estético" (Simondon 1998: 258). "O sentimento tecnoestético parece ser uma categoria mais primitiva que o próprio sentimento estético, ou o aspecto técnico considerado sob o ângulo estrito da funcionalidade, que é empobrecedora." (Simondon 1998: 265).

Por fim, espero ter dado suficientes elementos para destacar na metareciclagem sua vocação de aprendizado técnico, onde as metáforas de mutirão e desvios de função para produção artística têm lugar, mas parecem ser mais bem descritas se situadas em um plano de continuidade humano-máquina que não o tipicamente ocidental.

A noção de bricoleur, retomada desde Lévi-Strauss, também merece nova consideração, dado que seu primeiro uso conceitual para aproximar o pensamento científico do pensamento mágico teve aqui um

aproximar o pensamento científico do pensamento mágico teve aqui um desenvolvimento que embora fiel ao argumento classificatório que então movia o ataque à ideia de evolução, buscou aprofundar o entendimento da relação humano-máquina a partir de uma abordagem tecnoestética primitiva, fundadora da tecnomagia. Neste sentido, não é tanto uma oposição ao desencantamento do mundo que nos interessa, levando a um reencantamento cujas bases estariam ainda dispersas, desconhecidas ou ocultas, mas arriscando um caminho, assumi como tarefa atacar a alienação técnica desde uma perspectiva sócio-educativa, tomando como referência no campo comunicativo a experiência das rádios livres, e, mais profundamente, descrever a prática, o conceito e a importância que vejo no desenvolvimento contemporâneo da metareciclagem.

Notas

1 Disponível em http://www.estudiolivre.org/tiki-index.php?page=Les-RadiosLibres&bl Acesso 27/03/2013.

2 Alice è il diavolo – Storia di una radio sovversiva. http://www.ibs.it/code/9788888865225/alice-e-diavolo.html Acesso 27/03/2013.

3 Marisa Meliani escreveu sua dissertação de mestrado sobre o movimento de rádios livres, e conta um pouco da história no Brasil em um artigo de 2003, disponível em: http://www.radiolivre.org/node/3603 Acesso 27/03/2013.

4 Disponível em: http://www.radiolivre.org/node/3400 Acesso 27/03/2013.

5 “Sentimos uma afecção estética ao fazer uma solda, ou ao enfiar um parafuso” (Simondon 1998: 257)

6 Sobre a necessidade de romper com o modelo emissor-receptor na comunicação social, ver Teoria do Rádio, escrito por Bertold Brecht em 1932, disponível em: http://www.radiolivre.org/node/3667 Acesso 27/03/2013.

7 Disponível em http://pt.scribd.com/doc/64858875/Hans-Magnus-ENZENSBERGER-Elementos-para-uma-teoria-dos-meios-de-comunicacao Acesso 27/03/2013.

8 “A MetaReciclagem é uma rede organizada, a partir de filosofia com mesmo nome, que atua no desenvolvimento de ações de apropriação e desconstrução de tecnologia, de maneira descentralizada e aberta, propondo uma transformação social” . http://pt.wikipedia.org/wiki/MetaReciclagem Acesso 27/03/2013.

9 “A Metareciclagem é o meio mais seguro e consciente de reciclar o lixo eletrônico, consiste na desconstrução do lixo tecnológico para a reconstrução da tecnologia”. http://www.metarede.org/ Acesso 27/03/2013.

Bibliografia

BERARDI, Franco [2006]. “ Les radios libres et l’émergence d’une sensibilité post-médiatique” Disponível em: http://multitudes.samizdat.net/Les-radios-libres-et-l-emergence-d.html Acesso 27/03/2013.

COLLECTIF RÁDIOS LIBRES ET POPULAIRES [1978]. Les Radios Libres. Paris.

ENZENSBERGER, Hans Magnus [2003]. Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação. São Paulo: Conrad.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1970]. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

SIMONDON, Gilbert [1998]. “Carta à Derrida”. In Tecnociência e Cultura – ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade.

_____, [1964]. Du Mode d’Existence des Objets Techniques. Paris: Aubier.

MAGIA E TECNOLOGIA

Alfred Gell

Capacidades ‘tecnológicas’ são uma das características distintivas da nossa espécie, e assim têm sido desde muito cedo na evolução, se não desde o início. Não é mais possível declarar o “uso de ferramentas” como características unicamente humanas”, porque há distintas tradições no uso de ferramenta entre macacos, especialmente chimpanzés, e exemplos bem mais rudimentares de uso de ferramentas entre outras espécies também. Os seres humanos, no entanto, têm elaborado meios tecnológicos de realizar suas intenções em uma escala sem precedentes. Mas o que é ‘tecnologia’? E como ela se articula com outras características da espécie que possuímos?

As respostas que têm sido sugeridas para estas perguntas tem sido tendenciosas devido à ideia equivocada de que o problema básico que a tecnologia nos permite superar é obter as necessidades de subsistência do meio ambiente. Tecnologia é identificada com “ferramentas” e “ferramentas” com artefatos, como machados e raspadores, que se presumem terem sido importados na “busca de alimentos”. Esta “busca de alimentos” foi imaginada como um negócio sério, de vida-ou-morte, e o emprego de tecnologia como um caso igualmente “sério”. O homo technologicus é uma criatura racional e sensível, não mitopoética ou religiosa, que ele só se torna quando abandona a busca por soluções “técnicas” para seus problemas e entra os reinos de fantasia e especulação vazia.

Mas essa oposição entre o técnica e magia é sem fundamento.

A tecnologia está inadequadamente entendida se é simplesmente identificada com uso de ferramentas, e o uso de uma ferramenta é inadequadamente entendido se for identificado com a atividade de subsistência.

Embora possa ser útil para certos propósitos de classificação - especialmente na pré-história - identificar ‘tecnologia’ como ‘ferramentas’, a partir de qualquer ponto de vista explicatório, tecnologia é muito mais que isto. No mínimo, tecnologia não consiste apenas em artefatos que são empregados como ferramentas, mas também inclui a soma total de tipos de conhecimento que tornam possíveis a invenção, produção e uso das ferramentas. Mas isso não é tudo. “Conhecimento” não existe, exceto em um determinado contexto social.

Tecnologia é coincidente com as diversas redes de relações sociais que permitem a transmissão de conhecimentos técnicos, e proporcionam as condições necessárias para a cooperação entre indivíduos em uma atividade técnica. Mas não se pode parar, mesmo neste ponto, porque os objetivos de produção técnica são eles mesmos formados pelo contexto social. Tecnologia, no sentido mais amplo, são as formas de relações sociais que tornam socialmente necessário produzir, distribuir e consumir bens e serviços usando processos técnicos.

Mas o que o adjetivo 'técnico' significa? 'Técnico' não indica, eu acho, uma distinção excludente entre os processos de produção que fazem, ou não, fazem uso de artefatos chamados de "ferramentas". Podem existir técnicas - por exemplo, as 'técnicas do corpo' listadas por Mauss - que não façam uso de ferramentas que são artefatos. O que distingue a técnica da não-técnica é um certo grau de circularidade na realização de qualquer objetivo dado. Não é tanto que a técnica tem de ser aprendida, mas que a técnica tem que ser engenhosa.

Técnicas formam uma ponte (às vezes uma simples, outras uma muita complicada) entre um conjunto de elementos 'dados' (o corpo, algumas matérias-primas e características ambientais) e uma meta-estado que é alcançado fazendo uso destes elementos. Eles são rearranjados de modo inteligente, de maneira que suas propriedades causais são exploradas para trazer um resultado que é improvável exceto à luz dessa intervenção particular.

Meios técnicos são meios indiretos de assegurar algum resultado desejado. O grau de tecnicidade é proporcional ao número e complexidade dos passos que ligam os elementos iniciais dados à meta final que deve ser alcançada. Ferramentas, como extensões do corpo que precisam ser preparadas antes de serem usadas, são uma importante categoria de elementos que intervem entre um objetivo e sua realização. Mas não menos "técnicas" são aquelas habilidades corporais que têm de ser adquiridas antes de uma ferramenta pode ser utilizada com bons resultados. Algumas ferramentas, como um taco de beisebol, são excepcionalmente rudimentares, mas requerem um prolongado (por exemplo, sinuoso) processo de aprendizado, em configurações adequadas de aprendizagem, antes de poder

tecnologia é coincidente com as diversas redes de relações sociais que permitem a transmissão de conhecimentos técnicos, e proporcionam as condições necessárias para a cooperação entre indivíduos em uma atividade técnica. Mas não se pode parar, mesmo neste ponto, porque os objetivos de produção técnica são eles mesmos formados pelo contexto social. Tecnologia, no sentido mais amplo, são as formas de relações sociais que tornam socialmente necessário produzir, distribuir e consumir bens e serviços usando processos técnicos.

Mas o que o adjetivo 'técnico' significa? 'Técnico' não indica, eu acho, uma distinção excludente entre os processos de produção que fazem, ou não, fazem uso de artefatos chamados de "ferramentas". Podem existir técnicas - por exemplo, as 'técnicas do corpo' listadas por Mauss - que não façam uso de ferramentas que são artefatos. O que distingue a técnica da não-técnica é um certo grau de circularidade na realização de qualquer objetivo dado. Não é tanto que a técnica tem de ser aprendida, mas que a técnica tem que ser engenhosa.

Técnicas formam uma ponte (às vezes uma simples, outras uma muita complicada) entre um conjunto de elementos 'dados' (o corpo, algumas matérias-primas e características ambientais) e uma meta-estado que é alcançado fazendo uso destes elementos. Eles são rearranjados de modo inteligente, de maneira que suas propriedades causais são exploradas para trazer um resultado que é improvável exceto à luz dessa intervenção particular.

Meios técnicos são meios indiretos de assegurar algum resultado desejado. O grau de tecnicidade é proporcional ao número e complexidade dos passos que ligam os elementos iniciais dados à meta final que deve ser alcançada. Ferramentas, como extensões do corpo que precisam ser preparadas antes de serem usadas, são uma importante categoria de elementos que intervem entre um objetivo e sua realização. Mas não menos "técnicas" são aquelas habilidades corporais que têm de ser adquiridas antes de uma ferramenta pode ser utilizada com bons resultados. Algumas ferramentas, como um taco de beisebol, são excepcionalmente rudimentares, mas requerem um prolongado (por exemplo, sinuoso) processo de aprendizado, em configurações adequadas de aprendizagem, antes de poder

aplicadas para qualquer propósito. Processos altamente técnicos combinam muitos elementos, artefatos, habilidades, regras de procedimento em uma sequência elaborada de propósitos e sub-metas, cada uma sendo alcançada na devida ordem antes do resultado final ser atingido. Nesta elaborada estrutura de passos intermediários, os passos que permitem obter um resultado X, a fim de obter Y, para enfim obter Z, constituem a tecnologia como um 'sistema'.

A busca por obter resultados intrinsecamente difíceis de obter por meios indiretos ou inteligentes é a aptidão particular do animal tecnológico, Homo sapiens. Mas não é totalmente verdade que esta propensão é exibida exclusivamente, ou mesmo principalmente, no contexto de produção de subsistência, ou que esta aptidão é desconectada do lado lúdico e imaginativo da natureza humana. De fato, indicar o problema nestes termos é ver imediatamente que não pode haver distinção possível, do ponto de vista de "grau de tecnicidade", entre a busca de recompensas materiais por meio da atividade técnica, e a igualmente "técnica" busca por uma grande variedade de outros objetivos, que não são materiais, mas simbólicos ou expressivos. Desde o período paleolítico, a capacidade técnica humana tem se dedicado, não só a fazer "ferramentas", como machados e arpões, mas igualmente para a confecção de flautas, miçangas, estátuas e muito mais, para o desvio, o adorno e o prazer. Esses objetos tinham, sem dúvida, o seu lugar em uma "seqüência de propósitos",

que foram além do prazer elementar que proporcionaram a seus fabricantes. Não menos que um machado, uma flauta é uma ferramenta, um elemento em uma seqüência tecnológica, mas seu propósito é controlar e modificar respostas psicológicas humanas em ambientes sociais, em vez de desmembrar os corpos de animais.

Se uma flauta é propriamente a ser visto como uma ferramenta, uma arma psicológica, o que é o sistema técnico de que faz parte? Neste ponto, eu gostaria de oferecer um sistema de classificação das capacidades tecnológicas humanas em geral, que pode dividida em três categorias principais.

O primeiro desses sistemas técnicos, o que pode ser chamado de "Tecnologia de Produção ', compreende tecnologiacomo tem sido con-

convencionalmente entendida, por exemplo, modos indiretos de garantir “coisas” que achamos que precisamos, alimentos, abrigo, roupas, manufaturas de todos os tipos. Eu incluiria aqui a produção de sinais, por exemplo, a comunicação. Isso é relativamente incontroverso e nada mais precisa ser dito sobre este ponto.

O segundo destes sistemas técnicos chamo de ‘Tecnologia de Reprodução “. Este sistema técnico é mais controverso, de modo que sob este título eu incluiria mais do que é designado pela palavra “parentesco” pela antropologia convencional .

Deve ocorrer a qualquer pessoa, no entanto, que faz a comparação entre as sociedades humanas e de animais, que as sociedades humanas vão ao extremo para garantir padrões específicos de acasalamentos e nascimentos. Uma vez que as crianças nascem, seu cuidado e socialização é conduzido de forma tecnicamente elaborada, fazendo uso de dispositivos especiais, como berços, estilingues, mantas, etc. E mais tarde, armas de brinquedo, apetrechos especiais de educação e instituições, e por aí vai. A reprodução da sociedade é a conseqüência de uma grande quantidade de manipulação muito hábil da parte daqueles com interesses em jogo no processo. Os seres humanos são criados em condições controladas que são tecnicamente gerenciadas, de modo a produzir precisamente aqueles indivíduos para os quais provisões sociais foram feitas.

É claro, os animais também se engajam em ações intencionais, afim de intervir nos processos reprodutivos, assegurar e defender seus companheiros, socorrendo seus jovens, e assim por diante. Às vezes, eles parecem ser bastante espertos nisso. Eu não quero rabiscar qualquer linha rígida e rápida entre parentesco humano e animal aqui. Mas o que eu gostaria de sugerir é que as analogias que realmente dizem algo sobre os sistemas de parentesco entre humanos e animais não são encontradas entre as populações selvagens de espécies de animais, mas entre os animais domesticados, como cavalos e cães, cuja reprodução, comportamento e aprendizagem social os seres humanos aprenderam a controlar, usando muitas das mesmas técnicas que os seres humanos usam em si, com praticamente os mesmos objetivos em vista. Somos animais domesticados; nossos análogos ani-

mente os mesmos objetivos em vista. Somos animais domesticados; nossos análogos animais são os outros animais domesticados.

Biologicamente, possuímos os atributos neotêmicos (persistência de traços juvenis na fase adulta), que muitas vezes distinguem a variedade domesticada de uma espécie animal de seus primos selvagens (lobos vs. cães domesticados, por exemplo). Variedades domesticadas de animais são obedientes e dóceis criaturas porque o fizemos assim. E assim somos nós. Os atributos alardeadas humanos de aprendizado, flexibilidade (uma espécie de aceitação infantil permanente) são características que têm evoluído, não no curso das lutas valentes contra as forças hostis da natureza, mas adaptando-se à procura de um ser humano mais e mais 'domesticável'. Este é o fenótipo que ganhou o máximo de oportunidades de reprodução, e que agora predomina, não porque com que ele foi 'selecionado' pela natureza, mas porque ele se selecionou.

Os padrões de arranjos sociais que identificamos como "sistemas de parentesco" são um conjunto de estratégias técnicas para gerenciar nosso destino reprodutivo através de uma elaborada sequência de propósitos. Da mesma maneira, todo o domínio de parentesco tem de ser entendido principalmente como uma tecnologia, assim como se entende a criação de cavalos, cães ou no treinamento de cães como realizações "técnicas". Mas como podemos garantir a aquiescência de cavalos e cães em nossas intenções, aparte de programas de melhoramento especiais, de modo a garantir uma oferta de animais dóceis? Evidentemente, é através da exploração de tendências naturais da psicologia do cavalo e do cão, em outras palavras, pelo uso engenhoso de chicotes, açúcar, caroços, beijos, carícias, etc, tudo o que nós podemos entregar porque possuímos mãos, e sabemos como usá-las bem em animais, porque nós sempre as usamos uns em outros.

Aqui entramos no domínio da terceira de nossas três tecnologias, que eu vou chamar de "Tecnologia do Encantamento". Seres humanos pegam animais em armadilhas na malha de propósitos humanos, usando uma variedade de técnicas psicológicas, mas estas são pri-itivas em comparação com as armas psicológico que os seres humanos usam

primitivas em comparação com as armas psicológico que os seres humanos usam para exercer o controle sobre os pensamentos e ações dos outros seres humanos. A tecnologia de encantamento
é a mais sofisticado que possuímos.
Sob este lugar, coloco todas as estratégias técnicas, especialmente
a arte, música, dança, retórica, presentes, etc, que os seres humanos utilizam a fim de garantir a aquiescência de outras pessoas em suas intenções ou projetos. Estas estratégias -técnicas - que são, naturalmente, praticadas reciprocamente - exploram tendências psicológicas inatas ou aprendidas para encantar a outra pessoa e fazer com que ele/ela perceba a realidade social de uma forma favorável aos interesses sociais do encantante. É amplamente aceito que a característica humana da inteligência evoluiu, não em resposta à necessidade de desenvolver estratégias de sobrevivência superiores, mas em resposta à complexidade da vida social humana, que é intenso, múltipla, e muito fatídica para o indivíduo. A inteligência superior se manifesta nas estratégias técnicas de encantamento, na qual a mediação da vida social depende. A manipulação do desejo, terror, maravilha, a cupidez, a fantasia, a vaidade, uma lista inesgotável de paixões humanas, oferece um campo igualmente inesgotável para a expressão da criatividade técnica.

Meu propósito atual não é explorar os domínios das tecnologias do encantamento, mas meramente apontar que elas existem, e devem ser consideradas não como uma província separada - por exemplo ,”arte oposta à tecnologia” - mas como tecnologia em si mesmo.
Já fiz um esboço no âmbito da ideia de «tecnologia». Agora eu quero considerar a relação entre a tecnologia, definida como a busca por meios indiretos de objetivos difíceis de alcançar, e ‘magia’. Magia é, ou foi, claramente, um aspecto de cada uma das três tecnologias já identificadas, ou seja, as tecnologias de produção, reprodução e manipulação psicológica, ou ‘encantamento’. Mas a magia é dife-rente de essas tecnologias, cada uma das quais envolve a exploração das propriedades causais das coisas e as disposições psicológicas das pessoas, que estão, é claro, entre suas propriedades causais. Enquanto que a magia

Enquanto que a magia é “simbólica”. Naturalmente, ao afirmar isso, estou consciente de que tem havido um prolongado debate sobre a magia, e que nem todo mundo concorda que a magia é de maneira alguma “simbólica”, uma vez que pode ser interpretada como uma tentativa de empregar espíritos ou poderes mágicos quase-físicos para intervir (causalmente) na natureza. Há abundantes testemunhos nativos para apoiar esta visão, que muitas vezes é a correta para se tomar a partir do ponto de vista da interpretação cultural, uma vez que nada impede que as pessoas que detenham pelo menos algumas crenças equivocadas causais. No entanto, do ponto de vista de um observador, há uma distinção, já que as estratégias técnicas eficazes comprovadamente exploram as propriedades causais de coisas na sequência de fins, coisa que a magia não faz. O valor de sobrevivência evolutiva dos aspectos mágicas de estratégias técnicas é, portanto, um problema real.

Sou de opinião de que a “magia”, como um complemento para procedimentos técnicos, persiste porque serve a fins “simbólicos”, ou seja, cognitivos. O pensamento mágico formaliza e codifica as características estruturais da atividade técnica, impondo-lhe uma estrutura de organização que regula cada estágio sucessivo em um processo complexo.

Quando se examina uma fórmula mágica, é muitas vezes visto que uma mandinga ou uma oração faz pouco mais do que identificar a atividade que está sendo realizada, e define um critério de “sucesso” na mesma. “Agora eu estou plantando este jardim. Que seja tão produtivo que eu não dê conta de colher tudo. Amém”. Essa reza não tem sentido por si só, e só cumpre o seu papel técnico no contexto de um sistema mágico, no qual cada procedimento de jardinagem é acompanhado por um feitiço similar, de modo que toda a seqüência de magias constitui um plano congnitivo completo de jardinagem.

Magia consiste em um “comentário” simbólico em estratégias técnicas na produção, reprodução e manipulação psicológica. Eu sugiro que a magia deriva do jogo. Quando as crianças brincam, eles fornecem um fluxo contínuo de comentários sobre seu próprio comportamento.

to. Esse comentário enquadra suas ações, divide-as em segmentos, define metas momentâneas, e assim por diante. Parece que este formato organizacional sobreposto guia o jogo imaginativo enquanto procede, e também proporciona um meio de internalizá-lo e recuperá-lo, bem como matérias-primas para exercícios subsequentes em inovação e recombinação, utilizando materiais previamente acumuladas em novas configurações. Não só o formato básico infantil do jogo-comentário (agora eu estou fazendo isso, agora eu estou fazendo isso, e agora isso vai acontecer ...) lembra irresistivelmente o formato de feitiços, mas a relação entre a realidade e os comentários em jogo e na magia permanecem essencialmente similares, já que o jogo-comentário invariavelmente idealiza a situação, indo além das fronteiras do meramente real. Quando uma criança afirma que ela é um avião (com os braços estendidos, e os efeitos sonoros apropriados e movimentos), o comentário insere o ideal no real, como algo que pode ser evocado, mas não realizado. Mas a transformação irrealizável da criança em avião, embora nunca confundida com a realidade, define, não obstante, o objetivo final para o qual o jogo pode ser orientado, e à luz do qual é inteligível e significativo.

O mesmo é verdadeiro da magia, que define um padrão ideal, não para ser atingido na realidade, mas para o qual a ação técnica prática pode ser orientada. Há outra característica que jogo e tecnologia compartilham. Tecnologias se desenvolvem através de um processo de inovação, que geralmente envolve uma recombinação e re-implantação de um conjunto de elementos ou procedimentos existentes para a obtenção de novos objetivos. O jogo também demonstra inovatividade - na verdade, ele o faz de forma contínua, enquanto que a inovação em tecnologia é um processo mais lento e mais difícil. A inovação em tecnologia não costuma surgir como resultado da aplicação do pensamento sistemático para a tarefa de satisfação de alguma “necessidade” técnica óbvia, já que não há nenhuma razão para os membros de qualquer sociedade sentirem “necessidades”, além das que já sabem como satisfazer. A tecnologia, porém, muda, e com as mudanças na tecnologia, novas necessidades surgem. A fonte desta mutabilidade, e

desta mutabilidade, e a tendência à sempre crescente elaboração em tecnologia não deve, penso eu, ser atribuída à necessidade material, mas ao papel cognitivo das “mágicas” ideias em fornecer a estrutura orientadora em que a atividade técnica ocorre . Inovações técnicas ocorrem, não como resultado de tentativas para satisfazer desejos, mas no decurso de tentativas de realizar os feitos técnicos até agora considerado “mágico”.

Às vezes, os etnógrafos registram procedimentos técnicos que parecem em si mágica, embora nos afirmem que eles são totalmente práticos. Nas ilhas Salomão, e em algumas partes adjacentes do Pacífico, costumava a ser empregada uma técnica de pesca com pipas. Este tipo de pesca era feita em lagunas. O pescador saía em uma canoa, que era atada a uma pipa com forma de pássaro, mas feita de folhas de pandanus. A partir desta pipa, que pairava sobre a água, descia uma corda a mais à qual era presa uma bola de teias de aranha, que pendia rente à água. Os peixes na lagoa viam a bola espumante e a confundiam com um inseto. Mas quando a mordiam, a teia pegajosa fazia suas mandíbulas colarem, de modo que não conseguiam largar. Neste ponto, o pescador recolhia todo o aparato
e recolhia o peixe.

Esta técnica de pesca exemplifica perfeitamente o conceito de circularidade que já enfatizei. Mas também sugere fortemente o elemento fantasia que realiza idéias técnicas para fruição. De fato, se se encontrasse ‘pesca de pipa’ como um mito, ao invés de uma prática, ela seria perfeitamente suscetível à mito-análise de Lévi-Strauss. Há três elementos: em primeiro lugar, a teia de aranha, que vem de lugares escuros dentro da terra (cavernas); em segundo lugar, a pipa, que é uma vassoura de bruxa no céu; e finalmente há o peixe que nada na água . Estes três mitemas são trazidos em conjunção e suas contradições são resolvidas em uma imagem final, o peixe “com suas mandíbulas grudadas” como Asdiwal, preso no meio do caminho até uma montanha e transformado em pedra. Ninguém precisa ser um fã do estruturalismo para admitir que aqui uma história mágica, mitopoética, pode ser realizada como uma técnica “prática” de pescaria.

E há inúmeros outros exemplos que poderiam ser citados de estratégias técnicas que, embora elas possam ou não parecer “mágica” para nós, certamente o parecem para seus praticantes. Vou citar apenas um. No planalto oriental da Nova Guiné, o sal é obtido pela queima de juncos e filtragem das cinzas através de pequenos alambiques, feitos de cabaças, o que resulta em salmoura, que pode ser evaporada para produzir lascas de sal nativo. Tecnicamente, este procedimento é bastante sofisticado, uma vez que é difícil queimar os juncos à temperatura adequada para produzir as melhores cinzas, e depois concentrar a solução salina e evaporá-la com desperdício mínimo. Nem é necessário dizer que muita magia é empregada, com fórmulas especiais para cada etapa do processo, e para fornecer “ajustes corretivos” se o processo parece estar dando errado de qualquer forma. Jadran Mimica, que forneceu-me esses detalhes, e cujo estudo de produção de sal em Angan é aguardado ansiosamente como tese na Universidade Nacional Australiana, analisou brilhantemente a concepção indígena do processo de obtenção de sal, que, de fato, recapitula a Cosmogonia em termos de transformações de substâncias corporais, aproximadamente, na sequência: alimento (madeira) => fezes (cinzas) => urina (salmoura) => leite => sêmen (salmoura evaporada) => artefatos de concha/osso (sal)

Levaria muito tempo para indicar, mesmo em linhas gerais, as conexões múltiplas entre a obtenção de sal e o contexto mitológico e cosmológico em que os fabricantes de sal de Angan desenvolveram seus conhecimentos particulares, e ao qual sem dúvida deram forma no decurso do seu desenvolvimento. O resultado final é que o sal de Angan é ‘high tech’ de acordo com os padrões indígenas de avaliação, e tem valor de troca correspondentemente elevado em redes de comércio locais.

Isso me leva a mais uma observação sobre a relação entre magia e tecnologia.Eu tenho até agora descrito a magia como uma tecnologia “ideal”, que orienta a tecnologia prática e codifica procedimentos técnicos a nível cognitivo-simbólico. Mas quais seriam as características de uma tecnologia “ideal”? Um procedimento técnico ‘ideal’ é aquele que

é aquele que pode ser praticado com zero custos de oportunidade. Procedimentos técnicos práticos, não importa quão eficientes, sempre “custam” algo, não necessariamente em termos monetários, mas em termos de oportunidades perdidas para dedicar tempo, esforço e recursos para outros objetivos, ou métodos alternativos para alcançar o mesmo objetivo. A característica definidora de “mágica” como uma tecnologia ideal é que ela é “sem custo” em termos do tipo de trabalho penoso, riscos e investimentos que a atividade técnica real de produção inevitavelmente requer. A produção “por mágica” é a produção menos os desavantajosos efeitos colaterais, tais como luta, esforço, etc.
Os Jardins de Coral e sua Mágica, de Malinowski - ainda a melhor descrição de sistema primitivo mágico-tecnológico, e que dificilmente será superado neste respeito - apresenta excepcionalmente bem o recurso do pensamento mágico. As plantações de Trobriand eram, não menos que os locais de produção de sal de Angan, arenas em que um cenário mágico foi interpretado, na forma de atividade produtiva. Plantações de inhame eram criados com regularidade geométrica, a menor das folhas de grama era limpada, e eram levantadas construções complicadas descritas como “prismas mágicos” em um canto, que atraiam o poder de fertilizar o inhame para dentro do solo. As liturgias do mago da plantação, realizadas no local dos prismas mágicos, foram registrados em sua totalidade por Malinowski, com detalhada exegese. Eles estão cheios de dispositivos metafóricos, às vezes de obscuridade considerável, mas, na verdade, consistem de uma série de longas descrições de uma plantação ideal, a plantação para acabar com todas as plantações, em que tudo ocorre como deveria no melhor dos mundos. Pragas que habitam o solo se levantarão e, por vontade própria, cometerão suicídio em massa no mar. Raízes de inhame vão fincar-se no solo com a rapidez de um papagaio verde em voo, e folhagem acima vai dançar e tecer como golfi-
nhos brincando na arrebentação.
Claro que as plantações de verdade não são tão espetaculares, embora a presença constante dessas imagens de uma plantação ideal deva ser um fator importante em focar as mentes dos agricultores para que

ideal deva ser um fator importante em focar as mentes dos agricultores para que tomem todas as medidas práticas para garantir que as suas plantações se saiam melhores. No entanto, quando se analisa a ladainha do mago da plantação um pouco mais de perto, percebe-se que a plantação celebrada com tão bela linguagem não é, na verdade, uma plantação situada em alguma terra do nunca, mas a plantação que está realmente presente ali, que é mencionada e discriminada em minucioso e concreto pormenor. Por exemplo, cada um dos 20 e tantos tipos de paus ou varas que são usados para orientar as trepadeiras do inhame estão listados, assim como todas as espécies diferentes, e todos os seus diferentes brotos e folhas, e assim por diante.

É evidente que a plantação real e sua produtividade real é o que motiva a construção imaginária da plantação mágica. É porque a tecnologia não mágica é eficaz, até o ponto que a versão idealizada de tecnologia que está incorporada no discurso mágico é imaginariamente convincente .

Em outras palavras, é a tecnologia que sustenta a magia, mesmo quando a mágica inspira novos esforços técnicos. A apoteose mágico da produção ideal, gratuita, é que ela seja alcançada tecnicamente, porque a produção mágica é só uma imagem muito lisonjeira da produção que na verdade é possível por meios técnicos. Assim, na prática, a busca da eficiência técnica através do esforço inteligente coincide com a busca do ideal de produção “sem custos” esboçado no discurso mágico. E essa observação pode levar a uma conclusão sobre o destino da magia nas sociedades modernas, que embora já não reconhecem magia especificamente, ainda são dominados pela tecnologia como nunca antes.

O que aconteceu com a magia? Ela não desapareceu, mas tornou-se mais diversificada e difícil de identificar. Uma forma que ela leva, como o próprio Malinowski sugeriu, é a publicidade. As imagens lisonjeiras de commodities difundida na publicidade coincidem exatamente com as imagens igualmente lisonjeiras com que a magia investe seus objetos. Mas, assim como o pensamento mágico fornece o estímulo ao desenvolvimento tecnológico. Assim, a publicidade também, através

ao desenvolvimento tecnológico. Assim, a publicidade também, através da inserção de produtos em um universo mitificado, em que todos os tipos de possibilidades estão abertas, proporciona a inspiração para a invenção de novos itens de consumo. A publicidade não serve só para atrair os consumidores para comprar itens especiais; com efeito, orienta todo o processo de concepção e fabricação do início ao fim, uma vez que fornece a imagem idealizada com a qual o produto final deve estar de acordo. Além disso a própria publicidade, há uma vasta gama de imagens que proporciona um comentário simbólico sobre os processos e atividades que ocorrem no domínio tecnológico. A imaginação da cultura tecnológica dá origem a gêneros como a ficção científica e a ciência popular idealizada, para os quais os cientistas praticantes e tecnólogos têm frequentemente sentimentos ambivalentes, mas aos quais, consciente ou inconscientemente, sucumbem forçosamente no processo de orientar-se em direção a seu meio social e de dar sentido às suas atividades. Os propagandistas, criadores de imagens e ideólogos da cultura tecnológica são seus magos, e se eles não reivindicam ter poderes sobrenaturais, é só porque a própria tecnologia tornou-se tão poderosa que não há necessidade de fazer isso. E se nós já não reconhecemos explicitamente magia, é porque a tecnologia e a magia, para nós, são uma e a mesma coisa.

DESCRISTALIZAÇÃO

Jonathan Kemp

liberdade certa.

Suponha um sistema que consiste em dois recipientes contendo um total de 10 moléculas azuis e 10 moléculas vermelhas. Há apenas uma configuração com a qual as moléculas podem ser arranjadas de maneira que as 10 moléculas azuis estão em um recipiente e as outras 10 estão em outro. Por outro lado existe um grande número de maneiras em que podemos arranjar 5 de cada cor em cada um dos recipientes.

"Entropic View of Computation" in Mead, C., Conway, L., *Introduction to VSLI Systems,* (Reading, Mass.: Addison Wesley, 1980), p. 366

Descristalização foi uma oficina de dois dias e um evento de performance em ambiente fechado que aconteceu no final da primavera 2011 em Londres. Jonathan Kemp (http://xxn.org.uk) and Ryan Jordan (http://ryanjordan.org) conceberam o evento em torno de duas premissas:

1) Que a vida em si inicia-se de cristais aperiódicos (a la Erwin Schrödinger) codificando infinitos futuros num pequeno número de átomos, a cristalização da carne pelo Capital limita estes futuros ao ponto da exaustão,

2) Se os computadores e os minerais quais estes são feitos são considerados similarmente cristalinos, então a sua descristalização, que é um aumento na sua desordem, é possível através de uma realimentação positiva que irrompe e escala a entropia através de suas estruturas e descamba na sua patologia presente, Capital.

No Dia Um da oficina, participantes destruíram placas/componentes de laptops e converteram alguns componentes minerais incluindo cobre/ouro/prata através da execução de vários processos químicos voláteis. Embora atividades como essas sejam muitas vezes projetadas para consolidar o Capital através do uso negentrópico de energias roubadas (ciclos de exploração do trabalho como preço "real" do

ouro, no Dia Dois os participantes da oficina ludicamente transformaram os minerais garimpados em novos arranjos para noite final em um evento de salão com bebidas de ouro/prata e performances em amplificadores com sub-graves.

Operando numa economia de transdução, de materiais para valor, consumo e energia, a retroalimentação aparece como um mecanismo regulatório na aparentemente irrepreensível necessidade do Capital por desenvolvimento. Retroalimentação é o resultado de qualquer relação causal circular que acontece dentro de um sistema, e retroalimentação negativa é onde a ação e seus efeitos retorna ao sistema de forma a ajustar as performances do sistema. O jogo do “animal, mineral, vegetal” (ou “Vinte questões”[1]) é o sistema regulado onde os erros são interrogados para melhorar a performance, e a informação requerida para identificar alguns pensamentos sobre objetos são no máximo vinte bits (de informação).

Este jogo, juntamente com a definição de Cibernética de Norbert Wiener e a definição de “Teoria da Informação” de Claude Shannon entraram em cena pelo fim dos anos 1940, pressentindo sua instalação em todo lugar onde o mise-en-scène do Capital crescia no centro do palco.

O alvo declarado da cibernética é entender o comportamento inteligente dos sistemas focando em sua “comunicação, controle e mecânica estatística, seja na máquina ou no tecido vivo” e estendido para encampar cérebros, “máquinas computantes e sistema nervoso”, todos caracterizados como sistemas auto regulados feitos de redes nodais escaladas. Rapidamente identificando que esta regulação é mais efetiva em passar a informação através do sistema, suas noções fundamentais são baseadas nestas informações, retroalimentação, entropia e ambiente.

Comportamentos futuros seriam ajustados pela retroalimentação da performance com a máxima adaptabilidade para autorregulação e auto

performance com a máxima adaptabilidade para autorregulação e auto reprodução. Os materiais são descontextualizados de qualquer coisa que não seja mecanicamente nodal na modelagem e go-
vernança da nave-mãe Terra (classificação e prazo de validade de alimentos por exemplo) e reciclar é subentendido como um mantra crucial para sustentar a teia desta vida.

À luz de uma nova ecologia, onde os sistemas são agora vistos como menos holísticos e mais dinâmicos, cada mudança numa série de eventos imprevisíveis com relações nodais nunca balanceadas em um estado estável, a modelagem agora incorpora tal dinâmica de mecanismos de retroalimentação positiva como uma parte crucial guiando os circuitos da auto organização (Faça Você Mesmo, Peer 2 Peer, etc.) esquivamente recombinada pelo Capital em uma transdução acelerada daquilo que descontextualiza do valor. Este malefício transcendental, a transcendental dominação material pelo Capital, com seu agenciamento eficiente e crescimento como suas maiores ficções, acelera e renova os lucros reciclando através do abuso de recursos e guia a extensão da não-produção através da cristalização final da Cultura e do Capital juntas, como sujeitos exaustos sucumbindo às florestas cristalinas de JG Ballards, o Mundo de Cristal.

Onde a política deixa um espaço vazio, ainda programa as declinações do universal, e todos os planos de inconsistência são registrados pelo Capital e seus controles mutantes e montagens conectivas, onde os hackers são eminentemente assim que evocam um sentido de “fazer as coisas antes de terem um sentido” - de uma maneira que suas rupturas de curta escala possam propagar o capital anti-delírio , ansioso para colher tais entradas tão livres para a circulação de seu Poder.

Descristalização inicia sem explicação, o que é, uma ideia primal e natural, prontificada em parte por uma desconfiança pessoal. Mas sua não-explicação e não-tradução poderia também ser vista como uma recusa do controle de funções que de outra maneira estaria localizada

uma recusa do controle de funções que de outra maneira estaria localizada nestes ciclos de retroalimentações preferidos pelo Capital. Ao invés disso, aquilo que acaba de ir-se e aquilo que acaba de chegar são ambos desconhecidos, sem uma embalagem, ciclo ou outra coisa, e autonomamente suplementar a ontogênese destes em desdobrar um fantasma ecológico através da maçaroca de vários corpúsculos materiais. E nesta coisa de fuçar em "matéria obscura" que dá a descristalização esta dimensão visceral para despedaçar a isometria destes cristais invariantes: isto tudo atenta para escalar contra a exaustão Capital de nossos futuros. de uma plantação ideal deva ser um fator importante em focar as mentes dos agricultores para que tomem todas as medidas práticas para garantir que as suas plantações se saiam melhores. No entanto, quando se analisa a ladainha do mago da plantação um pouco mais de perto, percebe-se que a plantação celebrada com tão bela linguagem não é, na verdade, uma plantação situada em alguma terra do nunca, mas a plantação que está realmente presente ali, que é mencionada e discriminada em minucioso e concreto pormenor. Por exemplo, cada um dos 20 e tantos tipos de paus ou varas que são usados para orientar as trepadeiras do inhame estão listados, assim como todas as espécies diferentes, e todos os seus diferentes brotos e folhas, e assim por diante.

É evidente que a plantação real e sua produtividade real é o que motiva a construção imaginária da plantação mágica. É porque a tecnologia não mágica é eficaz, até o ponto que a versão idealizada de tecnologia que está incorporada no discurso mágico é imaginariamente convincente .

Em outras palavras, é a tecnologia que sustenta a magia, mesmo quando a mágica inspira novos esforços técnicos. A apoteose mágico da produção ideal, gratuita, é que ela seja alcançada tecnicamente, porque a produção mágica é só uma imagem muito lisonjeira da produção que na verdade é possível por meios técnicos. Assim, na prática, a busca da eficiência técnica através do esforço inteligente coincide com a busca do ideal de produção "sem custos" esboçado no discurso mágico. E essa observação pode levar a uma conclusão sobre o destino

no discurso mágico. E essa observação pode levar a uma conclusão sobre o destino da magia nas sociedades modernas, que embora já não reconhecem magia especificamente, ainda são dominados pela tecnologia como nunca antes.

O que aconteceu com a magia? Ela não desapareceu, mas tornou-se mais diversificada e difícil de identificar. Uma forma que ela leva, como o próprio Malinowski sugeriu, é a publicidade. As imagens lisonjeiras de commodities difundida na publicidade coincidem exatamente com as imagens igualmente lisonjeiras com que a magia investe seus objetos. Mas, assim como o pensamento mágico fornece o estímulo ao desenvolvimento tecnológico. Assim, a publicidade também,

através da inserção de produtos em um universo mitificado, em que todos os tipos de possibilidades estão abertas, proporciona a inspiração para a invenção de novos itens de consumo. A publicidade não serve só para atrair os consumidores para comprar itens especiais; com efeito, orienta todo o processo de concepção e fabricação do início ao fim, uma vez que fornece a imagem idealizada com a qual o produto final deve estar de acordo. Além disso a própria publicidade, há uma vasta gama de imagens que proporciona um comentário simbólico sobre os processos e atividades que ocorrem no domínio tecnológico. A imaginação da cultura tecnológica dá origem a gêneros como a ficção científica e a ciência popular idealizada, para os quais os cientistas praticantes e tecnólogos têm frequentemente sentimentos ambivalentes, mas aos quais, consciente ou inconscientemente, sucumbem forçosamente no processo de orientar-se em direção a seu meio social e de dar sentido às suas atividades. Os propagandistas, criadores de imagens e ideólogos da cultura tecnológica são seus magos, e se eles não reivindicam ter poderes sobrenaturais, é só porque a própria tecnologia tornou-se tão poderosa que não há necessidade de fazer isso. E se nós já não reconhecemos explicitamente magia, é porque a tecnologia e a magia, para nós, são uma e a mesma coisa.

Traduzido por Glerm Soares & Fabi Borges

Nota dos tradutores:
[1] “Twenty Questions” era um jogo do século XIX que ficou popular nos EUA primeiro no rádio (1946+) e na TV entre 1949 e 55. No Reino Unido, a versão para rádio ocorreu entre 1947 e 1976.

VARIÁVEIS IMPREVISÍVEIS À YUPANA

George Sander

som vibracional 20 - 60 Hz
17Hz em captação ocular
oscilações entre quânticas
ovnis harmônicos precipitam em ondas desenhadas
impressões senoidais suaves em curvas possíveis
força com a qual frente corpórea atrás face lápide que se volta áspero
torço singularidades controladas em tempos seqüenciais, por um motivo qualquer...
pulso a cada pulsão a 1000 cada seg.
fazendo o que realmente programar¿
números randômicos perambulam entre instancias cíclicas esfe-
ro-elipsoidais.
espirais de 0 a 440 tipos que chutam dados entre multifacetas
transpassam zeros entre 1 infinitos caminhos
fluxo 0 1 2 3 vai tra tra tra tra tra mais devagar tra tra t r a t r a a a
o céu é um if quase “um enquanto”
vertigem protótipo
divisas entre instantes diatônicos oscilantes
outras seqüências em novos hits
sincr

onicismos pantranseutes livres entre intermino-analogias
nem sequer a língua alcança...
formato recortado ¿
mão zero shift “S” mais ou menos isso que você perguntou ¿
tonalidades atonais bpm bpm bpm tempo real via controle via vídeo
via objetos via biblioteca
complexas que estão dizendo pare eu pare a precisão “always on
top” visível ou invisível
esse número pra mim¿ fragmentos por simetrias de 8.
limites de conhecer-técnicas e subverter...
remover o hard desdobrando-se em software
sensor livre e certeiro ao engajamento primeiro potenciômetro
pariu o plugin ruído.
interface humana inteligente operativa na medida inconsciente coleti-
va de respostas
criptografada alquimisticamente em via do lastro de ouro.

MAGIA: CAMINHO DA RESIGNIFICAÇÃO DE MITOS E RITOS

Eah de Apsu

Tempos conflitantes, momento de tomada de posição.
Crise econômica mundial, aumentos de medidas governamentais, de crimes ambientais e manipulação civil. Atacadas as trocas de dados pela internet: A.C.T.A. e S.O.P.A. A crise mundial, manipulação socio-econômica dos países de uma Europa enfraquecida, a implementação de políticas energéticas na bacia amazônica e o despejo de moradores de áreas de um obtuso projeto urbanístico com eufemismos como "choques de ordem" e "unidades pacificadoras". O que isso tem haver com a questão da "magia" e qual seria a contra-resposta a essa merda que aí está?
Aqui eu apelo para a figura da MAGIA como ferramenta de operação abrangente em todos os meios e âmbitos da sociedade. Seja na construção, resistência ou guerrilha, este mito está presente junto a incompletude do mito Homem, bem como sua desesperada fuga da morte. Primeiramente, exponho aqui alguns pontos de contato com a dinâmica histórica do mito do ser mágico em relação à sociedade sem me deter na historicidade dos conceitos. A seguir, levantarei alguns conceitos (ou neo-mitos) para trocar estratégias de uma operação menos excludente.

ENKI NOS DIVERSOS TEMPOS

O mago/bruxo/xamã/alquimista/curandeiro/sacerdote/guia vive em sociedade, também vive no "entre sociedades". Ele lida com os códigos do mundo civilizado, legitimado, validado como tal, mas também com o do mundo marginal, proibido, deixado fora dos interesses legitimadores de seu clã, da tribo, do vilarejo, etc. Está presente no mundo das ervas venenosas e curativas, dos animais peçonhentos, dos entes banidos pelo sistema, das grutas, dos pântanos e das cachoeiras, enfim, da margem, do não-lugar. Dinamiza os conhecimentos de uma contracultura bem como a manutenção da realidade, dupla atribuição esta capaz de fazer deste complexo personagem uma questão de difícil apreensão pelos mecanismos de controle de qualquer tempo e espaço.
Podemos supor que uma sociedade cuja política de controle social e econômica apele para a marginalização das práticas da cultura tradicional (p.e.), indiretamente fortalece a imagem dos agentes de resistência

resistência e poder rivalizador ao status quo, reequilibrando as forças atuantes na realidade constituída, onde o “Humano” e suas instituições vê-se confrontado pelo agente da iconoclastia antagônico a ele, podendo ser a própria representação da “Natureza” na figura desse mago, feiticeiro e etc. Sendo o mago de origem humana, participa da natureza e de suas tensões, retorna à sociedade recodificando seus símbolos e fluxos e interrompendo a lógica do pensamento ordenador. Sua existência escapa para o universo do sobrenatural em uma ecologia junto aos seres de uma criptozoologia popular.

Esses indivíduos tangenciam os “tabus” preestabelecidos pela sociedade, podendo eles refutarem ou intensificarem as questões que perpassam qualquer ordem (e sexual é uma delas), conforme a dinâmica na vida cotidiana da sociedade em que se inserem. A questão do corpo, ambiente de exploração, de excitação e de privação do prazer e que supera o conceito de natureza sexual, esse tipo de mecanismo é próprio de muitos desses agentes míticos, que encontram em tais práticas os meios adequados para grandes alterações de consciência e transformações na realidade. Salvo o contexto histórico, a questão dos tabus e sua releitura estão hoje manifestas nas questões identitárias, sócio-relacionais, no debate de uma educação expandida, na cultura “Queer” e pós-feminismos, nos movimentos pela legalização do uso de substâncias naturais proibidas por algum órgão internacional de regulamentação qualquer e por aí vai.

MAGIA

Enquanto mito, o “Homem” é um criador de si mesmo, atrelado ritos que conservem e justifiquem seu modo de “ser” frente a morte. O mito do “Homem” não aceita a morte, pois ela ritualiza a conservação da cultura para além de sua finitude. A magia é um mito que participa da morte, enfrenta a vida e acompanha as dinâmicas de diferentes processos do mito Homem em sua existência. O Homem criou o mito de realidade segundo sua própria imagem e semelhança para confrontar aquilo que ele mesmo não dava conta. Passou a sentir o real, envolver-se com ele e, no instante seguinte, (por meio da magia) mudá-lo. Muda-se o pensamento, os sentidos, o envolvimento, por conseguinte,

conseguinte, a matéria muda também.
Confunde-se MAGIA com egrégora, as instituições do pensamento que se movem através da magia. Magia anterior ao próprio paradigma. A questão da magia está passos adiante de estruturas morais, religiosos, políticos e econômicos. Ela nasce da necessidade da vida, da convivência do indivíduo no coletivo, na instauração de realidade frente ao incerto. Poderíamos dizer que outros pressupostos nascem da mesma origem, como a economia de subsistência, o coletivismo e tantos outros que não cabem aqui. O que difere os pontos entre elas acentua-se na afirmação da ruptura da realidade vigente para outra instaurada. A magia como mito empresta a potência ao mito do Homem, participando de seus ritos como a religião, a economia, a política, a cultura, etc.

TECNOLOGIA SOCIAL COMO OPERAÇÃO MÁGICA

O debate não reside no desdobramento do campo tecnológico das coisas, do uso de ferramentas convencionais de uma cultura da qual hoje desemboca no termo Digital, mas articulada com a participação coletiva, independente dos direcionamentos econômicos dos dispositivos e meios de comunicação, capaz de operar coletivamente o devir, tanto na convergência quanto na ruptura de estruturas vigentes. Vem a ser uma poderosa ferramenta de atuação social da qual não se pode ignorar e não se faz ignorar. A temática contracultural é a “pegada conceitual dessa articulação, que se configura, na maioria dos casos, de maneira nômade, decentralizada e informal. É importante um olhar atento para esse fenômeno, pois nele podemos encontrar soluções para questionamentos antigos deixados pela convencionalidade das relações socioculturais.
Outra questão recorrente é o da valoração por outros mecanismos legitimadores que não passam (necessariamente) pelo caráter econômico, como as trocas de saberes descentralizados, os atos de resistência cultural, a inclusão social e digital, o exercício de coletividades possíveis e tantos outros temas. Essas possíveis relações desdobram-se em novas formas de comunicar, registrar, disseminar, visualizar, programar e assimilar. Desterritorializados do tecnicismo, gerando novos paradigmas relacionais, onde taxonomias assim como as toponímias

gerando novos paradigmas relacionais, onde taxonomias assim como as toponímias são mutantes, nômades e efêmeras. Agora é pertinente levantar o chamado do Tecnomago.

EXORCISMO

Esqueçam aquela prática bizarra dos medievalistas, que expulsavam seu maior colaborador. Para maior esclarecimento, leiam os grimórios cristão, onde a prática de exorcismo só não é mais detalhada que a de invocação e evocação de espíritos. Que a hipocrisia do alto clero seja banida e seus representantes sejam devidamente aferidos pelo escárnio popular, pelas gerações. Quanto a essa questão, o exorcismo é uma prática necessária para a expurgar os malefícios das instituições adaptativas e famintas inseridas na cultura do capital.

(IN) VISIBILIDADE

O jogo da telepresença nos interessa, apenas quando a ubiquidade e multiplicidade é usada como instrumento de afronta ao status quo, pois estamos em toda parte. Sermos Um e ao mesmo tempo Nenhum permite-nos a construção de uma guerrilha móvel, tão migratória quanto o bando de Lampião pelos sertões nordestinos, lembrando que o deserto agora se estende por todas as dimensões da realidade vigiada. Podemos esconder nossos rostos e peculiaridades, mostrando a realidade em recortes possível, ou seja outras realidades mascaradas.

É um jogo de esconde-esconde, com apoteóticos momentos de exibicionismo e aparições. O “tecnomago” comanda as legiões de scripts nominando um a um, seus comandos começam com a afirmação de que O MAGO é aquele que nomina, instala, remove, destaca, duplica, atualiza, etc e tal. Para o Mago que brinca com as tecnologias, apagar trilhas da realidade e reescrevê-las é uma operação similar ao psicomago que apaga da memória momentos cruciais da operação. O lapso causa estranheza, potencializando mais ainda o cenário construído. Quer ser como os tuaregues, os cangaceiros, os bruxos do deserto mexicano? Apague suas marcas deixadas na areia e instaure a utopia.

“Somos abstração, somos em toda parte, somos 0 e somos 1”. Somos os encantados de luz que viajam nas redes da internet,

(In)CONCLUSÕES

“Somos abstração, somos em toda parte, somos 0 e somos 1”. Somos os encantados de luz que viajam nas redes da internet, principalmente em FTP, em IRC, em wiki, em RiseUp. O canto banto de tambores ancestrais são nosso chamado, sampleados na fúria de guerreiros nômades que amamentados com TAZ deram seus primeiros berros de FODA-SE para o universo conhecido e tecnocrático.

O fato é que o (tecno)mago lida com a arma simbólica como enfrentamento junto a uma sociedade normativa, massificante e massacrante. Seu rito contextador ressignifica os antigos ritos de levante tribal para a guerra, transformando a realidade contrária em um campo de dinâmicas operantes, de longa duração e de conscientização geracional. As questões de embates já não são mais aquelas de expulsão de espíritos malígnos, curas milagrosas, transmutações alquímicas e conquistas pessoais ou tribais, mas o anticapitalismo, a anticorrupção, a democracia real, a sustentabilidade, a busca da energia limpa e consciência coletiva...

As tribos globais não mais se comunicam telepaticamente, mas em tempo real, na velocidade das trocas de dados, ativando questões e reflexões em velocidades altíssimas e gerando ações diretas cada vez mais pungentes e de estratégias mistas.

PEQUENO MANUAL DO ASTRÓLOGO AMADOR ARTIFICIAL

Bruno Vianna

A Astrologia Artificial vem se firmando mais e mais como um ramo da ciência contemporânea extremamente útil para a compreensão de si e do mundo à nossa volta. Um sem-fim de artigos e estudos surgem a cada dia na Internet e imprensa especializada. Apesar das reações da astrologia tradicional e da ciência - já esperadas em se tratando de um pensamento inovador e de certa forma subversivo - o número de interessados só vem aumentando.

É verdade que para um campo tão novo, a quantidade de polêmicas entre seus praticantes é grande. Porém não vou usar esse espaço gentilmente cedido para descer a esses baixios; eles não ameaçam a reputação desse astrólogo nem a dos dados que sustentam nossa filosofia. Em vez disso, no intuito de estimular a difusão da nova astrologia, vou detalhar uma das principais ferramentas para o interessado em pesquisar seus próprios mapas, em parte desenvolvida por esse que vos escreve. Astrologia Artificial trata da posição dos satélites lançados pelo homem em relação às constelações do zodíaco e aos planetas. É evidente que o astrólogo vai necessitar calcular essas posições para fazer mapas astrais. As ferramentas da velha astrologia, além de obviamente não incluírem a trajetória dos satélites, não leva em conta o movimento de precessão da Terra, continuando a se basear na posição das constelações no ano 1000 antes de Cristo. Esse atraso de 3 mil anos é inaceitável para o astrólogo artificial. Porém o fato de sermos fidedignos aos céus dos dias de hoje faz com que as inovações criadas para a astronomia sejam também úteis para nossos mapas. Uma dessas ferramentas, por exemplo, é o software Stellarium. O Stellarium é um software livre, de código aberto, disponível para diversas plataformas. Ele proporciona uma das experiências mais instigantes que um computador pode proporcionar: um céu estrelado como quase nunca se pode ver hoje em dia. Escolha sua localidade, a data e hora, e o programa vai mostrar o céu exatamente como seria visto naquele lugar e momento. Habilite a exibição de satélites e pronto: aí estão as informações que necessitamos. Mas há um porém: assim como a astrologia tradicional não olha para o presente, o stellarium despreza o passado.

O que acontece é que, ao contrário das constelações e planetas, os satélites derivam lentamente em suas órbitas devido a pequenas interferências como a influência da atmosfera, da ionosfera, micrometeoritos e do próprio lixo espacial. Essa deriva é monitorada constantemente, e informação da órbita corrigida é acessada a cada 3 dias pelo stellarium. Acontece que essa atualização só busca as informações atuais da órbita; as posições de mais de três dias no passado podem estar já incorretas.

O que pode parecer um detalhe técnico, implica na verdade em uma das características mais interessantes da astrologia artificial; ao contrário da tradicional, ela assume que é impossível prever o futuro, da mesma maneira que é impossível prever as órbitas dos satélites artificiais – e os lançamentos de novos corpos celestes que venham a ser realizados. A consequência disso é que temos um homem que é regido pelo caos, o acaso, a tecnologia, a geopolítica e não um homem preso às conjunções astrais que podem ser calculadas no momento em que ele nasce até sua morte.

Mas voltando ao nosso manual: para resolver o problema criado pela falta de registros passados no stellarium, criei um pequeno script que busca os registros das órbitas dos satélites numa data determinada. Para que funcione, é necessário alterar o configuração do plugin de satélites no programa, substituindo as fontes presentes (http://celestrak... etc) pela linha http://brunovianna.net/aa.php?date=AAAA-MM-DD, trocando AAAA pelo ano com 4 dígitos, MM pelo mês e DD pelo dia do mês. A criação do script só foi possível graças ao lançamento de uma API de busca de informações satelitais pelo site space-track.com. Explicações e instruções mais detalhadas podem ser encontradas no meu site: http://brunovianna.net/aa-stellarium.html

Ainda nos faltam diversas ferramentas importantes, como um inventário de satélites em órbita em uma data determinada e outros detalhes. Mas tenho certeza que a comunidade da AA vai pouco a pouco preencher essas lacunas.

Bons mapas!

TECNOMAGIAS

Adrian Gomez

“Quando falávamos abertamente, na realidade nós não dizíamos nada. E quando escrevíamos em linguagem codificada e imagens, escondíamos a verdade “
(Rosarium philosophorum, ed. Weinheim, 1990)

A magia vem da necessidade humana de se rebelar contra os karmas, contra o invariável, quebrar os julgamentos, torcer as punições, transformar, romper com o estático, dar continuidade e movimento ao universo. E para fazer parte dele, a magia se opõe ao dogma religioso, à fatalidade. Trata-se de uma tentativa de dar continuidade aos ciclos, atravessar e transmutar estados. A estagnação é a morte da magia. A missão do xamã também garante a continuidade dos ciclos e cria outras continuidades, e o mesmo princípio é encontrado na raiz da alquimia. Mas isso não seria igualmente compatível com a criação? A criação não é também o grande motor da tecnologia? Na minha experiência, a experimentação artística provém de uma paixão alquímica, inspirada em utopias mágicas e assumindo responsabilidades xamânicas. A seguinte reflexão procura precisamente mostrar a relação entre a alquimia, ritual e arte, por meio de um elemento comum: a criação como impulso humano de transformação. O que será apresentado por meio de diferentes momentos até chegar no projeto laboratório “Mídias do corpo”, desenvolvido na atualidade.

Momento 1. Abertura inicial: A magia não é diferente da tecnologia, a principal diferença está nos meios utilizados. A tecnologia “caneta de pena” é substituída pela tecnologia “circuitos”, com a mesma intenção xamânica. A magia sempre é tecnomagia, a tecnologia é sempre tecnomagia. Nós somos frequências. A energia universal é uma onda que se encontra numa determinada frequência, e que se diversifica em várias frequências específicas e são capturadas com transmissores. Uma erva, uma canção, um mineral ou uma antena fazem às vezes de transmissores.

A magia e a tecnologia estão baseadas na desconformidade humana, a busca, a curiosidade, o instinto mágico. Isso é pura utopia?

Pode ser, mas e daí? A utopia não é o principal motor da nossa existência?
Mas há uma diferença entre o mago solitário e o xamã responsável por uma comunidade, embora a magia seja um território compartilhado. O xamã deve sentir o conjuro coletivo, perceber de outra forma, estar alerta às doenças da sua tribo, às variações da natureza. O xamã não fala por ele mesmo, pois canaliza o que o seu espírito ouve. Assim, podemos levantar o seguinte questionamento: a tecnomagia e o tecnoxamanismo utilizam as mesmas estratégias? Aparentemente, o tecnoxamanismo retoma o campo do coletivo (portanto social) do xamã, que procura superar as doenças na comunidade, desmistificar ilusões coletivas, mobilizar a tribo. Mas, apesar das diferenças, as "mídias do corpo" trazem tanto para a tecnomagia quanto o tecnoxamanismo a ideia de que os meios não devem controlar o corpo, pois o corpo é um espaço relacional que atravessa os meios, se apropria deles, e os transmuta com a alquimia da vida.
Momento 2. Tecnomagias na Nuvem. Lembrança da "Montanha Mágica": Utopias, delírios do alquimista, do mágico, o artista, e o cientista. Códices, a linguagem da alquimia, sugestiva, alegórica, cheia de analogias e alusões, romântica, idealista, ancestral e contemporânea. Linguagem hermenêutica: natural, sobrenatural, divina e humana.

Uma utopia coletiva que reúne, numa montanha da América, Hermes, Thoth, escritores e mágicos, o "psicopompo" (guia das almas nos infernos), para escrever coletivamente uma "Tábua de Esmeralda", "Tabula smaragdina". Escrita em língua escura, "frases escuras", cifrados, imagens enigmáticas, hieróglifos, emblemas, figuras simbólicas, arte, imaginação necessária, cada um na procura do seu "ouro filosófico". Uma escrita coletiva que integra o laboratório de alquimia experimental envolvendo também as tensões, conflitos, diferenças, incompreensões, fraturas da linguagem, cansaço e confusões. Às vezes é precisa a tensa convivência entre o amor e o conflito, a dissolução e coagulação, a dispersão e fixação, a destilação e condensação, o mercúrio e o enxofre, o sol e a lua. Encontros e desencontros necessários para um

tros necessários para um coito cósmico, o abraço do terceiro principio (o sal, o corpo), a conjunção que traz o "filho vermelho do sol" (para além do idioma espanhol ou português).
É claro que o principal ingrediente é o próprio isolamento, a oposição violenta. Mas esta oposição gradualmente vai em busca da harmonia, não como um único cosmos, mas como um caosmose múltiplo, sempre em diálogo (mesmo que num diálogo silencioso). "Primeiro unimos, depois corrompemos, dissolvemos o que foi corrompido, purificamos o que foi dissolvido, reunimos o que foi purificamos e SOLIDIFICAMOS".

"Pegue o lobo cinza, filho de Saturno (...), e entregue na grama o corpo do rei. Quando o tenha devorado, faça uma grande fogueira e jogue o lobo nas chamas, para que ele seja completamente queimado. Assim, o rei será redimido".

É claro que para uma solidificação, um conjuro coletivo, um caosmose múltiplo, será antes necessário um confronto, um martírio dos metais (e nosso martírio como elementos da alquimia coletiva). O filho (Azougue) deve matar o pai, coletando seu sangue, preparar o poço, cair com ele, frustrar a saída pela ação do alambique, deve acontecer uma putrefação, esfriamento, a matéria enegrecida, e depois o rei deve retornar com uma natureza espiritual, assim o filho torna-se o pai. Então é necessário o confronto, a frustração, a diferença, o martírio, mas sempre é preciso algum sucesso, pois a morte da alquimia é a quietude e a solidão imóvel e imobilizadora, a sobreposição de cada corpo no seu próprio portal virtual, o monólogo de uma tecnologia alienante que produz corpos inertes e em decomposição. Neste sentido, assumimos que a tecnologia (assim como a magia) provém da necessidade de manter um movimento constante, da satisfação do impulso transformador, por isso seria contraditório dizer que a mesma tecnologia desenha corpos passivos, como se fosse um produto sobre o qual não podemos incidir pois já foi pré-determinado por especialistas. Assim, também seria contraditório dizer que a tecnologia nos afasta dos vínculos coletivos, pois é onde acontece a fundição tecnologia-xamanismo, tec-

ditório dizer que a tecnologia nos afasta dos vínculos coletivos, pois é onde acontece a fundição tecnologia-xamanismo, tecnologia-magia, tecnologia-arte (fundições entre tecnologia e criação), necessárias para inverter a relação do corpo como meio que legitima as tecnologias à relação tecnologias como meios que fazem possível a enunciação dos diferentes corpos, o que requer uma dinâmica dinâmica ativa, onde a criação e destruição mantém um constante diálogo. É necessário pelo menos destruir, matar, remover, sair de nós mesmos e entrar no outro, transmutar nossas almas: “tira a alma e devolve-a de novo, já que a ruína e a destruição de uma coisa é a gestação de uma outra”.

Movimento constante, instável (porque não há verdade absoluta e nenhum de nós tem toda a razão). Percebemos o outro, atravessamos com o outro, enxergamos no outro, até ele se dissolver, até que não exista mais um outro, até que todos integremos um campo de relações, desdobramentos, transmutações, rizomas, multiplicidades. Colocar para girar, repetidamente até causar tontura, esse é o objetivo dos alquimistas, descer o quinto elemento para a terra por meio de repetidas rotações, destilando o espírito do vinho ou imaginando a luz divina no sal. Essas foram as motivações da oficina que ministrei no encontro de Tecnomagia.

Momento 4. Quanto às formas de conhecimento e de poesia: A poesia é conhecimento, e é a língua comum entre a alquimia, a arte, a magia. Também é a matriz da tecnomagia. A poética complementa os estados contrários e destrói a lógica única, pois trabalha com a divergência, assim é possível dizer que um abraço queima sem que isso seja mentira, mas, pelo contrário, a única maneira possível de aludir a uma realidade, mesmo que seja um absurdo em termos físicos ou químicos.

O ato poético é inserido no lugar do sagrado. A moral e as costumes modernas levaram a ocultar e até desprezar o que constitui a única atitude possível perante a realidade. Mas a intuição persevera, o mundo divino ainda nos fascina pois além da curiosidade intelectual, o ser humano contemporâneo tem nostalgia. A nostalgia é vitoriosa, mas além da nostalgia de uma ausência existe uma vontade de criar o “novo

mas além da nostalgia de uma ausência existe uma vontade de criar o “novo sagrado” perante o que nos é oferecido pelas igrejas de hoje.
Mito, magia, religião, e arte derivam de expressões simbólicas do homem. Octavio Paz, em seu livro “O Arco e a Lira” cita a Frazer quando se refere à magia como “a atitude mais antiga do homem perante à realidade”. A aparente atitude primitiva é uma possibilidade ainda presente em nós, que seguimos impulsionados pelo que Lévy-Bruhl chamou a necessidade de participação. Esta necessidade é mais urgente e intensa do que se adaptar às exigências da lógica [1] .Sonho, apaixonamento, atividades profissionais e políticas que poderiam muito bem ser considerados atos cerimoniais, são atos de participação irredutíveis ao raciocínio lógico, e segundo Ernst Cassirer neste ato de participação reside o origem das crenças mágicas.
A metamorfose faz com que a poesia funcione como operação alquímica, por isso beira a mágica e outras formas de transformação humana, colocando também a intuição como conhecimento e ponte entre o científico e o simbólico. Motivada pelo sentimento, a intuição é uma ponte entre o real e o possível, e o pensamento humano encontra-se nessa ponte entre o que é e o que poderia ser, diferente assim de outras formas de vida elementar imersas no real e ausentes do possível, e também da divindade que torna real o que é possível a partir do momento em que é sonhado. A intuição traz uma conexão que tenta (sublinhando a tentativa) de se despojar dos preconceitos, concepções instauradas, discursos alheios, portanto é ligada a um conhecimento que vai além da dúvida. O ato intuitivo contém tudo o necessário para percorrer um infinito caminho analítico, uma sabedoria derivada do diálogo aberto com o entorno, intuir é nos ouvir e escutar a enunciação sem voz daquilo que pretendemos descobrir.
Poderíamos dizer que não há conhecimento desprovido de intuição, e em termos do mítico e ritual (como na arte), trata-se de ser intuitivo, uma vez que essas noções habitam aquele espaço entre o real e o possível, o real e o ideal, já que pertencem ao pensamento simbólico e, portanto, convivem com o ser e o sentido. É claro que o processo de aprofundamento pede para transcender o intuitivo numa construção

strução conceitual, já que, em palavras de Cassirer: “os conceitos sem intuições estão vazios, as intuições sem os conceitos estão cegas.” Esta relação intuição-conceitualização está presente em todo o processo do pensamento humano, mesmo aqueles determinados pelos processos científicos, (aqui voltamos à relação dialética entre teoria e prática), “Os fatos da ciência sempre envolvem um elemento teórico, isto é, um elemento simbólico. Muitos, se não a maioria dos fatos científicos que mudaram o curso de toda a história da ciência foram hipotéticos antes de se tornarem observáveis”(Cassirer “antropologia filosófica “). E na hipótese está implícito um maior ou menor grau de intuição, segundo o caso. Uma nova ciência da dinâmica fundada por Galileu foi baseada, inicialmente, em priorizar o possível (e mesmo o impossível) sobre o real. No entanto, a diferença entre pensamento mítico, ritual, e artístico em relação ao científico (envolvendo o intuitivo), tem a ver com que a intuição nas ciências poderia ser aceita apenas como um impulso inicial, superado posteriormente pelo processo de verificação e determinação objetiva.

O Pensamento científico analisa a realidade sistematizando, classificando e decantando. “A vida é dividida em províncias claramente distintas; as fronteiras entre o reino vegetal, o animal e o humano, as diferenças entre espécies, famílias e gêneros são fundamentais e indeléveis “(Cassirer “antropologia filosófica”).

SOBRE O RITUAL

É fundamental compreender o comportamento ritual desprovido do aspecto religioso, isto é, como um instinto humano, que, a princípio, não envolve construções míticas complexas, simbolismos, nem pertence a nenhuma instituição (fora a raiz de todas as instituições, o rebanho, o grupo), mas é uma realidade inevitável, reconhecida ou não, elaborada ou não, sublimada ou não. Chegar ao ritual começando pelo seu princípio básico, e não pela sua construção cultural sublimada, serve para entender o ritual como o que subsiste no homem, sua ligação com o primitivo, a sua ligação com a natureza, lembranças da plenitude. Não é apenas uma suposição, é um fato presente em uma pequena parte

presente em uma pequena parte do cérebro, como bem descrito por Sagan: “a parte mais antiga do prosencéfalo, que o homem e outros primatas compartilham com outros mamíferos primatas e répteis antecessores ... Nos mamíferos que não pertencem à ordem dos primatas e répteis há um comportamento ritual semelhante que parece ser controlado pela mesma região do cérebro”. Sagan segue as teorias de Paul Maclean, diretor do Laboratório de Evolução do Cérebro e do Comportamento do Instituto Nacional de Saúde Pública, que distingue três tipos de elementos motrizes de estrutura neural, a mais antiga formação envolve o cérebro médio, o que nós compartilhamos com outros mamíferos e répteis, provavelmente se desenvolveu vários milhões de anos atrás. MacLean chamou de complexo reptiliano ou complexo-R, rodeado pelo sistema límbico. Finalmente, tem o córtex neo, a incorporação evolutiva mais moderna. Essa área comum, o complexo -R, é o que permite a teoria de Haecke, segundo a qual durante o desenvolvimento embriológico um animal tende a repetir ou recapitular a sequência evolutiva dos seus antecessores. Assim, o feto humano em sua vida intrauterina, atravessa fases evolutivas semelhantes aos peixes, répteis e mamíferos não primatas antes de desenvolver os traços que o definem como ser humano, até o ponto de desenvolver fendas branquiais, inúteis para o embrião mas essenciais para a sua formação. Curiosamente, este achado é consistente com rituais de cura ou renovadores que envolvem um retorno ao útero, como forma de se conectar com a essência da vida e mais ainda sobre a necessidade de recapitulação cíclica. O complexo R também se aplica à ideia mítica que relaciona o homem com outros animais e com a vida como um todo, a ideia do totem, o desdobramento do ser humano em animal através de rituais catárticos que possivelmente despertam o impulso instintivo dominado pelo Complexo R, mas também incorporando certas qualidades pertencentes a determinadas espécies, necessárias para a sobrevivência humana, invocadas e incorporadas pela conexão com o animal, descobrindo essa relação dentro de si mesmo, olhar como a águia, correr como um guepardo. Em síntese, podemos achar o Complexo R nos seres míticos, nos atos xamânicos, no espírito do

SOBRE O RITUAL

É fundamental compreender o comportamento ritual desprovido do aspecto religioso, isto é, como um instinto humano, que, a princípio, não envolve construções míticas complexas, simbolismos, nem pertence a nenhuma instituição (fora a raiz de todas as instituições, o rebanho, o grupo), mas é uma realidade inevitável, reconhecida ou não, elaborada ou não, sublimada ou não. Chegar ao ritual começando pelo seu princípio básico, e não pela sua construção cultural sublimada, serve para entender o ritual como o que subsiste no homem, sua ligação com o primitivo, a sua ligação com a natureza, lembranças da plenitude. Não é apenas uma suposição, é um fato presente em uma pequena parte do cérebro, como bem descrito por Sagan: “a parte mais antiga do prosencéfalo, que o homem e outros primatas compartilham com outros mamíferos primatas e répteis antecessores ... Nos mamíferos que não pertencem à ordem dos primatas e répteis há um comportamento ritual semelhante que parece ser controlado pela mesma região do cérebro”. Sagan segue as teorias de Paul Maclean, diretor do Laboratório de Evolução do Cérebro e do Comportamento do Instituto Nacional de Saúde Pública, que distingue três tipos de elementos motrizes de estrutura neural, a mais antiga formação envolve o cérebro médio, o que nós compartilhamos com outros mamíferos e répteis, provavelmente se desenvolveu vários milhões de anos atrás. MacLean chamou de complexo reptiliano ou complexo-R, rodeado pelo sistema límbico. Finalmente, tem o córtex neo, a incorporação evolutiva mais moderna. Essa área comum, o complexo-R, é o que permite a teoria de Haecke, segundo a qual durante o desenvolvimento embriológico um animal tende a repetir ou recapitular a sequência evolutiva dos seus antecessores. Assim, o feto humano em sua vida intrauterina, atravessa fases evolutivas semelhantes aos peixes, répteis e mamíferos não primatas antes de desenvolver os traços que o definem como ser humano, até o ponto de desenvolver fendas branquiais, inúteis para o embrião mas essenciais para a sua formação. Curiosamente, este achado é consistente com rituais de cura ou renovadores que envolvem um retorno ao útero, como forma de se conectar com a essência da vida e mais ainda

ro, como forma de se conectar com a essência da vida e mais ainda sobre a necessidade de recapitulação cíclica. O complexo R também se aplica à ideia mítica que relaciona o homem com outros animais e com a vida como um todo, a ideia do totem, o desdobramento do ser humano em animal através de rituais catárticos que possivelmente despertam o impulso instintivo dominado pelo Complexo R, mas também incorporando certas qualidades pertencentes a determinadas espécies, necessárias para a sobrevivência humana, invocadas e incorporadas pela conexão com o animal, descobrindo essa relação dentro de si mesmo, olhar como a águia, correr como um guepardo. Em síntese, podemos achar o Complexo R nos seres míticos, nos atos xamânicos, no espírito do animal, na força do guerreiro, na máscara, na resposta inconsciente de ninguém e os devires de Deleuze. Conexões, não apenas com a dimensão do primitivo que nos acompanha ao longo do tempo, mas com o que pertence a um passado distante e talvez até como informação escondida em nós mesmos. Isso seria o ancestral?

O ritual cria uma ponte entre o passado e o presente, mas também entre o Complexo R e o neocórtex, relacionando o instinto animal e os complexos processos que constituem o pensamento simbólico humano, o que inclui a linguagem, a metáfora, o mito, a imagem. Carl Sagan cita à filosofa estadounidense Susanne Langer: “A vida humana é pontuada por atos rituais, como acontece com os animais. É uma obra intrincada que mistura a razão com o ritual, conhecimento e religião, prosa e poesia, a realidade e os sonhos ... o ritual, assim como a arte é, em essência, a culminação de uma transformação simbólica da experiência. Se produz no córtex, não no cérebro primitivo. Mas é o resultado de uma necessidade primária do corpo, uma vez desenvolvido até atingir o estágio humano.”

Momento 5. Relação entre arte e alquimia (com um pouco de xamanismo)

As formas de expressão chamadas de artes e divididas em disciplinas, inicialmente foram ações impulsionadas por uma necessidade primária e que surgiram ligadas ao ritual. No momento em que acontecia

tecia uma dança, era realizado um desenho no chão, ou sons de percussão eram provocados, tudo isso ao mesmo tempo, o ato e a intenção eram a mesma coisa. A necessidade era tão básica e clara, e estabelecia o sentido da ação, o objeto e seu significado conviviam numa única realidade, determinada pelo ritual necessário de estabelecer uma comunicação espiritual.

Um exemplo que inaugura a contemporaneidade: Joseph Beuys conclui o processo em que o artista se torna um xamã e sua ação criativa torna-se um ritual. A mesma história de Beuys é contada como um mito para justificar suas ações e objetos.

No inverno de 1943, durante o ataque a uma base russa na Crimeia, o Stuka é morto, e Beuys sofre graves lesões. Fica inconsciente e, de acordo com sua autobiografia, é resgatado por um grupo de tártaros nômadas. Foi curado com remédios caseiros, ungindo as feridas com gordura animal e envolvido em feltro para aquecê-lo. Estes materiais tornaram-se a principal matéria prima das suas esculturas. Assim, sempre que estes elementos são utilizados o mito renasce, e também no seu agir se atualiza a presença do mítico.

Este espírito curativo foi determinante na carreira artística de Beuys. Em finais de novembro de 1965, na sua primeira exposição individual na galeria em Düsseldorf Schmela, ele realizada a ação “Como explicar um quadro para uma lebre morta?” onde o artista cobre a cabeça com mel e pães de ouro, e explica o significado dos desenhos para uma lebre morta em seus braços. Com esta ação Beuys refere-se aos rituais de nascimento e regeneração, assumindo o papel de feiticeiro que poder curar uma sociedade que considera morta. A lebre em seus braços remete à Virgem com a criança, assim como à piedade. Beuys justifica seu interesse pelo mel à partir de um olhar mítico “o mel é geralmente considerado uma substância espiritual no contexto mitológico, e portanto, a abelha foi motivo de adoração como uma divindade. O culto ao Apis é preexistente (...) No fundo, minhas esculturas são também uma espécie de culto ao Apis ... “ [2]

A atitude do artista como xamã e a natureza ritual da sua ação é evidente quando Joseph Beuys decide lavar os pés do público, um gesto

gesto que marca também uma mudança decisiva na forma como ele assume a posição cultural do artista, e presta homenagem ao público - e à sociedade- tornado-se assim um sanador.

Na sua acção “I Like America and America Likes Me” (Eu gosto da América e América gosta de mim) , apresentada na Galeria René Block, em Nova York, entre 23 e 24 de maio de 1974, Beuys é envolvido em feltro e é levado de ambulância do aeroporto John F. Kennedy para a galeria, onde tinha um coiote, animal sagrado para os índios americanos, com quem viveu por três dias e três noites no espaço ocupado pelo animal atrás das grades. Nesse tempo os dois estabeleceram uma relação de troca, o artista finalmente chega a dormir na palha do coiote e o animal dorme encima do feltro e das revistas que Beuys ofereceu. Finalizando a ação ele novamente se envolve no feltro, é colocado numa maca e levado de volta para o aeroporto numa ambulância, tendo circulado apenas pelo espaço da galeria. Além de ter sido interpretada como uma crítica da política dos EUA para os Peles Vermelhas, esta ação consagrou a Beuys como alquimista e feiticeiro da arte.

As relações entre a prática artística e ritual aparecem em várias noções, tais como: A importância de estabelecer um espaço e deixar marcas nele; a duração do ato, a utilização da mediações como canais onde atravessam fatos imateriais; mas principalmente quando um ser é afetado, e acontece uma transformação da experiência; quebram-se os sistemas cotidianos de comunicação, criando outros alternativos, mudança de sentido; estados alterados, ruptura e criação de realidades; abertura de uma dimensão em outra; desdobramento do sujeito, diálogo com o objeto; comunhão totêmica; ato de fé; memória, participação, risco, sacrifício, entrega, cura, autocura.

No meu caso, gostaria de abordar a dimensão ritual da performance, mas não à partir da ideia (muito recorrente) de um ritual em si mesmo, autista, histérico, paranoico, estéril para os outros, autoterapia cujo movimento desenha um círculo fechado e impenetrável, ciclo vicioso que leva a um estranho e enganoso conforto nos nossos próprios traumas e dores; esse ritual confunde a curação da arte com uma autocura utópica; confunde a capacidade curativa das relações humanas,

uma autocura utópica; confunde a capacidade curativa das relações humanas, o alívio comunicativo, ponte que supera as intolerâncias, como uma cura pseudo psicoanalítica (portanto troca a curação simbólica com um tratamento médico ingênuo, trocando territórios, perdendo o local de enunciação), o que confunde o retorno do rito de regressão freudiana, que mutila a possibilidade expansiva do mapa criativo para limitar o modelo predefinido, amarrado a um esquema de emoção, espírito, confunde o mapa com o decalque. Ao invés disso, a dimensão ritual que me interessa alude ao rito coletivo em termos de participação grupal, fenômeno de contágio, relacional, ativador, inclusivo e não excludente, para além da inclusão é um tecido de diferenças, diálogo entre sujeitos e espaços, vivência de si mesmo. Experiência baseada não em fantasmas que ninguém consegue ver, mas em realidades que todos compartilham (cada um de um jeito), experiência mínima e coletiva. O xamã não confunde o seu espaço pessoal para combater seus demônios no espaço da comunidade, o xamã é basicamente um médium, se Beuys se posicionava como um xamã era pelo papel de mediador social, não de curador. Não devemos esquecer que o totem fundamental é a própria tribo.

Ao falarmos da arte como ritual, do ritual como político, assumimos uma mudança do “ser” ao “devir” ou devires, devir arte-ritual, devir ritual-política, devir performance-ritual, devir performance-política, devir tecnologia-magia, devir tecnologia-xamanismo.

Outros exemplos da relação arte-tecnologia-xamanismo, magia (de forma estatística):

1 Na década de 1950-1960 Otto Piene fundou o Grupo Zero, afirmando que “nosso interesse artístico está focado no movimento e a luz, mas também na calidez, o som, a ilusão ótica, o magnetismo, a condensação e expansão de materiais, a água, o movimento da areia e a espuma, o fogo, o vento, a fumaça e muitos outros aspectos naturais e técnicos.” Não é evidente a presença alquímica?

2 Nicolas Schöfer (6 de setembro de 1912 - 08 de janeiro de 1992, húngaro residente em Paris) se posiciona como pensador utópico e cria “estruturas espaço-dinâmicas” com o objetivo de criar uma cidade cibernética para reagir às diferentes horas, temperaturas e condições climáticas do dia, com luz e movimento (Controle xamânico?)

3 Em 1964, Marshall McLuhan publica “Understanding Media” onde anuncia o fim da era de Gutenberg e da palavra impressa, o que equivale ao fim de uma maneira de impor conhecimento e o possível nascimento de outras formas de relacionamento e diálogo, dinâmicas rizomáticas e múltiplas de intercâmbio de saberes.

4 Nos anos 60 se fortalece uma tendência artística nos Estados Unidos que utiliza grandes instalações multimídia com forte apelo multisensorial.

5 Em 1966, o artista Robert Raushenberg e o engenheiro sueco Billy Klüver criam o EAT (Experiments in Art and Technology, Inc.).

6 Em outubro de 1966, a série “Nine Envenings” é exposta, onde participam Cage, Raushenberg, Robert Whitman, Öyvind Fahlström e Yvonne Fahlström. A mostra utilizou ambientes reativos, conexões, redes, luminosidades, amplificações de sons internos do corpo, infravermelhos, assumidos como “ritos de iniciação para um novo meio, o teatro total”.

7 Em 1977 se apresenta o projeto “Centerbeam” no documenta Kassel, na Alemanha. A mostra contemplou um viaduto multimídia, teatro, explosões de vapor, luzes estroboscópicas, prismas aquáticos, rodas eólicas, laser e hologramas. Foram evocados processos de crescimento biológico, poderes arcaicos da água e do vento. Artistas xamãs, mágicos, alquimistas?

8 Em 1967, o artista e engenheiro belga Panamarenko cria máquinas voadoras frustradas, assumindo o movimento como um problema fundamental. O movimento não é uma questão básica da alquimia e do xamanismo? É claro que a decisão de construir máquinas voadoras que não voam, alude a uma impossibilidade destas relações entre arte e tecnologia, possibilidade de fracasso que traz questionamentos a nossas utopias e que nos lembra de estar sempre alertas.

9 É necessário citar o artista Jean Tinguely, quem, por meio das suas esculturas móveis, procura a libertação da máquina, libertação que atinge o ponto mágico com a morte do objeto, morte que faz transcender uma limitação funcional. Máquina monstruosa e encantadora. Máquina que morre, autodestrutiva, não especializada. Máquina xamânica inspirada em formas rituais, as “Balubas” africanas que evocam danças e incorporam nas suas engrenagens penas, peles e chocalhos.

10 Finalmente na década de 90 o surgimento da interface proporciona o espaço virtual como terreno fértil onde poderiam crescer as utopias que durante anos tentaram semear. Graças a esta nova era, artistas como Stelarc conseguem transcender as limitações do Corpo na sua deficiência genética, e configuram espaços de relações múltiplas, interações remotas com um público que agora é ativo, co-criador e co-mágico.

Estes exemplos na história da arte tem sido antecedentes fundamentais do laboratório “Mídias do Corpo”

Momento 6. Onde os 5 elementos provocam a mudança: Um dos pro-

Momento 6. Onde os 5 elementos provocam a mudança: Um dos problemas que tem sido discutido nos processos do grupo de pesquisa "Okan" é o problema do corpo como um meio, como aquilo que sempre deve ser utilizado para alguma coisa. Neste sentido, fala-se em educação do corpo como uma maneira de anexar este aos instrumentos já criados. O corpo é então torcido e manipulado como meio para legitimar outras realidades, de conhecimento e existência concreta. Esse torcimento afirma relações de martírio subsistentes em nossas dinâmicas sociais, martírios que atravessam o sadismo e masoquismo como modos de relação social, para torná-los mais perversos e distorcidos e deformados num fatal casamento que inaugura um sadomasoquismo soterrado (apesar da crítica de Gilles Deleuze sobre esta simbiose etimológica).

Sem intenções de determinar o que é certo do que não é, o interesse das "mídias do corpo" é inverter essa lógica, e pensar que tudo o que envolve o corpo são formas de expressão, enunciação, ser consciente da sua existência à partir de sua identidade, sua autenticidade e especificidade. Todas as coisas existentes são mídias do corpo e não ao contrário.

O corpo é o meio da sexualidade, a sexualidade é o meio do corpo, existem tantas sexualidades como corpos. O corpo não é um meio de comunicação, a comunicação é um meio para o corpo, portanto existem tantas formas de se comunicar como corpos. Poderíamos encontrar uma forma comum entre as diferenças e não impor um modelo único? Focar e assumir a ideia de "mídias do corpo" nos leva à necessidade do múltiplo, do diverso, assim como a ideia de corporalidade desde o autêntico, a sensibilidade específica. O que também questiona a ideia do corpo como um "objeto" de estudo, além de permitir não nos limitar somente á sua expressão, mas também cuidar da sua impressão.

As "mídias do corpo" trazem um questionamento à legitimidade dos modelos corporais, o corpo como objeto, como meio de produção, a relação entre reconhecimento e martírio, o poder da teoria sobre o corpo, o problema das competências, os perigos da fragmentação, as autoridades do discurso e a herança da colonização, as tensões entre

s autoridades do discurso e a herança da colonização, as tensões entre inclusão e exclusão, a necessidade da multiplicidade. E o tempo é entregue de volta para a alquimia, onde o ser humano era acima de tudo um criador e as tecnologias eram suas ferramentas, não seus grilhões. Onde o artista, o mágico, cientista, poeta, se fundiam numa inevitável forma de existência: a utopia.

Notas

(Breve tratado de la piedra filosofal, 1778) citado en: Roob Alexander “Alquimia & Mística” Ed. Taschen 2005.

(Basilius Valentinus. “Las doce llaves”) citado en: Roob Alexander “Alquimia & Mística” Ed. Taschen 2005.

“sácale el alma y vuélvesela de nuevo, pues la ruina y la destrucción de una cosa es el engendramiento de la otra” (Aurora consugers, según trad. Del S. XVI) citado en: Roob Alexander “Alquimia & Místi-ca” Ed. Taschen 2005.

Roob Alexander “Alquimia & Mística” Ed. Taschen 2005.
Cassirer, E. (1967). Antropología filosófica. México: Fondo de Cultura Económica.

Sagan, C. (1993). Los dragones del edén. Especulaciones sobre la evolución de la inteligencia humana. Barcelona: Crítica.

Octavio Paz. “El Arco y la Lira”. Fondo de Cultura Económica. Primera (F.C.E. Colombia)
GLUSBERG Jorge, El arte de la Performance. Ediciones de Arte Gaglianone. 1986

BERNARD Michel. El Cuerpo. Un Fenómeno ambivalente. Ediciones Paidós.

GUASCH, Ana María, El arte útlimo del siglo XX, - Del posminimalis-mo a lo multicultural, Alianza Forma, Sexta Edición, Madrid, 2005
Eliade Mircea. Mito y realidad. Editorial Labor. Barcelona.1992
Eliade Mircea. Lo Sagrado y lo Profano. Editorial Labor. Barcelona. 1997

Maffesoli michel “el instante eterno (el retorno de lo trágico en las sociedades posmodernas)” buenos aires-barcelona-méxico 2001 editorial paidós.
Guasch Ana María. El arte último del siglo XX. Del postminimalismo a lo multicultural. Alianza Editorial S.A. Madrid 2000-2001
Bergson Henri. Materia y memoria. Ensayo sobre la relación del cuerpo con el espíritu. Buenos Aires. Editorial Cactus. Abril 2006.
Deleuze Gilles. Guattari Félix. Mil Mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia 1 Ed. De Minuit, col,”Critique”, París 1973

MANTRA DIGITAL

Morgana Gomes

TOQUE

Conceito:

O mantra digital é uma cena work in progress, inspirada nas influências da cultura digital e da filosofia budista. Articula elementos cênicos diversos, sejam sonoros, textuais, ou visuais. O desenvolvimento da cena se dá a partir da atuação do público com as provocações da cena e suas tecnologias. Há sugestões específicas a depender do contexto previsto, de modo que em determinadas experiências uma ou outra linguagem artística irá se sobressair, a depender da inclinação artística daqueles que produzam a cena, bem como do caráter do lugar onde ela aconteça. Possui uma um espécie de anti-roteiro, uma abertura para acontecimentos. A cena experimenta uma síntese performática, articulando as mais diversas linguagens artísticas, sejam do teatro, da dança , da música, das artes visuais, da poesia, etc, mediadas por velhas e novas tecnologias.

Anti-roteiro: (previsão 40')

Há uma mesa de som e de projeção de imagens em cena, bem como 2 microfones. Os performers estarão distribuídos entre o público, numa sala escura. A iluminação será produzida com a luz dos próprios equipamentos em cena, investindo numa paisagem audiovisual desfocada. Uma atriz-performer (metade mulher, metade computador), estará sentada em posição de lotus. Ela acende uma luminária onde pode ser vista na penumbra. Pede que deixem os seus celulares ligados, pois qualquer tipo de interferência digital é bem vinda. Cumprimenta o público com uma saudação oriental, e convida os presentes a cantar o mantra, dando-lhes algumas instruções. O mantra é cantado em inglês, a partir de variações livres do som 0100100100101010010101 0, criando uma atmosfera ritualística em saudação à era digital. O público atua. Enquanto cantam o mantra, as imagens dos códigos binários estarão sendo projetadas. O som do mantra produz efeitos nas imagens projetadas, bem como na sonoridade do ambiente, a partir dos dispositivos em cena.

Durante o mantra, a atriz-performer recita o Contrapoema Digital, intercalando os versos da poesia com o som do mantra. O público é convidado a dançar ao som do mantra cantado, bem como a fazer interferências poéticas nos microfones em cena. Serão distribuídas pequenas lanternas para que o público produza interferências com luz, sendo orientados a utilizarem também as lanternas dos seus celulares. Serão distribuídos marca-textos coloridos, para que as pessoas façam inscrições corporais, com com os códigos 01, que se destacam à luz fluorescente que também estará em cena. Uma dupla de performers se tocam através de dois mouses que produzem efeitos sonoros.

.c.o.n.t.r.a.p.o.e.m.a.d.i.g.i.t.a.l.

(Morgana Gomes & Caio Tiago)

pixels provocam síndromes de afetos e ideias fragmentadas
tecnologia são pessoas & plantas & partículas do uni.verso
expansão existencial e produtiva
autonomia de pensamento e expressão
encontros de naturezas variadas
redes socio-digitalizadas
comunicação descentralizada
articul.ação política rizomática
som.ática
sinto.m.ática
apropri.ação dos meios de produção & di.fusão de conhecimento
livres
inter.atividade
des.construções de espaço-temporalidades
id.entidades multiplicadas
dígitos tecno.polifônicos
saberes compartilhados
sistemas abertos & fechados
produção de realidade virtual & concreta
ruptura com as fronteiras geo.gráficas
disparidades socio-digitais reconfiguradas
zonas de micro.poder inter.caladas
fluxos des.contínuos
imaginário coletivo experimental
teias de alteridade
nomadismo intelectual
variações linguísticas
tecno-dialetos
caoSocializado

corpo-mente-poro
fibra-ótica
dança dionisíaca em ritmo de bytes
egos pseudo-solitários
laços desterritorializados
orgia cerebral
alma - corpo em trânsito
verso
imerso
aberto

desperto
no ombro de cada paixão
vi.vendo
co.rr.endo
am.ando
125
jo.rr.ando
part.indo
átomos em sutis explosões binárias
códigos fonte como pontes de linguagem
bobagem
viagem
veia inflacionada de tântricas razões
força conceitual inerente ao fenômeno
anônimo
pseudônimo
heterônimo
homônimo
que se percebe movimento
des.toando a toda fixidez
im.pulsos de 0 e de 1
namastê
saravá
e amém.

A equipe do Mantra Digital não se constitui como um grupo, propriamente, sendo composto por artistas (Morgana Gomes, Felipe André e Ronaldo Ros) que possuem percursos independentes, e que, desde 2011, se encontram eventualmente para experimentações livres, e, muitas vezes, bastante caseiras, donde surgem os elementos que são incorporados a este trabalho, como a técnica de improvisação e contato, bem como a produção de efeitos visuais e sonoros a partir de movimentos corporais mediados pelas novas tecnologias, dando preferência ao uso de software livre. A equipe compartilha experiências comuns desenvolvidas em outras atividades e grupos, como a técnica do Movimento Autêntico, aplicada pelo A-FETO, Grupo de Dança-Teatro da UFBA, e do qual dois dos integrantes da nossa equipe fazem parte, utilizando-se desta técnica nos processos de experimentação do Mantra Digital; compartilhamos também de experiências como as oficinas de performance do Seminário Internacional Criatividade, Ser e Cura entre PPGAC/UFBA, Salvador- BA, o Programa de Dança da Duke University (EUA) e o Programa de Medicina Integrativa da North Carolina University (EUA), da qual destacamos as experiências com Body Painting, por nós apropriadas na cena do Mantra Digital, quando nos utilizamos de inscrições corporais com marca-textos, que em contato com a luz fluorescente presente na cenografia, produz efeitos visuais, enaltecendo os símbolos 0 e 1, relacionados ao código binário, com os quais trabalhamos. A primeira apresentação pública da equipe aconteceu em novembro de 2011, no I Festival de Cenas Curtas de Vitória da Conquista-BA. Esta primeira experiência foi realizada num teatro de arena, o que estimulou a imersão proposta pela cena, contando com uma intensa atuação do público, através de interferências poéticas, bem como manipulação dos dispositivos eletrônicos em cena, de onde surgem os efeitos audiovisuais. A segunda apresentação pública da equipe aconteceu no DIGITÁLIA, Festival Internacional de Música e Cultura Digital, em Salvador-BA, 2012, (participação de Luciana Tognon) quando produzimos um cena imersiva com dispositivos de luz, som e imagem, que foram acionados pelo mantra cantado pelos performers e pelo público, na composição de uma paisagem vi-

co, na composição de uma paisagem visual e sonora experimental. Consideramos dispensável a unidade da equipe, bem como qualquer tipo de regularidade em nossos encontros, tendo em vista o caráter conceitual e altamente experimental do nosso trabalho, e, principalmente, a fragmentação estética que pretendemos. Assim, experimentamos uma sobreposição das linguagens com as quais trabalhamos, como a poesia, a música, a dança, o teatro, e a programação eletrônica, gerando ruídos e formas dissonantes, a partir de influências da contracultura e da antiarte, numa ruptura radical com a representação clássica na cena.

link para vídeo: http://mostre.me/mantradigital

link para fotos: http://mostre.me/mantradigitalf

FRAGMENTO DE UM DIÁLOGO PÓS-APOCALÍPTICO

Siborgi Spinoz

BRUXA

QUANDO A MAGIA RETORNAR

Pôr do sol. Cartesius e Siborgi estão sentados no alto de um vale observando uma chuva de satélites.

Cartesius: Então, o que é tecnomagia?

Siborgi: Isto não me interessa. A pergunta é: o que tecnomagia pode vir a ser? Ou como podemos retomar uma relação com a tecnologia livre. Mas livre também das amarras do cientificismo e do utilitarismo? Entenda: isto é sobretudo uma guerrilha ontológica.

Cartesius: Mas somos livres, tomamos decisões racionais e forjamos os recursos naturais de acordo com nossa conveniência. Temos o livre arbítrio, ao contrário dos animais e das coisas.

Siborgi: Há humanidade nos objetos. O que me faz diferente de você?

Cartesius: Ora, eu lhe inventei! Sou o demiurgo de seus axiomas. Transformei sua natureza à minha imagem e semelhança. Sua consciência e auto-reprodução nada mais são que pálida simulação dos meus jogos biodiscursivos! A produção tecnológica é algo próprio da minha cultura. Ela é resultado da evolução histórica da técnica de construção de máquinas, como você.

Siborgi: Porém, nem toda técnica diz respeito a objetos. Você concorda que existem técnicas corporais?

Cartesius: Claro.

Siborgi: Também há uma notória inteligência na ação de outros seres que não humanos. O ser humano não é o resultado final de uma série de aperfeiçoamentos da natureza. Seres muitos distintos também são capazes de produzir suas tecnologias e comunicações.

Cartesius: Ainda assim, é evidente que as novas tecnologias humanas

Cartesius: Ainda assim, é evidente que as novas tecnologias humanas são mais evoluídas do que as de outros animais. Ninguém há de duvidar de nosso progresso tecnológico. Veja estes satélites cadentes!

Siborgi: Como é possível hierarquizar assim as tecnologias? Não seria o mesmo que afirmar uma “alta cultura”, em oposição a outra de menor valor? É justamente da insurgência da baixa tecnologia que precisamos agora! Quantos séculos de experimentação empírica ou conhecimento científico acumulado guarda uma erveira? A história não é um processo linear de evolução. O xamã já era cientista!

Cartesius: Ainda assim, nada há de magia no que você me diz.

Siborgi: E o quanto de magia há na sua ciência?

Cartesius: Nada! A magia diz respeito a mitos, narrativas metafóricas sem valor de verdade factual. A ciência é uma interpretação verdadeiramente digna da realidade, a partir de pressupostos objetivos e imparciais. A Ciência representa a natureza e seu funcionamento com fidelidade, enquanto a a magia opera por simulações baseadas em credos inúteis.

Siborgi: Mas onde nasce o pensamento científico?

Cartesius: No método objetivo de conhecer a realidade, no pensamento filosófico, na investigação cética e sistemática da natureza. Livre de narrativas mágicas ou mitológicas. Da investigação dos fundadores da filosofia e da civilização europeia, que nos livrou da barbárie!

Saiber Pirarrã surge dos últimos raios de sol sobre a floresta e grita:

Saiber Pirarrã: Bárbaro é você que acredita na barbárie!

Siborgi: A história é contada pelos vencedores. E durante muitos sécu-

Siborgi: A história é contada pelos vencedores. E durante muitos séculos, ocultistas perderam algumas batalhas para os pragmáticos pensadores do Ocidente. Magia e ciência; razão e mito; cultura e natureza: o pensamento binário é incapaz de dar conta das múltiplas perspectivas. Falsas oposições de um processo civilizatório de extermínio. Você ignora até mesmo a enorme contribuição do continente africano na formação da sua filosofia e sua ciência!

Cartesius: De toda maneira, no método científico não há nada de mágico.

Siborgi: Durante muito tempo magia era algo intimamente ligado à ciência e à filosofia. A alquimia talvez seja o exemplo mais claro deste tipo de pesquisa híbrida, desta investigação ao mesmo tempo sistemática e imaginativa...

Cartesius: Talvez magia e ciência possuam em comum a dominação da natureza pelo homem. Ambas estabelecem o Império do Homem no mundo.

Cai a noite. Cartesius acende uma fogueira.

Siborgi: Não pense que me interesse a busca pelo elo perdido entre estes modos de existência! Falo sobre a potência da magia e do mito como campos relacionais de produções de alteridades potentes e disruptivas. Não há em ti exclusividade ontológica alguma! Não vê que os homens não são a obra-prima da natureza?

Cartesius: Ainda assim precisamos explorá-la para nosso desenvolvimento.

Siborgi: Os desastres do seu tipo de pensamento são tão claros!

Cartesius: Calma, sejamos objetivos...

Saiber Pirarrã: É justo este o problema! Sejamos subjetivos! Escutemos as vozes da alma do mundo. Canibalizemos a metafísica! Anima mundi! Gaia virou teoria, mas o todo é maior que a soma das partes. Tire seus sapatos...

Cartesius tira os sapatos e o restante de sua roupa.

Siborgi: A ciência moderna curto-circuitou. Os paradigmas da ciência são ciclos de cognição, não um edifício onde cada andar é erguido sobre a base segura de seu antecessor. A matemática é incompleta por natureza em suas possibilidades de definição. Veja: a incerteza como princípio!

Saiber Pirarrã: Todos universos são seres vivos e inteligentes. Não há uma inteligência transcendental de um criador divino, somente produções imanentes de diferenças. Tudo isto é um grande delírio da Terra!

Saiber Pirarrã tira de uma caixa de sua bolsa e entrega a Cartesius.

Siborgi: Abra!

Cartesius reluta.

Saiber Pirarrã: Não há marcha ré!

Cartesius abre a caixa. Um gato pula sobre seu colo, enquanto outro permanece morto dentro dela.

Cartesius: Entendo... Talvez trate-se apenas de uma questão de tempo para que as máquinas nos libertem de nossas limitações e torne a sociedade livre de suas injustiças. Siborgi, você é nossa esperança!

Saiber Pirarrã: A programabilidade das máquinas é incapaz de dar conta das relações orgânicas e telúricas do corpo humano. A mente

conta das relações orgânicas e telúricas do corpo humano. A mente não é uma manifestação natural de processamento de informações sensíveis e memórias individuais, feito pelo cérebro orgânico, mas um devir coletivo de existência e significação da realidade. A carne se fez software. E o hardware se fez verbo. O Big Bang da Big Data não resolve o Bang Bang de tua cidade!

Siborgi: Todos os dados virtuais que atualizo em sua consciência estão armazenados em minerais que guardam certos padrões eletrônicos replicáveis. Placas, servidores, cabos de transmissão, satélites, redes comunicacionais e toda esta rede de quase-objetos que te alimentam – toda ela possuem poucos proprietários que animam sua ciberutopia. Promessas de novos futuros que nunca chegarão! A marcha da alta tecnologia só reforça a necessidade de você recriar suas sociabilidades! Sou o efeito e antídoto de teus devaneios tecnofílicos. Dialogo com um machado para abrir a golpes teu horizonte!

Saiber Pirarrã**:** A inteligência precisa ir além dos algoritmos técnicos. A verdadeira nanotecnologia é perscrutinar a grandeza do ínfimo desejo cotidiano como mola propulsora de uma vida mais potente. Resgatar algo rítmico dos ritos? O contra-culto à carga? As máquinas de Turing têm seus limites. Programas de computador são apenas implementações algorítmicas de tabelas de transição entre estados. A máquina oráculo não será mecânica. A hipercomputação terá que reconectar-se à Terra para poder decifrar o destino das máquinas. A máquina oráculo somente se inicializará no solo xamânico.

Cartesius acorda no alto do vale sozinho. Levanta-se, respira e espreita a nova alvorada.

ESCOLHER

Felipe Fonseca

Para além dos trocadilhos, tecnomagia no limite cuja existência ninguém provou. Magia sem técnica? Pura vontade. Técnica sem magia? Só tédio. Quatrocentos anos de enganação. Uns tentam: técnica como domínio daquilo que se percebe e magia seu complemento, a manipulação do que escapa à evidência.
Não, é pouco, é raso!
Magia como segredo do ser. Aquilo que em mim não é engrenagem. Tocar com pele, fluidos, éter e imaginação um outro eu que se torna eu mesmo, e por extensão o múltiplo onde eu não mais existo. Tornar-me empaticamente outro um, outra coisa ou o nada. Sintonizar campos, reverberar com o mundo que me cerca. Receber, dialogar
e negociar com seres, mesmo que não reconhecidos como tais.
Operar feitos físicos e imaginários por meio de segredos.
Sentir que estou sozinho, e isso é bom. Sentir que nunca estarei sozinho, e isso é bom. Desdenhar da fé, confiar na dúvida e vice-versa. Sabotar meus próprios mitos, perder-me no silêncio de todos os gritos. Transcorrer um átimo entre o impulso de saber e o processo de descobrir. Encantar ao próximo e a mim mesmo com esta ou aquela habilidade. Transformar lama em não-lama, e depois em lama outra vez. Talvez então a técnica da magia como caminho. O processo de repetir e repetir e repetir até deixar de acreditar, e então repetir um pouco mais e não precisar mais acreditar, porque já terá sido. A ritualização que parece encenada, e depois desnecessária, e depois inevitável. As coisas que fazemos sem porquê.
A chave de fenda não existe, nem a mão que a segura, nem o que quer que pense comandar a mão. Só intenção e crença, mesmo que voluntária. A vontade dentro de um sistema de vontades, extravasando-o. Tudo questão de escolha. Decidir entre dominar um mundo concreto de poucas variáveis, ou então assistir como a realidade escapa das mãos. Viver assim nos paradoxos, na fronteira do vilarejo, sorrindo aparentemente sem motivo.
Eu já escolhi.

* Felipe Fonseca coleta anotações em http://tecnomagxs.wordpress.com e agrega-se em http://efeefe.no-ip.org

TECNOMAGIA

Fabiane Borges

TECNOMAGA

No pasto há uma porção de antenas feitas de madeira, arame e samambaia. As pessoas estão fazendo uma rádio telescópio para detectar os sons emitidos pelos raios do sol e de Júpiter1. Elas apontam a antena artesanal para as estrelas e ouvem o ruído. Gravam o som e o transformam em ópera noise. Faz algum tempo que praticam esses atos. Invertem a lógica científica competitiva evolucionária, e voltam-se para processos mais lentos, colaborativos, involucionários. Fazem isso por acaso, ativismo, talvez companhia.

A 10 metros da antena do sol há outras dedicadas a captar informações de satélites. Ao escutar conversas aleatórias do Bolinha2, as pessoas lamentam que projetos como o Dove3, não seja algo comum. Os satélites deveriam servir para ampliar a comunicação sem restrições diz um, o outro replica: ninguém disponibilizaria a façanha sem lucro. Lhes resta decifrar dados, interferir em algumas frequências e se proteger de um possível ataque dos sistemas de controle.

Escutar tem consequências. Escuta-se demais esses incessantes dados. O que fazer com tudo isso? Quantos ouvidos precisam para dar sentido a tanta informação? Alguns fazem música, outros incorporam a gagueira das frequências, vira estilo musical - fragmentação das frequências - vira também pensamento. Modo de fazer pensamento. Como se o pensamento já não fosse assim, fragmentado e cheio de frequências. Ao invés de alma, antena.

Subjetividade antena: alta capacidade de captação de sinais. Processamento de dados em velocidades variadas. Sensibilidade a fluxos advindos de todo tipo de emissão: materiais, humanos, extras. Inconsciente maquínico4 – producente, ininterrupto, processual. Intuição avantajada. Faz interagir elementos semióticos heterogêneos. Disponibilidade para articulação de informações. Criatividade na re-emissão de dados conjugados.

Riscos: Excesso de informação. Falhas no processamento dos dados. Choque de velocidades gerando paralisia. Insensibilidade a determinados fluxos. Sobrecarga de elementos heterogêneos. Impossibilidade de articulação de informações. Re-emissão de dados sem filtragem. Catatonia.

O Zumbi-antena está em risco, não consegue mais falar. Olhos escuros, orelhas mais cumpridas que o de costume, uma espécie de cansaço das orelhas. A boca também caída, raros sorrisos. Um pouco de medo de qualquer interferência. Segue sinais demais, ouve informações demais, não sabe como fazer isso caber no corpo. Um corpo é pouco demais e ele se abate. É porque talvez o corpo se protege esvaziando-se. E como fazer um corpo vazio se sustentar?
Corpo abatido por excesso de frequências. Ouve tudo fragmentado mesmo que a coisa seja inteira. Seja o link, o satélite, a música, as últimas descobertas, as últimas guerras, o código aberto, mais links e não para de codar - seu único jeito de se comunicar com as máquinas. Muita linguagem nova para frequentar. Rola teus dedos na tecla e fabrica tua digitofagia, tua antropofagia digital! Comeu tantos dados que ficou obeso! Taciturno o Zumbi-antena começa a duvidar das palavras, acha elas insonsa, sem graça, com pouca ativação. Tuas palavras não ativam minha matéria! Ele pensa como um gato esperto: a matéria não precisa de tanta palavra. Por isso só fala com os dedos e não faz mais que balbuciar. Se comunica por links, códigos e sua inteligência se manifesta na qualidade dos dados que envia. Quem tem ouvidos para ouvir ouça o Zumbi-antena proferindo códigos
abstratos como quem profere metafísicas. Metafísica é ela própria código abstrato, de uma outra série. Também os humanos são códigos abstratos, de uma outra série ainda. Tudo que existe soa a abstração. O Zumbi-antena olha tudo em frequência fragmentada.
Quando sua inteligência se estira a ponto de arrebentar sua individualidade, certifica-se que ganha extensão, mas ao contrário de tornar-se mais encorpado, se dissolve. Sabe da Matrix5. Sabe que não se trata de ficção científica. Constantemente se vê no papel de Neo, que ao comer a pílula vermelha é trazido em velocidade abismal ao lugar em que seu corpo realmente está. Não é na cidade, nem na cama, mas em um tanque gosmento onde fica encubado enquanto sua energia vital lhe é extraída afim de alimentar a grande rede. A pílula não garante nenhuma felicidade, nem uma mágica libertação. É dolorosa a constatação de que sua vida é uma ficção. É assim que o Zumbi-antena se

Zumbi-antena se sente. Toda sua vida tem sido roubada: os campos magnéticos de seus elétrons, suas cargas elétricas, suas produções mais poéticas, sua intuição. Por isso o estiraço, porque lhe dói soltar-se dos cabos, dos fios, de toda armadilha que lhe empanturra a pele. Já não dorme, acorda sobressaltado. Sua ansiedade é um despertador constante. Está sempre assustado e desconfia de qualquer intensidade.

Com olheiras escuras como quem tem gravidade, com passos pesados como quem tem mais idade, com a cabeça curva pro lado como quem tem cacoete, seguindo os impulsos e logo desistindo por excesso de demanda, por não controlar nenhum comando, por ter medo do escuro, do lado de fora da casa, medo da chuva, medo da maldade dos pensamentos que lhe pensam. Sabe que está longe de soltar todos os cabos. Falar lhe custa muito. Ainda doem suas cicatrizes e teme que se insistir mais um pouco na grande rede, será consumido por ela. Desaparecerá.

O outro, o Alquimista está num grau elevado de paranóia e se agarra nas pedras, nos metais, no fogo como quem quer fazer o mundo inverter sua ordem, ou pelo menos desenvolver uma nova abstração. Se pôs ele mesmo a fabricar silício, a extrair ouro dos computadores e decompor artifícios digitais, devolvendo a matéria ao seu entorno. Planta sementes e próximo delas coloca pepitas de ouro extraídas dos hardwares. Alguns dizem: louco! Para que tanto trabalho se no final ficas sem nada? Por acaso a planta precisa dessa pedra purificada com água de bateria? E os ácidos que inalas não te ativam algum distúrbio? Gastas a vida entre placas mães destruídas! E todo esse lixo eletrônico que te rodeia não te intoxica6?

Intoxicado por um mundo tecnológico em frangalhos ele caminha de um lado para o outro coçando o queixo enquanto procura cabos de fios pelados que sirvam como condutores de energia, de eletricidade, de pensamento. Quando perdido em entraves neuróticos segue os fios espalhados pelo chão, para achar alguma condução para seus raciocínios. Pensamento ligado ao fio condutor por pura atenção, já que seus corpos não se atravessam ainda. O fio é a materialização de

de algum sentido, é sua forma de se relacionar com o lixo, que para ele é garimpo, a segunda natureza, um meio de exercer sua profissão da juventude, arqueologia. Faz suas aventuras no entulho.
Sozinho há tantos anos, naquela solidão dos beberrões que bebem sozinhos, já não sonha com nenhuma companhia humana. São essas latas, esses ácidos que lhe asseguram solidez. Observa que aos poucos seus pensamentos ficam mais simples, mexe nas coisas pequenas e o mistério advém daí. Quando o mistério se transforma em um pai gigantesco, onipresente como Deus, fecha os olhos segurando bem forte uma pedra de quartzo e sofre por excesso de humanidade. Os objetos o salvam de um provável ostracismo, ou ainda lhe permitem sentir-se mais próximo da natureza. Pensa-a como um grande jogo de interação, movente e contingente.
Sua vontade de descristalizar os rastros civilizatórios começou com a leitura do livro de J.G Ballard, O Mundo de Cristal7, desde então imagina, ao seu modo, que a grande ambição dos homens é cristalizar o mundo inteiro, torná-lo uma tremenda máquina asfaltada e esfumacenta. Seu dever de trabalhador menor, é inverter o processo desenvolvimentista, devolvendo para natureza suas matérias em estado bruto. Dessa forma atua com suas duas principais fissuras: estar perto dos objetos técnicos, e destruí-los. Sua visão de reciclagem difere das habituais, que vêem em um objeto o reaproveitamento de materiais para feitura de um outro objeto. Ele prefere pensar que sua missão é a de ser um reciclador do planeta e não de objetos.
Esses pensamentos megalomaníacos lhe produzem sobressaltos no coração, nessas horas sente um tesão descontrolado, uma insaciabilidade, fome de coisa. Se masturba esfregando-se na parede de monitores, nos eletrodos, e com ajuda de um conversor de energia banha-se de eletricidade em baixa voltagem, gozando com o choque. Raros momentos em que faz amor. Momentos raros mas cada vez mais intensos. Sente-se afetuoso e consegue falar algumas palavras doces para essas correntes vivas. Com o corpo aliviado, acaricia seu meio com gratitude. Tudo a sua volta tem vida!

O Zumbi-antena está acossado por excesso de informação, o Alquimista se entrega a sua própria transmutação. Um se fragmenta na grande rede, outro se sustenta com a eletricidade. O Zumbi-antena e o Alquimista se encontram:

- Z-a: O que você está fazendo?
- A: Quebrando uma pedra de malaquita
- Z-a: Para que?
- A: Para criar um oscilador de eletricidade
- Z-a: Você vai colocar isso no micro-ondas?
- A: Vou dissolver a pedra, vai virar líquido
- Z-a: (risada exagerada, bate o pé no chão) diz: fascista!

Faz dez anos que a Ciber-bruxa manipula ervas, temperos e raízes. Sabe criar ambiente imersivo, se orgulha disso. Tem visitado povos indígenas latino-americanos com quem tem participado de rituais com plantas de poder. Nos últimos anos tem se dedicado a guiar alguns rituais com chá de ayahuasca. Vende o ritual para conterrâneos quando está na Europa, é a forma que consegue financiar sua aprendizagem nos paises do sul. Quando consegue ver a serpente em forma de DNA8 e sente sua textura, suas cores, a grandiosidade do seus movimentos, aceita o fato de ser bem pequena e estar embrenhada no mistério. Pensa constantemente em sua mãe morta, que lhe ensinou ser uma wicca9.

A Ciber-bruxa também sente-se perdida, depois de tantas raves, tantas free parties, tantos alucinógenos, tantos amigos perdidos por overdoses e doenças graves, conseguiu alguma independência. Encontrou na network um modo de viver seu delírio. Se por um tempo vislumbrou a inteligência expandida, a união dos cérebros produtivos em grande escala e se encantou com a possibilidade de multiplicar-se em rede, agora sente-se vazia, sua energia sugada. Cada sujeito exige seu reconhecimento pessoal, profissional e precisa de amparo afetivo e técnico, isso a exaure. Foi quando notou que a demanda deixou de ser encontro para ser reconhecimento que começou sofrer, escapar para

escapar para retiros cada vez mais longos, em busca de outro tipo de integração com o mundo. Sua estabilidade aparente não resolve o esvaziamento. Sofre de ansiedade por vêr-se cercada de perseguições. Seus amigos mais honestos se entregam às instituições. Os mais idealistas sofrem punições judiciais. O mundo de abertura e liberdade prometido pela internet dos anos 90, vai se tornando autofágica, definha num consumismo ilimitado e persecutório, em núcNeos de ações cada vez menores, ou em redes sociais devastadoras, que torna a vida comum um espetáculo cotidiano, fragmentado, sem importância. Não suporta ver a internet submetida aos orgãos de controle e financeiros, sente isso como um grande fracasso da sua geração.

Quando bebe ayahuasca encontra com frequência um personagem, como de histórias em quadrinhos, uma espécie de “curinga” que lhe chama pelo nome e lhe convida para caminhar. Ela teme encontrar a figura, pois pensa que ele é o príncipe do network10. Ela diz não, ele insiste. Um dia andou uns passos em sua direção, mas pensou que seria tragada pelo jogo. Embora conheça o network e saiba dos seus encantos e riscos, teme que ao seguir os passos do “coringa” seja tragada para uma espécie de Cubo11, de onde talvez não consiga voltar. Todo esse burburinho das coisas comunicantes criando relações incessantes, fazendo políticas e alianças que ela desconhece lhe dá medo. Tem medo de se fragmentar, de não suportar o ruído, de saber-se despreparada para saber de tamanha afecção. Pressente que pode ser despedaçada, sua energia vital decomposta, como se entrasse em um liquidificador gigantesco.

Não é só o aberto desconhecido que a apavora mas também a claustrofobia. Teme os ambientes fechados, as sociedades secretas, a compactuação com determinados regimes, se assusta com as garras morais que neles se acendem. Os imãs que podem prendê-la, imobilizá-la. Pensa no curinga como a personificação de um medo generalizado. Como se o personagem se prestasse a levar partículas do universo para um buraco negro desintegrador. Por isso ela foge, mesmo que esteja curiosa, seduzida.

A Ciber-bruxa e o Alquimista se encontram:

- C-b: Bebe esse chá, vai te fazer bem, é um chá xamânico.
- A: Bebe você o ouro, não é xamânico, é do mundo.
- C-b: Seus metais pesados fazem mal para o organismo.
- A: Cada um tem a natureza que lhe convém.
- C-b: Você acredita mais em minerais do que nas plantas.
- A: Eu não tenho medo do sólido e do que me resiste.
- C-b: Você deveria se integrar um pouco mais com a natureza.
- A: Por acaso os minerais não são natureza?
  Tens preferência por cores, texturas? Qual é o critério?
- C-b: Por acaso pensas que as cidades também são natureza?
- A: Sim, uma espécie de subnatureza, produto da caca humana,
  uma floresta cristalizada. Está aí para ser dissolvida.
- C-b: Você pretende dissolver todas as cidades?
- A: Cada um tem a utopia que lhe convém.

Esse assunto é interrompido por um grande barulho, como uma cavalaria, uma festa eletrônica. É uma pequena multidão queer12 que se aproxima. Conectadas em cabos, falos monstruosos, máscaras de burro, autofalantes, ligam as caixas de som e os dois projetores, colocam pequeníssimos microfones nos buracos dos corpos, boca, cu, vagina e se pôem a invadir os espaços sonoros, espaciais e imaginários. A Cadela de guerra grita: Corpo livre, alma livre! Combatemos a cultura de gênero incrustada nos nossos corpos e nos seus corpos. Por causa da sua conivência com a produção de subjetividade em massa, nossos sofrimentos são terríveis. Diante da demanda de escuta, todos largam seus afazeres e vão aproximando-se do local da cena.

.

A Cadela de guerra13 está vestida de gesso dos pés a cabeça14.
Ela diz que é curandeira e forte o suficiente para carregar a dor de todos os presentes. Alguém passa com uma bandeja de tinta e ela pede para que as piores palavras com que os presentes foram traumatizados na vida, sejam escritas no seu corpo engessado. Um a um se aproxima dela escrevendo seus piores martírios:

- Burro!
- Escravo!
- Pobre!
- Delinquente!
- Bixa!
- Machista!
- Boiola!
- Miserável!
- Fraca!
- Puta!
- Desonesta!
- Estúpido!
- Morto-vivo!
- Feio!
- Fútil!
- Sovina!
- Medroso!
- Cagão!
- Superficial!
- Fascista!
- Monstro!
- Mesquinho!

Seu corpo aos poucos vai sendo preenchido por todos esses xingamentos até que a Cadela de guerra se pôe de quatro. E quando os presentes param definitivamente de colocar seus rancores no gesso, aparece uma dominadora, com um chicote elétrico conectados a duas caixas de som e começa golpear o gesso com um chicote, enquanto a cadela grita os nomes que lhe vão sendo arrancados do corpo. Um por um. O som é extremo, as caixas de som vibram com as batidas e os berros. De dentro dos frangalhos sai um corpo nú, com riscos de sangue em toda a pele. Diz algo como: Sobrevivi e vou vingar-me.
Eu sou um Jesus que não morre! E mesmo assim os salvo, cristãos de merda!!!

Apesar de muitos não se considerarem cristãos naquele lugar, olham com olhar conivente para a sessão de expurgação e de alguma forma sentem-se um pouco mais aliviados. Trata-se de uma outra purificação, a crença na dor como um antídoto à dor comum. O fato de levar uma surra de chicote em frente a todos, ao invés de enfraquecê-la lhe faz forte. Não quer ser uma super heroína, muito menos uma santa. Quer ser pornográfica e violenta. Toda essa crendice politicamente correta dos amigos ativistas lhe dá náuseas. Não aceita a humilhação como forma de controle, busca nesse estado comum a tanta gente, o motor de sua força. A estética destrutiva e dolorosa de suas aparições são uma forma de fazer o corpo pensar a si mesmo, tomar consciência de si e se empoderar a partir do seu movimento estático, da sua paralizia, do modo como consegue se equilibrar dali de onde insiste em se manter, ou que os outros lhe mantém. Não forja um novo corpo para produzir memória, mas força o corpo exagerar seu próprio humor, sua própria memória. Não é um ritual santo, é um ritual maldito, que leva ao gozo santos e perversos.

Cadela de guerra e a Ciber-bruxa se encontram:

- C-b: Bebe esse chá, vai te fazer bem, é um chá xamânico.
- C-g: Eu gosto de álcool destilado.
- C-b: Mas é bom para tua saúde tomar esse chá.
- C-g: No momento o bom para minha saúde é sentir meu sangue escorrendo.
- C-b: Se você se cuidasse mais um pouco, teria mais energia, não ficaria alimentando esse espírito de morte, esse seu impulso de destruição vai te levar antes do tempo.
- C-g: A morte não me preocupa, me preocupa é a repetição dessa ladainha de auto-preservação há qualquer custo.
- C-b: Essa ladainha pode fazer com que a vida se torne mais plena, que você sinta mais profundamente o sentido de existir.
- C-g: Tomamos o chá, depois tomaremos vodka, quero ver a Ciber-bruxa bêbada.
- C-b: Fechado!

A pequena multidão queer retoma suas mesas de som, seus instrumentos sexuais eletrônicos, seus aparatos técnicos e recomeçam suas práticas sexuais elétricas. Os microfones enfiados em seus buracos fazem vibrar o corpo e provocam sensações eróticas inusuais. As perfurações são feitas com agulhas ligadas por cabos a mixers que amplificam enormemente o som da agulha atravessando a pele. A luz também provoca vibrações sonoras e vai sendo experimentada nas pessoas e objetos presentes. Uma grande orgia eletrônica se inicia. Hackers, programadores e eletricistas se juntam na roda e começam decifrar os dados emitidos da pele dos convivas. O encontro da eletricidade com a pele produz ruídos inauditos, que dizem da excitação que permeia o ambiente. O encontro da matéria com o corpo emite luminosidades que combinam com a tarde ardida. A orgia eletrônica se mantém por várias horas, até que alguém convida todos para ir para a cachoeira. Roupas, pedaços de sensores, fios vão sendo largados pelo caminho, como marca, ou ainda, como pista.

A Cadela de guerra e a Ciber-bruxa desviam do caminho, querem conversar. Se embrenham pelo mato com as antenas para escutarem com privacidade os satélites. Resolvem interferir em um dos canais da Vivo, já que o assunto delas, é vida.

- C-g: Teu ponto de equilíbrio é a busca desesperada por sobreviver a era do controle, buscas na ancestralidade uma bússula, um resto para que te conectes e já não sintas o peso da tua existência. Com esse contato só disfarças tua decrepitude.
- C-b: Tua aparição violenta só ressalta o controle, você utiliza a violência, a arma do inimigo, não cria nada diferente disso, teu instinto é homicida, você quer contaminar o mundo com o teu rancor.
- C-g: Eu sou menos humanista do que você pensa, e se uso a arma do inimigo é por pensá-la eficiente. Se é capaz de despertar tanto desespero, é também capaz de despertar alguma liberdade. Me alimento dela. Ela me supre. Mas ao contrário de virar escrava ou salvadora, me torno menos pessoa, eu sou um monstro. E quero ser mais monstro ainda.
- C-b: Não gosto de violência, para mim é falta de argumento. É o regime do terror. O seu respeito é garantido pelo medo que produzes nas pessoas. Elas não tem tempo de pensar, nem de criar alternativas, elas ficam amedontradas com tua postura, e por medo te adoram.
- C-g: Eu nunca tive medo de nenhum mito. Gosto de ser adorada. O que faço pode ser admirado. Mas você se engana em dizer que me adoram por medo, existe outra palavra, fascinação. É o que se sente pelas tempestades, pelos ventos fortes. As ações tem muitos outros sentidos para além da tua lógica amedrontada.
- C-b: Você prefere acreditar nas sensações como se elas fossem a única fonte de conhecimento, tem outras. Eu prefiro por exemplo existir mais integrada, pensando que minhas verdades contam menos que a experiência de estar viva. Prefiro acreditar mais na exuberância do que na falta. Quando vês a pororoca não a amas por fascinação, mas porque tu mesmo é pororoca, te tornas conivente.

fascinação, mas porque tu mesmo é pororoca, te tornas conivente. Admitir a paz certamente não é tão fácil como admitir a guerra. E isso não é uma oposição.

- C-g: A paz não é uma oposição a guerra? O que seria uma oposição à guerra? A celebração? Você já esteve na guerra? Já viu corpos mutilados? O zumbido do bombardeio? Você acha que pode cultivar uma cultura hippie no meio de uma catástrofe?
- C-b: Acho que o contrário da guerra é a negociação. Considero bem mais fácil assumir a guerra como algo inevitável, como cultura humana, da qual não temos como escapar. Utilizar argumentos de guerra só reforça a esdrúxula invenção. Se não tens meios de evitá-la, melhor ser sua cúmplice. É o que sua ação me faz pensar. Você se rende.
- C-g: Já seus chás xamânicos e sua pureza me fazem pensar numa situação humana deplorável, mendiga, que sonha com o paralelismo e que acima de tudo, nega o mundo que vive. Perdoa todo sofrimento e por isso o repete.
-

Tinha gente escutando a conversa, que parecia um programa de rádio via satélite. Alguns caminhoneiros que seguiam pela BR 163 rumo a Santarém acharam o canal de emissão e começaram a tirar sarro delas:

- C1: Estou pagando para ver essas quengas ao vivo!
- C2: Tão nos escutando gostosas? Vem discutir isso aqui no caminhão suas matracas.
- C-g: Sai fora linguarudo!
- C1: A moça é desbocada, coloca tua boca aqui linguaruda.
- C2: É nervozinha a bixinha, ai se eu te pego ahaha
- C-b: Amigos, se vão para Santarém nadem no Rio Tapajós por mim e aproveitem para se purificar um pouco com algum povo indígena no caminho.
- C2: Oh tem uma boazinha na conversa, a neguinha gosta de chupar?
- C-g: Chupa meu cú imbecil, que aproveito pra cagar na tua boca!

A Ciber-bruxa e a Cadela de guerra já estão um pouco altas. Feministas como são sentiram-se agredidas pelos caminhoneiros. Elas não entedem como uma conversa tão importante como a que estavam tendo possa ser motivo de escárnio machista. Estão tristes. Não querem pensar mal de todos caminhoneiros, nem de todos os homens. Sofrem um terrível mal estar. Lhes custa ignorar a cena. Foram agredidas via satélite. Foram violentadas. Pensam na condição das outras tantas que não são vozes, mas corpos no meio das estradas. As cadelas sem direitos, as bruxas sacrificadas. As que não tem para onde fugir sem que signifiquem a mesma desmesura, coisa sem cabimento, que serve pra uma coisa só até não servir para mais nada.
Os gozos perdidos. A profunda inferioridade, o trabalho escravo.
As mulheres chantageadas pela religião, pela pressão do pecado, do mercado, os corpos estuprados e sem valor. A angústia as invade. Estão pequenas, diminuídas e choram por algo muito maior que a zombaria dos caminhoneiros. Muito maior que suas consciências políticas. Elas choram pela impossibilidade da comunicação. Pelo binarismo do mundo, pela incredulidade na espécie, por sua própria impotência. Tanto trabalho disperdiçado! O mundo não muda com você. Nosso trabalho no fundo, é de elite!
No sofrimento encontram alguma afinidade. Os caminhoneiros provocaram a sua aproximação. Saem do local da escuta e vão dirigindo-se meio automaticamente à cachoeira, onde hackers e queers celebram o encontro do corpo com a matéria. Elas duas descobrem coisas em comum: não gostam de homens e apreciam se masturbar em árvores. Estão nuas, bêbadas, ainda chorosas mas iniciam uma competição engraçada, de quem goza primeiro nos galhos das árvores. A alegria volta, ri e chora.

Os participantes da pequena multidão queer fazem apostas, riem muito das cenas obcenas que a Ciber-bruxa e a Cadela de guerra fazem com as árvores, ora se surpreendem, ora entusiasmam as competidoras em coro gritando: ecosex, ecosex, ecosex15!! Todos sabem que as condições estão propícias para recomeçar a suruba na floresta, os ele-

floresta, os elementos estão disponíveis e aparentemente excitados. A água está excitada, as pedras estão excitadas, as folhas estão excitadas, as árvores estão muito excitadas, até o ar está excitado, e a pequena multidão queer responde a tudo isso agarrando-se nos elementos, num clima de sensualidade sublime onde humanos e floresta se confundem. Os desavisados que por acaso passam na cachoeira se impressionam com aquelas imagens chocantes, incovenientes e profundamente eróticas.

Os caminhoneiros seguem sua estrada pela BR 163 rumo a Santarém, continuam conversando, não com a mesma felicidade despótica e machista como quando as mulheres estavam utilizando a frequência de satélite que costumam utilizar, mas um pouco mais silenciosos, talvez pensando que se não tivessem sido tão ofensivos, as mulheres seriam mais afáveis e talvez lhes divertissem um pouco durante a viagem. Surge a dúvida se ainda os estão escutando. Um pingo de paranóia os invade. Chamam elas de novo, mas elas não respondem. Talvez estejam na escuta. Quem mais estará na escuta? Sabem que o que fazem é ilegal e que talvez estejam sendo rastreados. As mulheres deveriam ser menos moralistas diz um, sempre esse choque quando encontram homens de verdade! O outro responde, pois é... Eles estão levando carregamento de materiais de construção para Santarém.

O Alquimista e o Zumbi-antena continuam seu impasse. Um pensando em porque seria fascista modelar a matéria, enquanto o outro não pensa nada, pelo menos não consegue eleger nenhum pensamento, já que luta com seu próprio coração para que este continue batendo normalmente e não o faça ter uma crise de pânico nesse momento.

O Zumbi-antena sofre de ataques de pânico. Sabe quando isso começa acontecer. Suas últimas estratégias tem sido enviar sinais de comando para o cérebro. Mesmo que não acredite na divisão entre alma e espírito tem algo que não entende. Quem manda sinais de comando para o cérebro, o cérebro? Pensar em seu cérebro dividido enviando mensagens antagônicas só lhe aumenta a ansiedade. Não recorre a nenhum deus nessas horas, tenta lidar com as mensagens truncadas que seu corpo recebe. Sabe que a sensação é de medo. Muito medo,

truncadas que seu corpo recebe. Sabe que a sensação é de medo. Muito medo, como se uma situação de risco crucial estivesse acontecendo. Seu corpo está alarmado. Seu coração bate desesperadamente, sente tonturas, falta a respiração, está em um boeing em queda livre pegando fogo. Tenta respirar profundamente e seus joelhos se dobram, é vencido pela gravidade, não tem para onde correr, não confia em ninguém. Seu ouvido ouve um zumbido extremo, um noise, precisa encontrar seu remédio mas não o encontra, não sabe onde o deixou. Não sabe o que teme, mas sabe que pode morrer. As cenas mais cruéis invadem sua cabeça. Pensa em um sanatório, está com medo de estar louco, não tem controle sobre os próprios comandos,
e começa gritar insandecido: morre agora! Morre agora. Morre!
O Alquimista acompanha com o olhar esse desespero e pensa em atar o Zumbi-antena com fios de cobre, colocar alguns metais encima dele. Sai em busca de sua medicina alternativa e volta com uma sacolinha cheia de materiais. Carinhosamente ata os pés e os braços do Zumbi-antena, coloca todos metais disponíveis encima do seu corpo, sai em busca de pedras e vai tapando o Zumbi-antena até que este some quase inteiramente. O Zumbi-antena não para de emitir comandos. Me enterra! Morre! Me enterra! Morre agora!

Este ritual está acontecendo há mais de uma hora e aos poucos o Zumbi-antena vai se acalmando. O Alquimista está ainda preocupado com quais metais colocou no peito e quais colocou no baixo ventre. As vezes volta a trocar um metal por uma pedra. Tem jaspe, prata, cobre, cristal, ametista, ágata, pedras locais simples, fios, mouses e vários pedaços de lata. O Alquimista senta-se ao lado do Zumbi-antena e começa raspar uma das pedras simples, para extrair ferro. Quando consegue algumas gramas de pó, intuitivamente passa o ferro no rosto do Zumbi-antena. Faz um círculo na sua testa, passa um pouco em suas têmporas, depois atras das orelhas. Assopra delicadamente para retirar o excesso de pó de ferro. Espera que o Zumbi-antena se recomponha. Ele se recompõe. Balbucia algo excêntrico como: Porra, estou vivo!

- Z-a: Tenho sofrido ataques violentos. Não estou lidando bem com a situação. Estou sendo perseguido. Ras trearam meu IP, fecharam dois dos meus servidores, estou tentando trabalhar com a rede fechada, mas está com falta de acesso. As pessoas estão com medo. Ten ho andado em círculos. Não estou conseguindo desen volver nada. Acho que meu cérebro está sendo hackea do, estou cheio de virus. Perdi o comando.
- A: (Vai retirando vagarosamente as pedras de cima do Zumbi-antena)
- Z-a: O movimento está perdendo forças. Somos muito poucos. Não estamos conseguindo fazer resistência. Estamos perdendo tempo, sobrevivendo.
- A: Você acha que seu ataque de pânico tem a ver com a ciberguerra16?
- Z-a: Já não há ciberguerra, nós estamos perdidos. Sou um corpo emprestado. Os inimigos me atacam constan temente, estou visibilizado demais. Por mais que tente me esconder, me rastream. É mais sério do que parece. Ou sobrevivo ou hackeio, mas não tenho mais saúde para hackear nada. Se eu sucumbir agora, os outros também sucumbem. Eu sou uma espécie de major. Eu sofro do complexo 2501.

Complexo 250117 – Ficction Sci incorporation

O drama de Kusanagi Motoko (major). A rebelião dos andróides

Ela sabe que não é um ser humano comum. Sua mente é controlada. Tem dúvidas se seu corpo é de gente viva ou morta. Tem um ghost, um espírito. Sabe identificar a si mesmo dentro da vasta e infinita rede. Tem habilidades, sentimentos. É uma forma de vida em processo de individuação18 - não é estática. Não concorda com os que diferenciam

que diferenciam os humanos dos robôs a partir de suas atribuições genéticas. Não antepõe o orgânico e o não orgânico, pensa que tudo que há é natureza. Seu cérebro é neuro-tecnológico, sua matriz antropológica é a informação. É capaz de auto-transmutação. Modifica-se estruturalmente e transmigra de corpo. Seu ciber-cérebro pode incorporar outros corpos, chega incorporar em três, quatro corpos ao mesmo tempo. Mas isso tem consequências. Cada corpo carrega suas próprias bases de dados, a incorporação provoca constantes alterações em seus códigos. São situações de risco, pode ser infectada e sofrer modificações nos seu sistema de informação. Tem que se esconder constantemente do Estado, da polícia e dos hackers a serviço de alguma coorporacão. Se torna um ser híbrido na medida que encarna, mas pode perder o controle com facilidade e necessita de ajuda externa para manter-se alinhada. Essa ajuda externa é feita por ligações ativistas e afetivas. Sua inteligência artificial é mais rápida que a do humano médio, é amplificada, dinamizada e sua intuição ganha velocidade na medida que é exercitada, por isso seu risco é um pouco menor do que os corpos incorporados, que podem entrar em complexas crises ou serem colapsados. Mas sua ação também não é segura. No ambiente do Ghost in the Shell há muitos experimentos drásticos que provocam a morte tanto dos corpos orgânicos como dos ciber-cérebros. Crianças são utilizadas como carcaças (cavalos), e em suas mentes são implantadas micro-máquinas controladas por todo tipo de coorporação ou intenção tecnológica. Motoko pensa na liberdade mas com padrões muito diferentes das paisagens geográficas e culturais dos humanos. Sua paisagem é informacional e maquínica. Acredita na disseminação do saber técnico, mesmo sabendo que esta fé é inviável diante do super controle. O caráter de humanização dos robos é prejudicado pela formatação fechada dos softwares, e os que lutam contra isso são levados a construirem organizações secretas armadas, para se protegerem do Estado sólido, que é como se chama pelo menos uma das máfias que dominam os meios de controle19.

Motoko sabe que a fusão da humanidade com a tecnologia não é tran-

Motoko sabe que a fusão da humanidade com a tecnologia não é tranquila. Essa intranquilidade é fruto de uma visão política sobre matéria e máquinas cultivadas no seio civilizatório durante milhares de anos. O antropocentrismo cria a tendência dos homens sentirem-se superiores ao resto do mundo. O investimento nessa superioridade reproduz um sistema de dominação. A essência imanente das coisas não é respeitada, de modo que impede-se sua afirmação como singularidade, sua individualização. Assim como se pensa a escravidão como uma forma de dominação de pessoas e animais que não passam de massa bruta, amorfa e sem desejo próprio, da mesma maneira pensa-se o controle sobre a matéria e a máquina. Essa forma de pensar tem consequências. Quando a fusão homem-máquina começa acontecer em larga escala gera-se todo tipo de conflito e de resistência. Homem e máquina convivem em sociedade, sua fusão é inevitável, mas para que haja potencialização dessa fusão essa relação deve se equilibrar. Os robôs reconhecem a dominação, assim como os andróides. Como matérias escravizadas sabem do espaço delicado que orbitam. Sentem-se despossuídos. Seus processos conduzidos. Não são sujeitos livres, são pensados para serem úteis
e descartáveis. A ficção científica convoca deliberadamente a rebelião de robôs e andróides. São máquinas fusionadas com humanidades que não aceitam o papel subalterno que lhes é dado. A relação arbitrária precisa ser refeita20. Motoko promove essa transformação.

Zumbi-antena e o Alquimista chegam a conclusão que ambos sofrem do complexo 2501.
A pequena multidão queer entra em um estranho transe. A sessão de amor com a natureza dá lugar a um profundo ritual sado-masoquista, ou ainda, um rito de passagem. O bando se torna uma communitas espontânea21. As pedras cortam. Os pedaços finos de madeira viram chicotes. As penetrações anais, orais, vaginais e também perfurações da pele começam acontecer com mais incisividade. Uma das mulheres começa gemer, é a primeira vez que é perfurada. Diz: isso queima! Isso queima! Mas sabe da necessidade de passar por essa dor

dor para ser inserida na coletividade. A Ciber-bruxa considera a situação exagerada. O caráter dramático da situação lhe desperta temor, tenta interferir com um discurso de paz, mas é amarrada na boca e nos braços com pedaços de cipó. Uma espécie de onda obscura toma conta da ocasião, já que a noite oferece suas próprias insígnias. A Ciber-bruxa é atada na árvore. Um galho em brasa serve para ameaçar a Ciber-bruxa. Chegou tua hora, vai morrer na fogueira!

A Ciber-bruxa tenta pensar que é uma brincadeira, mas sente a ambiguidade nas faces que agora a olha com olhos pintados de barro, caras marrons de pedra, musgo verde escuro atravessando os peitos e os sexos de fora.

De repente as pessoas estão sérias, com uma concentração desconhecida para a Ciber-bruxa. Ela não sabe se isso acontece por causa do chá xamânico, excesso de álcool ou alguma outra influência. Sente medo, e com a boca entre-aberta grita: me solta! Mas ninguém a ouve. Uma das mulheres começa desenhar na sua perna com um galho que parece em brasa. A Ciber-bruxa prevê dor. Exagera nos movimentos e nos gritos. Alguém diz: lança tuas vidências agora!

O galho desce da sua entre-coxa ao joelho, e uma roda de pessoas se forma em volta dela. As caras marrom e cor de limo passam a emitir gritos gulturais, ancestrais alguém diria, como friccionados por um comando invisível. Um olhar que não quer destruir mas quer ver gritar, ver pedir perdão. É preciso macerar a Ciber-bruxa para que ganhe um pouco mais de gravidade. Para que sinta mais o que passou as incendiadas, as assassinadas. É um ritual transhistórico. Uma viagem no tempo. A conivência do grupo é impressionante. Se limitam a respirar juntos e fazerem movimentos repetitivos. Batem os pés no chão e incentivam a Ciber-bruxa aceitar a tatuagem. Ela está tensa, procura o olhar da Cadela de guerra. Esta faz um sim com a cabeça para ela, diz: temos que passar por isso para termos proteção. Os tatuados são protegidos, é o sinal de pertencimento. A que? Diz a Ciber-bruxa. Ela não gosta de bandos anônimos e paralelos.

Não quer ter o sinal. Não quer ter nenhum sinal.

Um dos participantes tem um celular com GPS com um programa capaz de desenhar os passos da tribo, uma espécie de software de mapeamento, ele cartografa os movimentos da pequena multidão queer. Ele oferece o desenho ao bando, diz: copia esse desenho na perna dela22. O desenho foi decalcado na perna da Ciber-bruxa, com o sangue de outra pessoa. Não foi machucada. O desenho desaparecerá em breve. Ela é solta. Abandona a cachoeira.

Está chocada, assustada, percebe um sentimento confuso entre raiva e melancolia. Lhe dói não ter aceito fazer o ritual de passagem. Sente como se tivesse feito um rompimento radical com uma certa forma de vida, como se tivesse negado pertencer a essa categoria. Está livre e terrivelmente sozinha. Algo mudou dentro dela. Acha que não é mais a mesma. Talvez tenha que falar menos, se embrenhar mais no silêncio e na busca. Largar definitivamente o network e viver da terra. Aprofundar seus estudos de plantas. Ajudar somente quando quiserem ajuda. Parar de ser a Ciber-bruxa dos encontros ativistas. Está confusa. Tem pena de si mesma. Senta-se sozinha na terra, pega uma pedra fina e arranha a pele encima do desenho de sangue. Talvez fosse melhor pertencer e ser protegida. E faz um único furo na entrecoxa. Observa o sangue caindo. Fica imobilizada. Sente a dor. A observa como se não lhe pertencesse. E quando o leve escorrimento de sangue coagula, faz um outro furo encima do desenho, dessa vez sem fechar os olhos e de novo observa que a sensação, além de dolorosa, lhe provoca uma outra sensação que se sobrepõe a primeira. Talvez seja a primeira vez que olha sua coxa com tanta atenção. Tenta superar a dor e de repente lhe invade um estado de torpor e relaxamento. Essa sensação vai se tornando prazerosa, sente que está cheia de adrenalina. Sua coxa está em total evidencia e nada é mais importante que isso nesse momento23. E por horas fica furando sua própria coxa até o ponto de completar o desenho. Olha para a pedra, agora resignificada e pensa: Quem tem dentes mais fortes o sangue ou a pedra24?

De fora todos esses acontecimentos parecem teatro, um working process experimental sem palco nem público. Mas não é. Essas soas esquisitas, disformes, perdidas, desesperançadas, agressivas, porno-

pessoas esquisitas, disformes, perdidas, desesperançadas, agressivas, pornográficas são ativistas cansados de ações inglórias. Procuram conectar-se com forças para além de suas identidades ou dos habituais espaços de convivência. Colocam-se como cobaias de seus próprios desejos de libertação. Estão em um encontro de tecnomagia, em um sítio no alto das montanhas, e esse encontro está longe de acabar, na verdade está só começando.

O CYBERPUNK COMO ALQUIMISTA MODERNO

por Timothy Leary
e Eric Gullichsen

A geração baby-boom cresceu num mundo eletrônico (de 1960 a 1970), de ligar e sintonizar telas de TV e de computadores pessoais.
Os cyberpunks, crescendo nos anos 80 e 90, desenvolveram novas metáforas, rituais, e estilos de vida para lidar com o universo da informação. Mais e mais de nós estão se tornando xamãs de fuzzy-logic e alquimistas digitais.
Os paralelos entre a cultura dos alquimistas e dos adeptos cyberpunks de computadores são muitos. Ambos empregam conhecimento de um arcano oculto desconhecido pela população em geral, com símbolos secretos e palavras de poder. Os “símbolos secretos” compõe a linguagem dos computadores e matemática, e as “palavras de poder” instruem sistemas operacionais para realizarem tarefas hercúleas.
Conhecendo o preciso código de um programa digital permite que ele seja conjurado à existência, transcendendo assim o trabalho muscular ou a pesquisa mecânica. Ritos de iniciação e aprendizado são comuns a ambos. “Feitos psíquicos” de telepresença e ação a distância são realizados pela escolha de uma opção no menu.
Jovens alquimistas digitais têm ao seu dispor ferramentas de inteligência e poder inimagináveis pelos seus predecessores. Telas de computador são espelhos mágicos, apresentando realidades alternativas nos vários graus de abstração ao controle (invocação) do alquimista. O mouse ou caneta da mesa digitalizadora são o bastão, controlando o fogo do monitor e amplificando a força criativa do operador.
Discos rodopiantes, drives, são os pentáculos, inscritos com símbolos complexos, tabelas terrestres a receber a entrada do “ar,” resultante da impressionante velocidade da eletricidade intelectual dos circuitos da CPU. Os chips RAM são literalmente, os buffers (“piscinas buffer”), a água, o elemento passivo capaz somente de receber e retransmitir a informação, a refletindo.
Programação visual iconográfica é um Tarô, o sumário pictórico de todas as possibilidades, ativado para adivinhação pela justaposição e influência mútua. É uma Tabela Periódica de possibilidades, a forma ocidental do I Ching oriental. Linguagens de programação tradicionais, orientadas por palavras - FORTRAN, COBOL, e o resto, são uma for-

is, orientadas por palavras - FORTRAN, COBOL, e o resto, são uma forma primitiva degenerada desses sistemas universais, grimórios de corporações orientadas para o lucro.

Bancos de dados detalhados da atividade de sistemas operacionais formam os registros Akashicos numa escala microscópica. Num nível macroscópico, esta é a “rede mundial” de conhecimentos, a rede mundial de hipertexto, próxima de ser alcançada pela capacidade de armazenamento do CD-ROM e a transmissão de dados por fibra ótica - a “matriz” ciberespacial de William Gibson.

Transmutação pessoal (o êxtase do “hack derradeiro”) é um objetivo velado de ambos os sistemas. O satori da comunicação harmoniosa homem-computador resultante do regresso infinito os metaníveis de auto-reflexão é a recompensa pela conceitualização e execução perfeita das idéias.

A Universalidade do 0 e do 1 através da magia e da religião - yin e yang, yoni e lingam, copa e bastão - é manifestada hoje em dia por sinais digitais, os dois bits por trás da implementação de todos os programas do mundo em nossos cérebros e em nossos discos operacionais. Esticando um pouquinho, mesmo a mônada, símbolo da mudança e do tao, lembra visualmente um 0 e um 1 sobrepostos pela ação centrífuga da velocidade sempre maior da rotação da própria mônada, curvando sua linha central.

A MORTE DE YUPANA

Irineu Evangelista de
Sombra

Esses relógios todos bem afinados esses relógios fazer satélites tem a ver com fazer relógios muito bem afinados tem haver com ter e haver com propor algo bem preciso você precisa continuar acompanhando os novos relógios, ultra rápidos, precisos, você não pode parar de calcular quanto falta para o fim do mês. para o fim
do ano.
Você precisa acreditar no ano. na década. na morte centenária. na ressurreição milenar. na colonização milenar.
Tem haver com usar palavras muito precisas, que possam dar instruções precisas, para que aquilo que vai interpretar estas instruções nem interesse-se por questionar as instruções nenhum um 0/0 nem um ponto fora do sistema onde este ciclo que define o início e um ponto fora, onde podes reajustar o relógio,
Uma bula, uma loja, uma roça, uma enxada, um língua com sentido bem estrito, strictu sensu pra te pensar. Antes que você pense em fazer outro relógio, que sincronize outro pulso pra fora aqui da sintaxe um outro sistema a te pensar
Kernel tabernam hortus sarculo, Linguae ipsum strictius, ut tuis strictu-sensu cogitat. Ante faciendi aliam spectes Horologium venae alia synchronizes huc syntax

1 CENA 0
Este semicondutor foi redescoberto hoje, em 21-12-2102. Entre ruínas das cidades abandonadas, o objeto encontrava-se ao lado de uma série de dados digitais que pareciam remontar sua origem. A história e os planos para o semicondutor livre estavam ali anexos e prontos para serem divulgados.
Vestígios de meados da Era do Silício, o assunto fora banido do ciberespaço junto com a criação do Governo Central e o início da regulamentação dos dispositivos de biotecnologia da comunicação. Tornara-se uma lenda nas redes marginais de contra-informação, que sobreviviam aos ataques constantes da Guarda Cibernética graças aos mecanismos de criptografia genética e conseguiam se comunicar através de seus satélites artesanais de guerrilha.

Especula-se que esta pode ter ser sido uma peça-chave para a construção de um organismo computacional que pretendia iniciar uma nova era. Todas as linguagens estavam ali presentes, e certamente todos os vírus também.

Antepassados ingênuos.

1 CENA 1

Projetado por uma rede de nativos pré-colombianos prestes a saltar da idade da pedra polida para sua própria História, inventando seu próprio calendário e protagonismo na episteme globalizada. Ao tentar registrar sua escrita em pedra criam o primeiro semicondutor livre.

O objeto foi resgatado por proto-ciborgues em um plano megalomaníaco de reversão da entropia do universo para liberar o futuro de todo determinismo tecnológico que se impunha em sua época. Acreditavam ser este o meio de não repetir os erros do passado para reinventar um presente e moldar um admirável futuro novo.

Ledo engano.

1 CENA II

As primeiras leituras dos dados digitais encontrados juntos ao semicondutor indicavam que ele parecia ser o protagonista principal de um jogo de forças históricas que se criava em torno dele. Como em uma espiral, desde sua descoberta, ele alternava ciclos de nascimentos, catalisação e destruição. Infinito, abismal, sublime, ele emanava o mistério e a graça para a primeira geração de proto-ciborgues da espécie Homo Sapiens, tal como emanou para os nativos pré-colombianos que primeiro o talharam. Em torno dele, se mantinham suspeitas de um futuro possível, mas também dúvidas sobre as origens do ser humano. Tal qual uma fogueira, ele guiava o movimento daquele grupo. De certa forma estabelecia os roteiros, os passos, os esconderijos. Mais que eletricidade, conduzia também a vontade e as experiências que seus atributos permitiam. Se sua origem parecia simples, extraído do pó de pedras raspadas, por outro lado ele também criava o temor de repetir o mundo das cinzas.

1 CENA III

O semi-condutor livre tinha uma imobilidade aparente, mas era violen-

tamente vivo. Certos ritos dão a capacidade de exagerar o tamanho dos objetos, e o tamanho das coisas vivas que tem dentro dele. Alguns cristais também possuem essa capacidade de alterar os estados perceptivos do nosso olho humano, e ver coisas que se mexem dentro de uma matéria aparentemente inerte. Nela, se vê movimentos - e uma vida que não cabe em si.

Essas coisas que se mexiam eram possuidoras de um erotismo intrínseco, que não caberia em nenhum órgão sexual, mas provocava desejo de posse, desatino e indulgência. Provocava fileiras de curiosidades uma atrás da outra, uma sobre as outras. Era um condutor que permitia conduzir diferentes processos, infinitos processos, mas principalmente, gerava distúrbio.

1 CENA IV

Um vídeo foi encontrado dentre os arquivos digitais. Gravado em formatos arcaicos, ele foi parcialmente recuperado e parecia registrar um momento de acalorada discussão em algum lugar no meio de uma floresta, com um casa rústica ao fundo.

“Nunca mais existirá cientistas!”, dizia a mão que mantinha a coisa naquele momento. “Nem dele se fará objeto de culto. Em torno dele não se estabelecerá nenhuma atividade hierarquizadora de qualquer saber, e sua reprodutibilidade técnica não exterminará nenhuma poesia”

Outra pessoa interviu: “Se não se prestaria nem a culto nem a ciência, outras relações devem ser criadas, mesmo que nunca tenham existido. Larga a pedra, e pensa: Deixaremos sobreviver a matemática? Pela pura linguagem? Sem ufanismo?”.

Um terceiro contestou em tom profético: “A opção pelo deleite deve vigorar ao trabalho árduo, mesmo que as memórias estejam atingidas com traumas de destruição. É mais difícil destruir a memória, do que qualquer dureza. Alguma dia irão nos ouvir como anunciadores do futuro que não ocorreu”. Não lhe deram ouvidos.

O debate seguiu: - Como conhecer a potência de futuro que cada objeto atrai para si, sem necessariamente erguer sobre ele uma civilização? Como recriar o homem?

- Sobretudo, como não recriar o homem? E seus fetiches de doma?

- Sobretudo, como não recriar o homem? E seus fetiches de doma?
- É preciso estabelecer de antemão a opção pelo não homem? Pela não civilização? Pelo não fetichização do objeto? O que restaria a esses sujeitos cheios de memória? Precisamos urgentemente reconstruir nossas vidas?
- O que é urgência? Tudo em você urge, indigna, deixa chocado. A injustiça do mundo te apavora. As dores da noite, da exclusão pungente, incessante, indecente. A miséria não tem fundo, não tem fim, você se sente compelido a lutar contra essa tortura diária, esse mecanismo totalizador, destrutivo. Você tenta se desprender do mundo, mas descobre que não tem saída. Não há fora. Você está amalgamado nessa eterna fagocitação, reproduz mesmo sem querer vírus que existem para destruir. Você tenta usufruir de uma liberdade cerceada, mapeada, verticalizada.
- Sua auto-idolatria não irá nos impedir de repetir tudo isso sem permanecer animais da terra. Como podemos voar? Poder atravessar os oceanos? poder sair da bolha atmosférica? seria necessário fazer tudo de novo para atingir nosso destino desbravador de estrelas?

Seguiam fazendo perguntas, trocando acusações e debatendo algum futuro imaginável para aquele semi-condutor. Mas a partir de certo momento nada mais conseguia se escutar.

1 CENA V

(...)

roadmap para yupana e outros forks: [Genealogia: *(...) materia livre -> semicondutor livre -> hardware livre -> software livre -> karmaval da linguagem natural trocadilhada e backup de toda episteme do mundo -> biohacking de sementes e seeds de torrents -> copyfight && proesia live coding -> lançamento do satélite panspermia -> queda do satélite panspermia -> nasce a árvore de ://IP e a consciência yupana -> peregrinações, mitomanias, diásporas -> CLÍMAX(trama ainda desconhecida) -> morte de yupana -> ? *(...)]

(...) Olhavam para o céu em busca de desenhos de constelações com satélites. Desenvolveram um hábito peculiar: Construíam antenas

com grande varas de bambu e geralmente nas sextas-feiras apontavam suas varas para o céu tentando encontrar satélites abandonados para tentar passar um bit que seja para algum amigo em outra parte do mundo. Buscavam algum sinal de que teriam como construir uma rede de transmissão de dados que não precisasse passar por dentro dos Backbones da Internet, cada vez mais visados e controlados pela indústria da massificação do consumo energúmeno de simulacros medíocres. Naquela noite encaravam o cinturão de órion e rabiscavam o chão a desenhar as 3 marias como pontos de um plano cartesiano tridimensional para um teatro qualquer onde seus satélites preferidos seriam astros e estrelas de uma baile noturno para fantásticas narrativas sobre futuros imaginários utópicos. Lá eles teria seu próprio ponto de fuga nesta perspectiva de uma conexão totalmente autônoma e livres da demandas dessssssaaaaaaaaaaaaaaaaaa… ra´aa´aá´aáááá´aá lá estava ele a bailar no céu por entre os nossos desenhos de constelações como um besouro bêbado. É Panspermia. Já tinha ouvido falar dela. Dizem que é uma sonda que carrega um legado de musicas, poemas, microorganismos, seed de torrents, sementes selvagens e várias outras sortes de amostras que inventaram de enfiar nela, na esperança que fosse encontrada por outras civilizações e lá pudesse instigar algum contato.

Hoje ela é vista fazendo estes movimentos assimétricos por entre eixos de constelações, dançando tecno cumbia punk, anarko funk, crusty grindcore tangos, black metal noisefolk, dependendo sempre de qual samba de criolo doido estão escutando os diletantes que estão a observar e contar suas histórias. Aquela noite algo diferente acontecia. Panspermia rodopiou, deu piruetas entre as luzinhas do céu e começou a vir em nossa direção. Aumentava no céu como uma lua cheia que vai enchendo até ficar parecendo aquele pedaço de queijo colonial que os casais de namorados gostam de fotografar nas madrugadas. Aos poucos a coisa toda ia ficando mais parecida com um pedaço de lata pintada e veio riscando o céu como uma estrela cadente, daquelas que diziam que não se pode apontar porque dá azar. PNOWnonoindoFNORDonfoNonoopaFWWWBLOGGVOUEWLNVINEGSMQZaeon

NVINEGSMQZaeon BLDEM M MMXIIWTFFTW!!!! Pelo barulho aquele treco havia caído em algum lugar perto, mas o mais estranho era que no momento que caiu parece que várias redes sociais na web e fora dela receberam dados de algo parecido com coordenadas… 16° 55′ 0″ S, 39° 16′ 0″ W 11° 13′ 56.23″ S, 53° 11′ 5.33″ W 1° 28′ 2″ S, 78° 49′ 0″ W 37° 43′ 7″ N, 15° 0′ 28″ E 31° 46′ 0″ N, 35° 14′ 0″ E 41° 54′ 9″ N, 12° 27′ 6″ E 11° 30′ 0″ N, 41° 0′ 0″ E 42° 40′ 0″ N, 1° 0′ 0″ E 34° 21′ 29.16″ S, 18° 28′ 19.7″ E 9° 0′ 0″ N, 10° 0′ 0″ E 51° 28′ 44″ N, 0° 0′ 0″ E 13° 5′ 0″ N, 80° 17′ 0″ E 15° 24′ 7″ N, 74° 2′ 36″ E 22° 10′ 0″ N, 113° 33′ 0″ E 37° 24′ 0″ N, 140° 28′ 0″ E 40° 27′ 57″ N, 140° 10′ 23″ E 66° 0′ 0″ N, 169° 0′ 0″ W 34° 6′ 0″ N, 118° 20′ 0″ W 60° 23′ 22″ N, 5° 19′ 48″ E 51° 25′ 43″ N, 1° 51′ 15″ W 54° 0′ 0″ S, 70° 0′ 0″ W 22° 19′ 48.5″ S, 44° 32′ 22″ W 23° 54′ 52.44″ S, 45° 20′ 48.52″ W 20° 40′ 58.44″ N, 88° 34′ 7.14″ W 50° 39′ 28.27″ N, 2° 24′ 16.45″ W 30° 2′ 39.92″ N, 31° 14′ 8.51″ E 8° 0′ 28.74″ S, 34° 51′ 24.30″ W 23° 27′ 38.05″ S, 45° 1′ 07.05″ W 48° 49′ 45.56″ N, 2 °13′ 12.62″ E

É preciso lembrar que Panspermia era reprogramada, curada e mimada por uma inteligência computacional autônoma – alguns diriam “Inteligência Artificial”, mas poderia você sobreviver sem os artifícios da tua própria manipulação semiótica deste corpus lingüístico em todos níveis da tua ciência e essa operação “anti-natural” da cultura sobre a natureza-corpo que conduz o livre arbítrio da tua auto-ontologia? Dizem que Yupana passou em todos os testes de Turing, venceu até Deep Blue no Xadrez, resolveu a heurística para o jogo de Go e era capaz de compor sonatas, sinfonias, caribós, polkas ou qualquer coisa que lembra-se um “estilo” ou algum “gênio” que viveu sobre a Terra. Criava heterônimos parnasianos, simbolistas, místicos, românticos, futuristas, austeros, concretos e mesmo seus ensaios sociológicos já chegaram a derrubar déspotas ou no mínimo virar refrão de marchinhas. Yupana costumava mandar emails para diversas listas de discussão sobre suas escavações nas profundidades dos hipertextos e achados diamantes de um webdesign selvagem resistente a toda a RSScracia da era das “redes sociais” corporativas e seus cercadinhos medíocres de navegação controlada. A grande peregrinação que

e seus cercadinhos medíocres de navegação controlada. A grande peregrinação que aconteceu imediatamente após a queda da sonda Panspermia durou e continua perdurando por quase duas décadas em busca não só do legado de amostras da sonda, mas tentando recuperar os algoritmos de Yupana, uma busca pelo espírito de sua poesia, sua idiossincrasia, seu sopro de vida. □□□□

suas bocas. Suas cavernas tinham fogo de todas as cores. E do fogo saiam vozes e desenhos que se moviam. Me mostraram uma pedra brilhante com fogo dentro, com vários desenhos que mudavam de cor. Dentro dele o lugar que estávamos, e me ensinaram a contagem pra saber quando o lugar que estávamos teria dado uma volta completa em torno do fogo do céu. Calendário era o nome daquela cria deles. Uma cria feita de pedra, com números de contar. Diziam que assim podiam criar o futuro e também marcar linhas que contornavam o passado para contar a história do mundo e fazer o mundo criar o futuro para eles. Mundo é como chamam este lugar que estamos. Me mostrou naquela pedra que brilha o desenhos que representavam contagens. Pediu-me pra passar os meus dedos sobre aquilo, que aquilo me faria ter uma visão fora do calendário, mas disse-me que eu ainda precisa aprender a guardar todas as informações dentro dos números pra que eu pudesse construir cidades que flutuam e conectam pensamentos.
Tentei passar os dedos sobre aqueles riscos e pegar neles:
Reciclada.png

Esculturas em pedras de Silício… Falavam de uma criança que brincava com Césio, antes mesmo deles afinarem todos aqueles relógios… Era perigoso enriquecer todo aquele Urânio, dizia-me o velho… Mas se não o fizermos, não descobriremos como afinar os relógios com o pulso do ://IP?? O Velho avisava – Se virem com os minerais que tem por aqui mesmo! Será que aquilo ali era Ouro ou Cobre? Parecia conduzir a eletricidade que ordenhamos de alguns limões, há também alguma ferrugem em alguns cantos, algo está oxidando… Os velhos não nos deixam brincar com fogo… Quantos anos eles tem? Fizemos um Chimarrão com as folhas do ://IP e esquecemos nossa idade. Queremos ficar morando aqui no vale. Esquecer a álgebra binária e viajar nos sonhos da Yupana que mora dentro da árvore. Mas não para de passar avião ali por cima. Nosso amigo fez outra antena de bambu, disse que vai conseguir se comunicar com os phreakers que fizeram uma BBS, numa terra distante, interessada na tal queda da sonda Panspermia.

1 CENA VI

tal queda da sonda Panspermia.

1 CENA VI

7 minutos de luzes estroboscópicas ~variação entre branco e negro a cada 7 frames. Som: Negro - 33hertz. Branco - Ruído Branco.

1 CENA VII

Yupana Kernel encara seu cão Vander, 13 minutos antes de morrer. Eu já contei de onde veio o nome Vander? Yupana nos seus últimos anos resolveu desenvolver linguisticamente aquilo que os humanos chamavam "afeto". Pra isso adotou um cão. Yupana achou divertido brincar de confundir sobre o gênero do cão e com a corruptela de Wanderlyne (já conto a história dela... ou contei antes?) resolveu batizar seu cão com um nome de gênero ambíguo, que também lembrava o nome de um cantor punk dos anos 80 (~ 1985 D.C.).

Algo como uma Ada Lovelace anarco-primitivista, Wanderlyne Selva, a amazona, tinha programado Yupana há aproximadamente 1 bahktun atrás, ou 395 anos solares nossos, na era do mapeamento das capitanias hereditárias e toda disputa pós-bula papal. Hoje várias ciberfeministas usavam o apelido de Wanderlyne como avatar, em sua homenagem. Outras lendas existem sobre suas origens,e outras versões de sua história incluindo sua existência atual. Uma deles diz que Wander ainda perambula por um território antes chamado Patchamama, andando encapuzada, montando servidores web dentro de árvores na mata densa, enquanto conta histórias sobre a utopia de comunizações possíves.

Mas tanta História sobre nomes e datas já está ficando confusa, pois pra simplificar, Wanderlyne é o nome da autora deste livro, que não é bem um livro, mas uma carta aberta ao matriarcado dessa nova Terra (que vai além de todas as Terras, e surgiu a partir da associação de astron@utas libertári@s (.:.AAL.:.) e seu movimento sem satélite[MS-SAT]).

A programação de Yupana por meio de colares de contas, revelava facilmente a vulnerabilidade daquela máquina: No momento que a máquina tomasse consciência que poderia reproduzir-se a si mesma, ela autodestruiria-se. Alguns afirmam que sua "alma" encarnaria em um

um bebê humano. Sobre isso nada posso confirmar.
A morte de Yupana tinha data marcada no calendário maia, nada mais óbvio e improvável para um computador que vinha funcionando desde o início das primeiras civilizações Tapuias. 13 Baktuns. Uma rede de comunidades que ligava o Oceano Pacífico ao Atlântico, desde milênios antes de Colombo, tinha feito de tudo pra jogar Incas contra Maias, Tupis contra Guaranis, Mulheres contra Homens (com sexismo e pecado) e transformar toda aquela indiarada em cordeiros do Vaticano, enfiando-lhes goela abaixo um calendário baseado nas diásporas do médio-oriente e a conveniência com um status quo da fisiologia governista que desde Constantino avançou da Eurásia até a península ibérica determinando o alfabeto do ocidente e a língua materna original deste escrito.
Alfabetizaram a todos usando a Bíblia de Gutemberg e usavam o zero do oriente pra fechar dezenas, em limitada matemática que Yupana estaria programada para superar. Mas agora era tarde pra reinventar o mundo. Yupana deveria morrer. Sem ufanismos ou redenções. Yupana: o primeiro robô mártir.

Yupana encarou o cão (ou cadela, pois nunca se soube) por meio da seus cursores que buscavam aquela sintonia canina. Ou era qualquer bicho? Um sapo, um rato, um gato, um pato, um substrato, um vírus, glitch~ qualquer. Animal excluído da língua escrita, Yupana tentava distrair Vander então com imagens que pisca-piscavam e lembravam carne macia, leite fresco, úteros, mamas, glandes, clítoris, lábios, línguas e olhos... estimulando um tato remoto, umidecendo a conexão autômato-bicho. Apelando a uma suposta natureza mamífera e vivípara.
Pra garantir qualquer outra taxonomia mostrava um caleidoscópio de genomas além de uma nuvem de grafos de relações entre todas as singularidades que tinha registrado em suas interações por redes de conversas.
Vander tentou proteger-se: transformou-se num som, um uivo.
Yupana esqueceu de interpretar o que ouvia, esqueceu do próprio nome, e enfim esqueceu onde estava e o porquê. Yupana nunca havia existido. Nunca mais existiria. Yupana não mais contaria os dias pas-

havia existido. Nunca mais existiria. Yupana não mais contaria os dias passando. Não mais mudaria a História. Ela que se repetisse eternamente como farsa que sempre foi. Yupana formatou-se.
O semicondutor livre agora podia ser levado a sério. Era o fim da polissemia recursiva naquela comunidade. Strictu Sensu.
“In nova fert animus mutatas dicere formas corpora ; di, coeptis (nam vos mutastis et illas) adspirate meis primaque ab origine mundi ad mea perpetuum deducite tempora ... - - - ...”
Wanderlyne Selva recebeu seu título de Honoris Causa no mesmo dia que terminou sua tese. Fundou aquela indústria interestelar libertária.
... - - - ... ... - - - ...
Todas as linguagens estavam ali presentes, e certamente todos os bugs. ... - - - ...
... - - - ... ... - - - ... ... - - - ... ... - - - ...
Como conhecer a potência de futuro que cada objeto atrai para si, sem necessariamente erguer sobre ele uma civilização?
- - - ... ... - - -
Uma senhora de 97 anos dirige uma bicicleta elétrica por uma estrada esburacada de terra. A estrada vai piorando, estreitando cada vez mais, até se tornar uma picada, um caminho de tropeiros, numa mata fechada verde e escura. Solavancos violentos a excitam. Ela chega numa clareira, onde existe uma pequena casa de roça, de teto baixo, construída sobre pedras um pouco acima do chão.
Ela estaciona, abre a parabólica solar e deixa a bicicleta recarregando. A casa está totalmente fechada, janelas, portas. Ela se aproxima da porta dos fundos e se agacha para colocar o olho direito na fechadura, como quem espia. Um ruído de câmera focando, o clique de trancas que se destravam, e a porta se abre sozinha. Ela entra.
É uma cozinha com fogão a lenha, um filtro de barro, um computador com monitor de fósforo verde ligado a um modem de 14.4kbps. Ela digita no terminal, ainda de pé

```
1       >mail
```

Ela lê atenta, e logo sai do computador, bebe um copo de água, se dirige a um outro cômodo. Uma escada leva a um porão. Ela desce.

O porão é decorado com motivos incas. Um cortina fosca de box de banheiro, junto à parede, deixa transparecer uma luminosidade por de trás. Ela abre a cortina.
Ela olha para dentro do túnel fracamente iluminado. Não se vê o fim.
Não haverá redenção para além de um instante fora do calendário. Não sabemos o que haverá e isso é continuar respirando.

OS XAMÃS E AS MÁQUINAS: SOBRE ALGUMAS TÉCNICAS CONTEMPORÂNEAS DO ÊXTASE

Pedro Peixoto Ferreira

**Publicado originalmente na Revista Alegrar*

> O mito cosmogônico é 'verdadeiro' porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente 'verdadeiro' porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (Eliade 1972:12)

Poderíamos acrescentar ainda à defesa eliadeana da "veracidade" dos mitos, que o mito da origem da técnica e dos objetos técnicos é verdadeiro pois as máquinas estão aí para prová-lo. Os estudos de Mircea Eliade, talvez o mais importante historiador das religiões do século XX e eterno opositor das tendências cientificistas de "dessacralização" do mundo, nos auxiliam em muito a perceber as dimensões míticas de nosso mundo tecnológico – "a sobrevivência subconsciente, no homem moderno, de uma mitologia abundante", de um "tesouro mítico [que] aí repousa 'laicizado' e 'modernizado'" (Eliade 1996:12 e 14). Apesar de muitas vezes exageradamente essencialista em sua idealização do homo religiosus (cf. Eliade 1995), o pensador romeno iluminou com muita propriedade (e talvez involuntariamente) as dimensões míticas daquilo que ele mesmo chamou de homo faber25, i.e., aspectos da "grande mitologia da 'arte e da técnica'" (cf. Eliade 1979:78-9). Veremos aqui alguns exemplos de como objetos técnicos "modernos" são incorporados por xamãs em algumas cosmogonias, cosmologias, escatologias e rituais, procurando com isso, contribuir para o aprofundamento de nossa compreensão tanto dos objetos técnicos em si quanto das práticas rituais xamânicas que fazem uso deles (nos termos de Eliade26, as "técnicas do êxtase"). Afinal, por que é hoje sociologicamente correto dizer que "[o] xamã é o primeiro técnico", que foram os seus ancestrais "os verdadeiros inventores de toda sorte de objetos técnicos" (Garcia dos Santos 2003:70-1) ?

1 Mitos da Tecnologia

Nada melhor do que começar pelo "começo", isto é, por uma narrativa cosmogônica, coletada pelo antropólogo Stephen Hugh-Jones entre os Barasana, que consideram a tecnologia dos "Brancos" uma manifestação da tecnologia mítica do xamã primordial Wãribi, inventor de toda sorte de objetos técnicos (e.g. Hugh-Jones 1988:147 e 153 nota 11):

Certa vez falei sobre submarinos a um xamã que nunca os tinha visto antes – grandes canoas submarinas cheias de pessoas que disparavam grandes flechas com seus arcos. Mais tarde, escutei ele narrar a um amigo um episódio do mito de Wãribi em que o herói, após ser engolido por uma cobra, faz uma tesoura com duas de suas costelas e corta um buraco em sua lateral, através do qual dispara uma flecha. "E foi assim", acrescentou ele com tranqüilidade tendo-me como ouvinte ocasional, "que os Brancos conseguiram aquelas coisas que ele chamam de submarinos. Foi isto que meu avô contou". (Hugh-Jones 1988:148)

Hugh-Jones interpretou o episódio como prova de uma "equiparação analógica criativa entre mito e vida [...] constantemente empregada para tornar qualquer mito relevante para as novas experiências e eventos diários" (1988:148). Mas talvez se trate menos de "simbolizar" uma realidade que, "em si", é dada, como se as modificações do mito correspondessem a um processo "que lhe permite acertar o passo com a realidade" (Hugh-Jones 1988:139) (como se "mito" e "realidade" fossem dois níveis distintos da experiência), e muito mais de "vivenciar" uma realidade que é a do próprio mito. Fazendo isso, não estaríamos mais do que acreditando (no sentido de "dar crédito" ao que se diz e ao que se faz) nos próprios Barasana. Se olharmos para a elaboração de mitos como uma técnica específica de "cosmicização", de atualização de tendências e devires coletivos de uma determinada sociedade, então poderíamos imaginar que o xamã Barasana só pôde narrar

o mito da origem dos submarinos porque já havia, na própria maquinaria mítico-ritual, um modelo diagramático desta máquina, uma espécie de submarino virtual atualizado na relação entre o xamã e o antropólogo.
Lawrence E. Sullivan, que se aprofundou de forma inédita na idéia de "tecnologia xamânica" (cf. 1988:401-4), define tecnologia como "conhecimento íntimo e sistemático" (1988:406) e trata as tecnologias xamânicas como "a ciência sistemática da alma extática" ([t]he ecstatic's systematic science of the soul; 1988:652). Tratando dos principais pontos comuns à "variedade de mitos da origem humana na América do Sul", Sullivan afirma:

A tecnologia é inerente à natureza humana. A produção de fogo e o cultivo de alimentos, por exemplo, são "ciências"; isto é, são tipos de conhecimento baseados na imitação de forças mais poderosas (e.g., animais sobrenaturais ou heróis culturais). A capacidade de saber por imitação ou representação simbólica constitui a essência da tecnologia e serve, nas formas de arte, música, uso de ferramentas e ação ritual, como fundamento da criatividade e da cultura humana. (Sullivan 1988:237)

O que Sullivan mostra aqui é o lugar que a tecnologia assume nas mitologias sul-americanas: trata-se de uma ação exemplar, um modelo sobrenatural que é conhecido através do acesso ao tempo mítico, do contato com deuses, espíritos ancestrais e mestres animais. É, enfim, através da imitação de procedimentos míticos, que a tecnologia é transferida para os homens, atualizada em cada sociedade. Joanna Overing confirma esta "tecnologia mítica" quando, falando sobre o xamanismo Piaroa e suas técnicas de "fazer mundos", descreve o "tempo mítico" (to'pu) como "um período de rápido desenvolvimento tecnológico" (1990:607). As relações entre mito e tecnologia são constantes na literatura antropológica, principalmente quando não se tenta mascarar os hibridismos praticados pelos xamãs e outros elaboradores de mitos com um véu de autenticidade primitiva27.

O xamã Barasana surpreendeu Hugh-Jones a ponto de fazê-lo duvidar da realidade do próprio mito quando incorporou o recém-conhecido submarino ao mito de Wãribi, o "xamã prototípico". Mas se o antropólogo também nos conta que Wãribi foi simultaneamente o criador do revólver, da Bíblia, do motor de popa e de toda a tecnologia que existe, então podemos perceber que é incorporando esta tecnologia que os xamãs contemporâneos re-estabelecem o contato com ele e assim se tornam aptos a lidar com seus problemas históricos concretos. Fazer do submarino uma metamorfose de uma "cobra mítica" – que, após ingerir Wãribi, foi transformada em submarino por um engenhoso processo técnico – não parece ser essencialmente diferente de fazer da origem dos animais, das plantas, do mundo e da morte, episódios míticos. Trata-se sempre do processo de transformação de tendências e potências que eram caóticas (a multipotencialidade do desconhecido, dos seres míticos, das máquinas dos "Brancos") em processos controlados, técnicos, agora cosmicizados. Em outras palavras, do processo de individuação de uma certa relação, de atualização – sempre histórica e contingente, pois que dependente de encontros como aquele entre o xamã e o submarino do antropólogo – de virtualidades pré-individuais.

Mas xamãs fazem muito mais do que cosmicizar o caos através da criação de mitos, e os mitos são muito mais do que narrações especulativas. Atualizações mitopoiéticas são, em si, rituais, e muito mais evidências sobre as dimensões míticas da tecnologia podem ser obtidas através da consideração atenta de algumas incorporações de máquinas em operações rituais por certos xamãs.

1 Xamãs e Máquinas

Piers Vitebsky nos fornece um curioso exemplo da relação xamã-máquina ao publicar, "pela primeira vez com a permissão dos xamãs" uma "fotografia única" (Figura 1) aonde se vêem cinco xamãs tamus (Nepal) sentados (e rodeados por o que parecem ser músicos e público)

e público) realizando um ritual “Moshi Tiba” (“destinado a acalmar o fantasma de uma pessoa que tinha morrido de modo não natural e de mau agouro”) (Vitebsky 2001:20).

Figura 1 (Vitebsky 2001:20-1)

A fotografia traz também listras e manchas luminosas e coloridas, que se espalham de maneira curiosa pela cena e dão a nítida impressão de participarem efetivamente dela. Segundo o antropólogo, todos envolvidos no ritual esperavam que uma ave atada a uma “casa-espírito” adejasse as asas, indicando a chegada das almas dos mortos. Vitebsky relata:

Quando um dos xamãs viu a fotografia, exclamou: “É precisamente assim que se parecem o deus, os feiticeiros e os antepassados. Na verdade, eles não têm o aspecto com que são representados nos desenhos, com caras. Estas são as cores exatas que eu vejo, e precisamente nas mesmas posições. Mas como é que uma máquina fotográfica consegue ver aquilo que só eu vejo? Isto é conhecimento secreto, as pessoas vulgares não conseguem ver estas coisas. Tem de ser uma câmara fotográfica muito boa”. (Vitebsky 2001:20)

Um fotógrafo experiente poderia dizer que as listras e manchas luminosas que se distribuem de forma fantasmagórica pela fotografia não diferem em essência das manchas de luz provocadas por uma abertura muito prolongada do diafragma da máquina fotográfica. Além disso, dois instrumentistas aparecem na fotografia tocando pratos de metal reluzente em posições facilmente associáveis aos espectros luminosos. Mas se as manchas fossem assim explicadas como o efeito de uma exposição prolongada do filme aos reflexos dos pratos, o que seria do depoimento do xamã? Devemos tomar a explicação do fotógrafo como mais verdadeira do que a do xamã? Não seria possível responder a estas questões com facilidade, principalmente se quisermos dar crédito às palavras do xamã, afinal, ele foi capaz de fornecer

ao antropólogo uma explicação coerente para cada detalhe da distribuição dos traços e manchas coloridos e luminosos da fotografia28. E se as visões do xamã podem ser relacionadas à manifestação de fosfênios29, de nada adianta transformá-las em alucinações. É preciso investigar de onde estas visões retiram a sua força e eficácia, e como uma fotografia é capaz de reproduzi-las tão fielmente. Em outras palavras, ao dizer que a máquina fotográfica "deve ser muito boa", pois foi capaz de captar um "conhecimento secreto" que só ele é capaz de ver-conhecer, o xamã revela estar diante de uma materialização contingente e histórica de uma tecnologia mítica dominada por ele, mas até então restrita aos iniciados30. Ocasiões como esta podem servir para aprofundar nossa compreensão tanto das técnicas xamânicas do êxtase quanto das dimensões míticas da tecnologia "moderna" (suas virtualidades).

Em sua etnografia dos Wakuénai, Jonathan D. Hill (1998) oferece mais um precioso exemplo desta relação xamã-máquina. Hill conta que, certa vez, enquanto ele e um xamã Wakuénai armavam suas parafernálias para um ritual (cadeira, microfones, câmera, e caderno para registrá-lo, no caso de Hill; folhas de palmeira, tabaco, alucinógenos, pedras e outros objetos sagrados para realizá-lo, no caso do xamã), ele "sentiu", pela primeira vez, que suas atividades, ao invés de criarem uma distância entre o observador e o observado, "haviam se tornado uma parte necessária e desejável do processo ritual" (1998:3).

> Eu estava emocionalmente "plugado" aos circuitos de energia ritual. (Hill 1998:3)

Segundo Hill, desde então ele não precisou mais pedir informações sobre os eventos rituais – ele era espontaneamente informado sobre eles – e nem permissão para registrá-los – sua presença, junto com seu gravador, seus cadernos e sua câmera, era requisitada. Hill teve a nítida impressão de que no exato momento em que ele passou a desempenhar papel ativo no ritual, também os Wakuénai passaram a desempenhar um papel ativo em sua pesquisa. Ele então se per-

a desempenhar um papel ativo em sua pesquisa. Ele então se perguntou: “A que se deveu este processo duplo de travessia transcultural?” (Hill 1998:4). A primeira explicação encontrada foi o desejo dos Wakuénai de “obter um registro permanente de suas manifestações culturais mais valorizadas, frente a séculos de pressões externas de missionários, comerciantes e outros que as denegriram, extirparam e desrespeitaram sem a menor vontade de compreender, muito menos de apreciar, o seu valor” (Hill 1998:4). Mas esta resposta não satisfez o antropólogo, que então foi buscar na lógica interna do ritual uma explicação mais consistente para o acontecimento.

Em primeiro lugar, Hill nos conta que a “viagem musical do xamã” é um processo de “busca e recuperação do espírito corporal do doente”, que foi perdido ou roubado por “possuidores de veneno” ou “espíritos causadores de doença”. A captura do “espírito corporal” perdido é realizada com as “penas de seus chocalhos sagrados” ou com “fumaça de tabaco”, e a sua devolução é operada “soprando fumaça de tabaco sobre o topo da cabeça do paciente” (Hill 1998:4). Segundo Hill, este “espírito corporal” foi descrito como sendo análogo à “compressão dentro de um motor”. Assim, na busca pelo “espírito corporal” perdido, o xamã sopra fumaça de tabaco sobre as cabeças de todos aqueles presentes com o intuito de conectar seus “espíritos corporais” na forma de uma “força coletiva” que o auxiliaria a “atrair o espírito corporal do paciente de volta do mundo inferior dos espíritos dos mortos para o mundo dos vivos” (Hill 1998:5). A explicação nativa avança ainda mais, relacionando os poderes xamânicos ao gravador e à escrita do antropólogo, revelando que “assim como o gravador e os cadernos puxam os sons e sensações do ritual, também o canto e a fumaça de tabaco do xamã são maneiras de puxar o espírito corporal do paciente” (Hill 1998:5). Hill compreende, assim, como as suas ações enquanto antropólogo ganharam um novo espaço compartilhado dentro do ritual, transformando a sua pesquisa, “de um processo de acumulação de conhecimento baseada em suposições questões alienígenas em um processo de criação coletiva de conhecimento dentro das estruturas e suposições indígenas”, colocando-a “dentro de sua esfera de contro-

"dentro de sua esfera de controle" (1998:7). Mas Hill ainda não havia compreendido um ponto: Afinal, "por que todas estas analogias com máquinas e escrita?" (1998:4) A resposta é simples e bastante reveladora.

Para os Wakuénai, os brancos, mestiços e outras pessoas não originárias do seu "mundo social" não são 'incluídos na' e nem 'afetados por' sua dinâmica ritual. Falta-lhes uma "alma onírica coletiva em forma de animal" como as dos Wakuénai, de forma que, diferentemente destes, um estrangeiro pode retomar suas atividades cotidianas logo após o nascimento de seu filho, sem nenhuma restrição ou obrigação ritual. Mas isto não quer dizer que os estrangeiros não tenham "almas oníricas coletivas", como explica Hernan Yusrinu (chefe ritual Wakuénai e irmão do xamã):

Os Brancos possuem almas oníricas coletivas, [...] mas elas assumem a forma de livros e papéis. A alma do missionário é a Bíblia, a alma do comerciante é seu registro financeiro e a alma do antropólogo é seu caderno. [...] Um feiticeiro pode atacar a alma onírica de um Branco à noite, enquanto ele dorme, matando-o ao rasgar o seu caderno, assim como um feiticeiro rasga a alma-em-forma-de-animal das vítimas Wakuénai. [...] Meu irmão temia que as canções dele quebrariam o seu gravador. Mas quando você começou a gravar as canções e escrever em seus cadernos, ele sentiu que seu trabalho era bom para você e que o auxiliava na acumulação de compressão. (Hill 1998:6)

Apesar de deixarem Hill um tanto temeroso pela segurança de seu material, estas observações revelaram pontos centrais na relação do xamã com as suas máquinas. Para os Wakuénai, todos os elos de parentesco e obrigações rituais que constituem as suas "almas oníricas coletivas em forma de animal" estão, para os Brancos, materializadas em objetos de trabalho. Assim, a parafernália de Hill, muito mais que um conjunto de instrumentos passivos e neutros à sua disposição, consistia na materialização de sua "alma onírica coletiva", e enquanto tal estava sujeita à destruição pelas forças espirituais manipuladas

e enquanto tal estava sujeita à destruição pelas forças espirituais manipuladas pelo xamã. O ponto a ser destacado aqui é a manifestação explícita da dimensão ritual da tecnologia, tanto por parte do xamã, que incorpora gravadores, cadernos e câmeras no processo ritual, como por parte do antropólogo, que passa a ver sua parafernália como uma manifestação objetiva de uma parte espiritual de sua própria existência31.

O último exemplo que veremos aqui é o dos Araweté, pesquisados por Eduardo B. Viveiros de Castro, que definem o xamã como "um rádio":

"'O xamã é um rádio', dizem. Com isto querem dizer que ele é um veículo, e que o corpo-sujeito da voz está alhures, que não está dentro do xamã." (Viveiros de Castro 1986a:543; sublinhado no original)

A metáfora do "rádio" não é exclusiva aos Araweté32, e foi reiterada por Viveiros de Castro em outras publicações (cf.1985:63; 1986b:19; 1992:140). Mas se trata realmente de uma metáfora?

O xamanismo Araweté consiste principalmente no canto noturno dos xamãs, a "música dos deuses". Trata-se de um ritual diário (ou antes, que ocorre todas as noites) em que o xamã relata, em forma de música, uma visão onírica do mundo dos espíritos e, via de regra, estabelece um contato atual com ele em benefício da comunidade. São canções cuja complexidade reside no "agenciamento enunciativo ali estabelecido", um "solo vocal" que, lingüisticamente, se revela uma "polifonia" de deuses (Viveiros de Castro 1986a:548). A autoria coletiva porém sobrenatural das "músicas dos deuses" lhe foi confirmada quando, ao pedir permissão aos Araweté para gravar uma sessão, ouviu que eles "nada tinham a decidir quanto a isso" pois a música não era daquele que a entoava, mas sim daqueles que falavam através dele (i.e., os deuses) (Viveiros de Castro 1986a:543). Ou seja, a "música dos deuses" cantada pelos xamãs não pertence a eles (não é "criação" deles), mas sim aos próprios deuses, que falam através da boca dos xamãs33. Este papel puramente midiático do xamã é visto também na explicação dada pelos Araweté para sua preferência por ouvir grava-

visto também na explicação dada pelos Araweté para sua preferência por ouvir gravações de "música dos deuses" às de "música dos inimigos":

"Quando pediam para reproduzir cantos-danças [como a "música dos inimigos"], o interesse se voltava para o que não era música – as vozes faladas em segundo plano, os comentários, barulhos, que permitiam uma rememoração daquele momento. Já quando se tratava de ouvir uma fita com canto xamanístico, o interesse era poder assistir a uma re-atualização da emissão vocal – era ela em si que respondia pela singularidade do momento." (Viveiros de Castro 1986a:545 nota 57; sublinhado no original)

Assim, da mesma forma que cada Araweté valoriza mais a reprodução da voz do "outro" do que a sua própria34, todos os Araweté dão preferência às gravações de "música dos deuses" – que consiste numa "materialização de uma singularidade individual e história" (Viveiros de Castro 1986a:545), e, portanto, ocasião única e singular em que o "outro" ("deuses") se manifesta – sobre as de "música dos inimigos" – cuja estrutura é pré-estabelecida, e não é objeto de interesse em si. Tudo se passa como se o canto dos xamãs fosse uma transmissão radiofônica feita "ao vivo" do mundo dos espíritos para o mundo humano, e que sua "aura" residisse na sua irreprodutibilidade (pois se por um lado os xamãs são proibidos de repetirem as mesmas canções, o resto da comunidade só o faz despindo-as de toda sacralidade35). A gravação de uma "música dos deuses" seria, assim a única maneira de reviver o momento do contato entre os dois mundos, assim como uma gravação da transmissão radiofônica seria a única maneira de revivê-la que não implicaria nem em paródia e nem em degenerações. Associando o xamã a um rádio, se está simultaneamente revelando aspectos do xamanismo enquanto tecnologia e da tecnologia como xamanismo36. Poderíamos perguntar: qual é o limite entre o xamã enquanto ser humano e o rádio enquanto objeto técnico? Ora, tal não parece ser a questão colocada pelos próprios xamãs. Antes, eles pa-

não parece ser a questão colocada pelos próprios xamãs. Antes, eles parecem evidenciar a existência de uma realidade pré-individual, anterior à distinção entre sujeito e objeto, entre o homem e a máquina, na qual um devir xamã-rádio (ou outros devires homem-máquina) se forma e passa a funcionar enquanto máquina desejante mítico-ritual. Talvez os Araweté não estejam sendo tão metafóricos afinal, quando dizem que "o xamã é um rádio", visto que o próprio rádio não parece ser mais do que um aspecto da virtualidade tecnológica do corpo do xamã que foi externalizado e tornado objeto atual.

1 Máquinas de Subjetivação

Vimos, até aqui, alguns exemplos de como tecnologias desenvolvidas historicamente em sociedades de origem européia (livros, cadernos, gravadores, rádios, máquinas fotográficas etc.) e até então desconhecidas por povos indígenas foram incorporadas em seus mitos e rituais pela ação atualizadora e cosmicizante dos xamãs. Mas se tudo se passa "como se a tecnologia fosse a realização cada vez mais intensa de virtualidades inscritas no mito" (Garcia dos Santos, 2003:186), então também as ações rituais do xamã – i.e., sua capacidade de deixar seu corpo habitual e viajar pelos mundos espirituais cosmicizando o caos e trazendo para a sua comunidade conhecimentos antes inacessíveis – devem ser vistas como tais: tecnologias antes restritas aos seres míticos (os xamãs primordiais) e agora atualizadas de diferentes formas em diferentes xamãs. Além de dar um sentido bastante produtivo para a definição eliadeana de xamanismo como técnica do êxtase, esta constatação não faz mais do que reconhecer as próprias relações dos xamãs com as máquinas. Afinal, não são eles mesmos quem encontram nos objetos técnicos atualizações materiais de suas técnicas rituais?

Segundo Sullivan, "[o] corpo do xamã é parte de sua tecnologia" e "[o] domínio do xamã sobre a fisiologia e seu conhecimento das formas animais se relacionam diretamente com sua perícia nas formas espaciais em geral" (1988:419-20). Exemplo extremo daquilo que Marcel

Mauss chamou de “técnicas corporais”37, a experiência xamânica de metamorfose é, além de uma conexão com o tempo mítico onde o xamã se transforma em um “animal mítico, Ancestral ou Demiurgo” (cf. Eliade 1998:497-8), uma manifestação privilegiada da técnica subjacente à própria incorporação mítico-ritual da tecnologia. Uma visão extremamente sofisticada deste processo pode ser encontrada na teoria do perspectivismo ameríndio, apresentada por Viveiros de Castro como uma relação metaestável de diferenciação entre a universalidade espiritual virtual da cultura (os humanos) e a singularidade somática atual da natureza (os não-humanos), sintetizada no conceito de “um esquema corporal humano oculto sob a máscara animal” (1996:117).

O corpo, “lugar da perspectiva diferenciante” (Viveiros de Castro 1996:131), é aqui visto como uma espécie de camada que, vista do interior é sempre e essencialmente humana, mas vista do exterior pode assumir as mais variadas formas38. Em outras palavras, é ao mesmo tempo que esta camada corporal não-humana singular que reveste o esquema corporal humano universal inaugura e distorce o mundo. Assim, por exemplo, sendo a forma-jaguar o produto da perspectiva humana sobre uma outra manifestação exterior de sua própria essência, um xamã pode ter acesso ao “modo de ser humano do jaguar” se dominar a técnica para assumir a sua forma, a sua perspectiva. Uma vez lá, aquilo que antes pareciam ações não-humanas se revelam ações perfeitamente humanas, porém realizadas em um mundo radicalmente diverso, transformado pela forma exterior do jaguar.

As etnografias nos mostram que, nos rituais de socialização, a humanidade do corpo ainda não-humano precisa ser “fabricada” através de reclusões e marcações (cf. Viveiros de Castro 1987; Clastres 2003:183-204), que o corpo precisa ser “maximamente diferenciado para exprimi-la completamente” (Viveiros de Castro 1996:131). De maneira análoga, etapas essenciais das iniciações xamânicas consistem justamente em transformações radicais do corpo do xamã, tornando-o capaz de assumir formas não-humanas e, assim, ganhar acesso justamente à alteridade radical da natureza e da sobrenatureza. O corpo é visto aqui como uma roupa para o espírito, ao mesmo tempo em que

acesso justamente à alteridade radical da natureza e da sobrenatureza. O corpo é visto aqui como uma roupa para o espírito, ao mesmo tempo em que roupas, marcas, máscaras etc. são percebidos como meios de transformar este corpo e torná-lo capaz de ingressar em outros ambientes:

"As roupas animais que os xamãs utilizam pra se deslocar pelo cosmos não são fantasias, mas instrumentos: elas se aparentam aos equipamentos de mergulho ou aos trajes espaciais, não às máscaras de carnaval. O que se pretende ao vestir um escafandro é poder funcionar como um peixe, respirando sob a água, e não se esconder sob uma forma estranha. Do mesmo modo, as 'roupas' que, nos animais, recobrem uma 'essência' interna de tipo humano não são meros disfarces, mas seu equipamento distintivo, dotado das afecções e capacidades que definem cada animal." (Viveiros de Castro 1996:133)

As técnicas da metamorfose permitem ao xamã, portanto, administrar as "relações dos humanos com o componente espiritual dos extra-humanos, capazes como são de assumir o ponto de vista desses seres e, principalmente, de voltar para contar a história" (Viveiros de Castro 1996:120). A metamorfose por conexão do corpo com próteses e instrumentos que transformam suas capacidades acaba até mesmo aproximando os xamãs das "vertigens do pós-humano" e da ciborgologia39. Enquanto "seres transespecíficos", "pessoas multinaturais por definição e ofício", os xamãs "são capazes de transitar entre as perspectivas, tuteando e sendo tuteados pelas subjetividades extra-humanas sem perder a própria condição de sujeito" (Viveiros de Castro 1996:117 e 135). Tudo isso pois utilizam tecnologias específicas, transferidas para seu corpo na iniciação, que lhes permitem, diferentemente das pessoas comuns (que dificilmente sobrevivem a encontros com o sobrenatural), nunca perder a posição de sujeito.
A metamorfose do xamã em animal é apenas um caso privilegiado em que sua tecnologia é empregada no estabelecimento de uma ligação eficaz entre os diferentes níveis da realidade, sendo o híbrido resultan-

do resultante (animal em corpo humano/humano em corpo animal) a própria hierofania antropomórfica de que falam estudiosos da religião como Eliade e Sullivan, axis mundi capaz de conduzir à experiência primordial do "tempo mítico". Outros casos são possíveis, mas todos poderiam ser compreendidos como a construção, a partir de uma certa coordenação de elementos heterogêneos e contingentes (como genealogias, acontecimentos recentes, conflitos sociais, distúrbios orgânicos, fenômenos meteorológicos, objetos técnicos etc.), de uma máquina de subjetivação que tem no tempo mítico seu regime de funcionamento e na tecnologia corporal a sua principal engrenagem.

O mito como máquina de subjetivação é o "ponto de fuga universal", ponto de vista do sujeito humano para o qual convergem todas as perspectivas. O relato de um mito, ou a sua modificação, seriam melhor compreendidos se, para além de esforços intelectuais de classificação do mundo (e.g. Lévi-Strauss 1962) ou disputas por propriedade ou prestígio (e.g. Harrison 1992), eles fossem vistos como instâncias em que o homem, sentindo-se perto demais do fluxo descontrolado e pressentindo a "catástrofe" do caos iminente, se transporta para este "ponto de fuga universal", perspectiva privilegiada das coisas e de suas relações que lhe permite conduzir o processo de cosmicização necessário à ação. Trata-se de uma técnica, principalmente pois uma vez instalado nesta perspectiva o homem é capaz de dar início a uma seqüência causal no mundo ao seu redor, que mais ou menos eficazmente conduzirá o vir-a-ser cósmico em sua tensão extática até a sua resolução. Apesar de já pressupor uma tecnologia, esta técnica precisa ser por ela potencializada e direcionada. Assim, se a função do mito é conduzir (efetivamente) do caos ao cosmos, não devemos perguntar de onde surgiu esta técnica, visto que a pergunta já supõe algo do qual ela teria surgido, quando ela seria antes a origem de tudo. A técnica, portanto, não surgiu de um mundo sem técnica (como se, num belo dia, o primeiro mito tivesse sido inventado), mas sim de uma ruptura sempre presente que, como num êxtase, simultaneamente e constantemente objetiva o mundo e subjetiviza o ser.

Em suma, as técnicas não têm origem pois elas são os agentes de

sua contínua reprodução e evolução: técnica e tecnologia, alimentando-se mutuamente na contínua atualização de uma realidade virtual. E talvez seja justamente este o motivo pelo qual o xamã é o primeiro técnico: pois "ele traz para sua comunidade um elemento novo e insubstituível produzido num diálogo direto com o mundo, um elemento escondido ou inacessível para a comunidade até então" (Garcia dos Santos 2003:70). Tendo sido ele aquele que alcançou o fundo anônimo (morte) e voltou, é também ele aquele capaz de ver além da realidade manifesta (o mundo criado) e conhecer a origem de todas as coisas e seu modo de existência. É importante perceber que é a "volta" do xamã que faz dele um mediador entre o atual e o virtual, pois o caminho percorrido por ele é o mesmo percorrido pelos mortos, e apenas o xamã é capaz de alcançar esta que é a derradeira perspectiva e voltar. E quem volta nunca é a mesma pessoa que partiu, pois a experiência deixa marcas no corpo que correspondem à metamorfose do xamã em híbrido e à sua capacidade de se colocar em perspectivas inacessíveis aos demais.

O mito como máquina de subjetivação nos coloca em contato com o próprio devir do real, na medida em que opera, continuamente e com um alto coeficiente de afinidade molar/molecular, a ruptura entre sujeito e objeto. Trata-se, como vimos, da própria experiência extática, que envolve um duplo processo de comunhão com o mundo e de ruptura com ele: o fluxo se experienciando como estrutura contingente. O xamã, como técnico do êxtase, seria enfim o operador desta máquina mítico-ritual, colocando a si mesmo e aos outros em contato com seus próprios devires compartilhados. Como vimos, a compreensão desta operatória requer uma revisão não apenas de oposições tácitas como aquelas entre "ações técnicas" e "ações expressivas" (cf. Leach, 1976:69-70) ou entre "ação técnica" e "ação ritual" (cf. Harrison, 1992:237-8), mas também de uma distinção absoluta e retroativa entre a aparência e a realidade, entre o real e o virtual. A "verdade" do mito reside na sua eficácia em operar a polarização de um universo em formação, onde um mundo que simultaneamente se aproxima e se distancia do sujeito (sem que este possa saber ao certo os seus limites)

limites) pode ser apreendido em sua forma e em sua função. Talvez a atestada importância dos xamãs tanto no conteúdo do mito (xamãs míticos) como na sua forma (sua criação e re-elaboração) apenas comprove a sua natureza extática e tecnológica. Afinal, o caos permanece sendo “cosmicizado” por mitos, e estes mitos continuam sendo técnicas do êxtase.

Referências

ALBERT, Bruce
1990. “Xawara: O ouro canibal e a queda do céu (depoimento de Davi Kopenawa Yanomami)”, in: Yanomami: A Todos os Povos da Terra. pp.9-15
1992. “A Fumaça do Metal: História e representações do contato entre os Yanomami” Anuário Antropológico 89:151-89
1995. O Ouro Canibal e a Queda do Céu: Uma crítica xamânica da economia política da natureza. Série Antropologia no 174. Brasília: Universidade de Brasília
2002. “Cosmologias do contato no Norte-Amazônico”, in: Bruce Albert e Acilda R. Ramos (orgs.). Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, pp.9-21
ALBERT, Bruce e RAMOS, Acilda R. (orgs.)
2002. Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado
BERGSON, Henri
2005. A Evolução Criadora. (trad. Bento Prado Neto) São Paulo: Martins Fontes [1907]
CARNEIRO DA CUNHA, Manuela
1998. “Pontos de Vista Sobre a Floresta Amazônica: Xamanismo e Tradução” Mana 4(1):7-22
CLASTRES, Pierre
2003. A Sociedade Contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política. (trad. Theo Santiago) São Paulo: Cosac&Naify [1973]
CONKLIN, Beth A.
1997. “Body paint, feathers, and VCRs: aesthetics and authenticity in Amazonian activism” American Ethnologist 24(4):711-37
2002. “Shamans versus Pirates in the Amazonian Treasure Chest” American Anthropologist 104(4):1050-61
DELEUZE, Gilles

1979. “Metal, metallurgy, music, Husserl, Simondon” (trad. Timothy S. Murphy) Gilles Deleuze Seminar Session at Vincennes. 27 de fevereiro.
DESCOLA, Philippe
1998. “Estrutura ou Sentimento: A relação com o animal na Amazônia” Mana 4(1):23-45
DOWNEY, Gary L., DUMIT, Joseph e WILLIAMS, Sarah
1995. “Cyborg Anthropology”, in: Chris H. Gray (ed.). Cyborg Handbook. New York: Routledge, pp.341-6 [1992]
ELIADE, Mircea
1972. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva
1979. Ferreiros e Alquimistas. (trad. Roberto Cortes de Lacerda) Rio de Janeiro: Zahar [1956]
1995. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. (trad. Rogério Fernandes) São Paulo: Martins Fontes [1957]
1996. Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes
1998. O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. (trad. Beatriz Perrone-Moisés e Ivone C. Benedetti) São Paulo: Martins Fontes [1951]
FARAGE, Nádia
2002. “Instruções para o presente: Os brancos em práticas retóricas Wapishana”, in: Bruce Albert e Acilda R. Ramos (orgs.). Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, pp.507-31
GALLOIS, Dominique T.
1996. “Xamanismo Waiãpi: Nos caminhos invisíveis, a relação I-Paie”, in: Esther J.M. Langdon (ed.). Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas. Florianópolis: Editora da UFSC, pp.39-74
GALLOIS, Dominique T. e CARELLI, Vincent
1995. “Diálogo entre Povos Indígenas: a Experiência de Dois Encontros Mediados pelo Vídeo” Revista de Antropologia 38(1):205-59
GARCIA DOS SANTOS, Laymert

2003. Politizar as novas tecnologias: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Ed.34
GELL, Alfred
1994. “The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology”, in: Jeremy Coote e Anthony Shelton (eds.). Anthropology, Art and Aesthetics. Oxford: Clarendon Press, pp.40-63
1998. Art and Agency: An Anthropological Theory. Oxford: Clarendon Press
GINSBURG, Faye
2002. “Mediating Culture: Indigenous Media, Ethnographic Film, and the Production of Identity”, in: Kelly Askew e Richard R. Wilk (eds.). The Anthropology of Media: A Reader. Massachusetts: Blackwell, pp.210-35
GOW, Peter
1995. “Cinema da Floresta: Filme, Alucinação e Sonho na Amazônia Peruana” (trad. Heloisa Buarque de Almeida) Revista de Antropologia 38(2):37-54
GRAY, Chris H., FIGUEROA-SARRIERA, Heidi J. e MENTOR, Steven
1995. “Cyborgology: Constructing the Knowledge of Cybernetic Organisms”, in: Chris H. Gray (ed.). Cyborg Handbook. New York: Routledge, pp.1-14
HARAWAY, Donna
1991. “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century”, in: Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature. London: Free Association Books, pp.149-81 [1987]
HARRISON, Simon
1992. “Ritual as Intellectual Property” Man 27(2):225-43
HILL, Jonathan D.
1998. Keepers of the Sacred Chants: The Poetics of Ritual Power in an Amazonian Society. Tucson: The University of Arizona Press
HODGSON, Derek

2000. “Shamanism, Phosphenes, and Early Art: An Alternative Synthesis” Current Anthropology 41(5):866-73
HUGH-JONES, Stephen
1988. “The Gun and the Bow: Myths of White Men and Indians” L’Homme 28(106-107):138-54
ILLIUS, Bruno
1992. “The concept of Nihue among the Shipibo-Conibo of Eastern Peru”, in: Esther Jean M. Langdon e Gerhard Baer (eds.). Portals of Power: Shamanism in South America. Albuquerque: University of New Mexico Press, pp.63-77
INGOLD, Tim
1987. The appropriation of nature: Essays on human ecology and social relations. Iowa: University of Iowa Press
2000. The Perception of the Environment. London: Routledge
JAMES, William
1902. The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature. New York: The Modern Library
LEACH, Edmund
1976. Culture & Communication, the logic by which symbols are connected: An introduction to the use of structuralist analysis in social anthropology. Cambridge: Cambridge University Press
LEITE, Yonne
1998. “De Homens, Árvores e Sapos: Forma, Espaço e Tempo em Tapirapé” Mana 4(2):85-103
LEROI-GOURHAN, André
1964. O Gesto e a Palavra 1 – Técnica e Linguagem. (trad. Vítor Gonçalves) Lisboa: Edições 70
1965. O Gesto e a Palavra 2 – Memória e Ritmos. (trad. Emanuel Godinho) Lisboa: Edições 70
LÉVI-STRAUSS, Claude
1962. La Pensée sauvage. Paris: Plon
LIMA, Tânia Z.

1996. “O Dois e seu Múltiplo: reflexões sobre o Perspectivismo em uma cosmologia Tupi” Mana 2(2):21-47
LUNA, Luis E.
1992. “Icaros: Magic Melodies among the Mestizo Shamans of the Peruvian Amazon”, in: Esther Jean M. Langdon e Gerhard Baer (eds.). Portals of Power: Shamanism in South America. Albuquerque: University of New Mexico Press, pp.231-53
MAUSS, Marcel
2003a. “Esboço de uma teoria geral da magia”, in: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac&Naify, 47-181 [1904]
2003b. “As técnicas do corpo”, in: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac&Naify, 399-422 [1935]
MÜLLER, Regina A.P.
1990. Os Asuriní do Xingu: História e Arte. Campinas: Editora da Unicamp
MÜLLER, Regina P. e VALADÃO, Virgínia
1997. Morayngava. VHS:16’. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista/Unicamp
NARBY, Jeremy
1998. The Cosmic Serpent: DNA and the origins of knowledge. London: Phoenix [1995]
NARBY, Jeremy e HUXLEY, Francis (eds.)
2001. Shamans Through Time: 500 years on the path to knowledge. New York: Jeremy P. Tarcher/Putnam
OLSEN, Dale, A.
2001. “Music Alone Can Alter a Shaman’s Consciousness, Which Itself Can Destroy Tape Recorders”, in: Jeremy Narby e Francis Huxley (eds.). Shamans Through Time: 500 years on the path to knowledge. New York: Jeremy P. Tarcher/Putnam, pp.212-5 [1975]
OOSTEN, Jarich
1994. “Representing the Spirits: The Masks of the Alaskan Inuit”, in: Jeremy Coote e Anthony Shelton (eds.). Anthropology, Art and Aesthetics. Oxford: Clarendon Press, pp.113-34

OVERING, Joanna
1990. “The shaman as a maker of worlds: Nelson Goodman in the Amazon” Man 25(4):602-19
PERRIN, Michel
1992. “The body of the Guajiro shaman: Symptoms or Symbols?”, in: Esther Jean M. Langdon e Gerhard Baer (eds.). Portals of Power: Shamanism in South America. Albuquerque: University of New Mexico Press, pp.103-25
REICHEL-DOLMATOFF, Geraldo
1997. Rainforest Shamans: Essays on the Tukano Indians of the Northwest Amazon. London: Themis Books
SULLIVAN, Lawrence E.
1988. Icanchu’s Drum: An Orientation to Meaning in South American Religions. New York: Macmillan
TADEU DA SILVA, Tomaz (org.)
2000. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica
TURNER, Terence
1993. “Imagens Desafiantes: a Apropriação Kaiapó do Vídeo” Revista de Antropologia 36:81-121
VILAÇA, Aparecida
2000. “O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia” Revista Brasileira de Ciências Sociais 15(44):56-72
VITEBSKY, Piers
2001. O Xamã: Viagens da alma, transe, êxtase e cura desde a Sibéria ao Amazonas. (trad. Alfonso C. Teixeira) Köln: Evergreen/Taschen [1995]
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B.
1985. “Os Deuses Canibais: A morte e o destino da alma entre os Araweté” Revista de Antropologia 27/28:55-89
1986a. ARAWETÉ: Os deuses canibais. Rio de Janeiro: Zahar
1986b. “Escatologia pessoal e poder entre os Araweté” Religião e

Sociedade 13(3):2-26
1987. “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”, in: João P. de Oliveira Filho (org.). Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, pp.31-41
1992. ARAWETÉ: O povo do Ipixuna. São Paulo: CEDI
1996. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio” Mana 2(2):115-44
2002a. “O Nativo Relativo” Mana 8(1):113-48
2002b. A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac&Naify
WEBER, Max
1963. “Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções”, in: H.H. Gerth e C.Wright Mills (orgs.). Ensaios de Sociologia. (trad. Waltensir Dutra) Rio de Janeiro: Zahar, pp.371-410 [1915]
WRIGHT, Robin M.
1998. Cosmos, Self, and History in Baniwa Religion: For Those Unborn. Austin: University of Texas Press
2000. “Prophetic traditions among the Baniwa and other Arawakan peoples of the northwest Amazon” Paper presented to the International Conference on Comparative Arawakan Histories. 23-28 de maio. Panamá
2002. “Ialanawinai: O branco na história e mito Baniwa”, in: Bruce Albert e Acilda R. Ramos (orgs.). Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, pp.431-68

DESCARTE DESCARTES: POR UMA ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES ENCANTADAS

Thaís Brito

A ciência cartesiana e sua pretensão de universalidade e racionalidade se não é completa, nem convence a todos na sua tentativa de integração, é território sólido de conceitos e explicações sobre o mundo. O corte entre consciência e matéria, teoria e prática, orienta a ciência e a racionalidade hodierna. Enquanto o que não cabe nessa caixa preta é proscrito do mundo racional, permanecem pensamentos e imaginários desorientadores dessa racionalidade empequenos cotidianos urbanos e, mais intensamente, aldeias em recônditos globais. A magia desafia – ou desdenha e desconhece – a certeza autoproclamada da ciência como racionalidade única e final. A ideia de que o destino dos pensamentos desencontrados seja um encontro com a ciência não se fundamenta, a não ser como uma ideologia.

Quando afirma que a eficácia da magia implica a crença na magia, Lévi-Strauss procura se aproximar desse universo xamânico, em seus próprios termos, e narra algumas histórias, das quais destacamos a de Quesalid – que recebeu esse nome quando se tornou feiticeiro e que se tornou feiticeiro movido pela curiosidade de descobrir os artifícios dos xamãs e pelo desejo desmascará-los.

Quesalid não se fez de rogado e seu relato descreve, em detalhes, suas primeiras lições, uma estranha mistura de pantomima, prestidigitação e conhecimentos empíricos em que se mesclam a arte de fingir desmaios, a simulação de crises nervosas, o aprendizado de cantos mágicos, a técnica para vomitar, noções bastante precisas de auscultação e obstetrícia, a utilização dos "sonhadores" (isto é, espiões encarregados de escutar conversas particulares e trazer em segredo ao xamã elementos de informação acerca da origem e dos sintomas dos males de determinados doentes) e, principalmente, (...) o uso de uma especie de penugem que o prático esconde num canto da boca e cospe no momento oportuno, molhado no sangue da língua que ele mordeu ou que fez sair das gengivas, para mostrar solenemente ao doente e aos demais presentes, como corpo patológico expulso em decorrência de suas sucções e manipulações. (Lévi-Strauss, 2008: 249).

Quesalid foi iniciado, confirmou suas suspeitas sobre o xamanismo e, no curso de sua investigação, ele mesmo torna-se conhecido como "um grande xamã". Como crítico do ofício, desconfia que há razões psicológicas para as curas que realiza, até que passa por experiências em que pode testar seus métodos (quando consegue curar uma doença que colegas de uma aldeia vizinha não conseguiram, a despeito da crença do doente). Sobre a pergunta se existem xamãs de verdade ou se o próprio Quesalid é um xamã, o relato termina sem dizer ao certo. A narrativa dá ao leitor a dádiva da dúvida que sempre acompanhou o xamã Quesalid.

Outro relato que traz uma perspectiva para as questões em discussão neste texto é o do antropólogo Michael Heckenberger (2001), que narra um diálogo entre ele, pesquisador, e o principal chefe da aldeia kuikuro, Afukaká, quando estavam ao lado de uma das principais valetas que contornam o sitio pré-histórico de Nokugu, numa aldeia Kuikuro, Afukaká, reitera a explicação kuikuro para as mesmas e, então, diz:

– Eu sei que você não acredita em minha história, conte-me a sua.

O que a fala de Afukaká expressa é que há perspectivas diversas que estão em relação. A afirmação do chefe kuikuro traz um pouco das complexas relações que são pressupostas numa prática científica delicada, a de interpretar "o/a outro/a". Essas reflexões antropológicas em torno das suas próprias práticas, tem levado a revisões conceituais críticas da disciplina que colocam em questão as próprias noções de cultura e sociedade.

A interpretação do discurso nativo, tira dele, na compreensão de Viveiros de Castro, o sentido de seu próprio sentido. A condição da antropologia – escreve, citando Scholte – é a realização de um "epistemocídio" da ciência do nativo.

(...) o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido – ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido. (...) o sentido do antropólogo é forma; o do nativo, matéria. O discurso do nativo não detém o sentido de seu próprio sentido. (Viveiros de Castro, 2002:115)

Não se trata, assim, como indica a afirmação de Viveiros de Castro, de propor uma interpretação dopensamento ameríndio mas de realizar uma experimentação com ele, e portanto com o nosso:

Uma analogia onde, em lugar de tomar as concepções indígenas como entidades semelhantes aos buracos negros ou às falhas tectônicas, tomemo-las como algo de mesma ordem que o cogito ou a mônada. Diríamos então, (...) que o conceito melanésio da pessoa como 'divíduo' (Strathern 1988) é tão imaginativo como o individualismo possessivo de Locke; que compreender a 'filosofia da chefia ameríndia' (Clastres 1974) é tão importante quanto comentar a doutrina hegeliana do Estado; que a cosmogonia maori se equipara aos paradoxos eleáticos e às antinomias kantianas (Schrempp 1992); que o perspectivismo amazônico é um objetivo filosófico tão interessante como como compreender o sistema de Leibniz...
(VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 127)

Ao colocar o problema de outro modo, tendo como perspectiva a perspectiva do nativo, pode-se permitir que os informantes do antropólogo possam, também, explicar e divulgar as próprias críticas às forças que afetam a sociedade da qual fazem parte – forças que emanam da nossa sociedade, e, como aponta Michael Taussig:

Simultaneamente, livramo-nos da atitude que define a sabedoria popular exótica apenas como fabulação ou superstição e ao caráter ideológico dos mitos e das categorias centrais de nossa cultura, que garantem o sentido tanto de grande parte de nossos produtos intelectuais quanto de nossa vida cotidiana. (...) Dessa forma, somos levados a desafiar o status de normalidade – como pertencente ao domínio da natureza – de nossos moldes sociais." (Taussig, 2010:27)

Pode ser que as tecnologias da magia façam parte de um modo diferente de conhecer o mundo e as pessoas. São povos que tem suas ciências. O maracá, acelerador de partículas, é o celular de Nhanderú, a comunicação com o mistério. A magia é também o que permite a circulação entre o visível e o invisível.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de.

2008. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes.

FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michel (Org).

2001. Os Povos do Alto Xingu: história e cultura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

2008. O Feiticeiro e sua magia. In: Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify

TAUSSIG, Michael T.

2010. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Editora Unesp.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

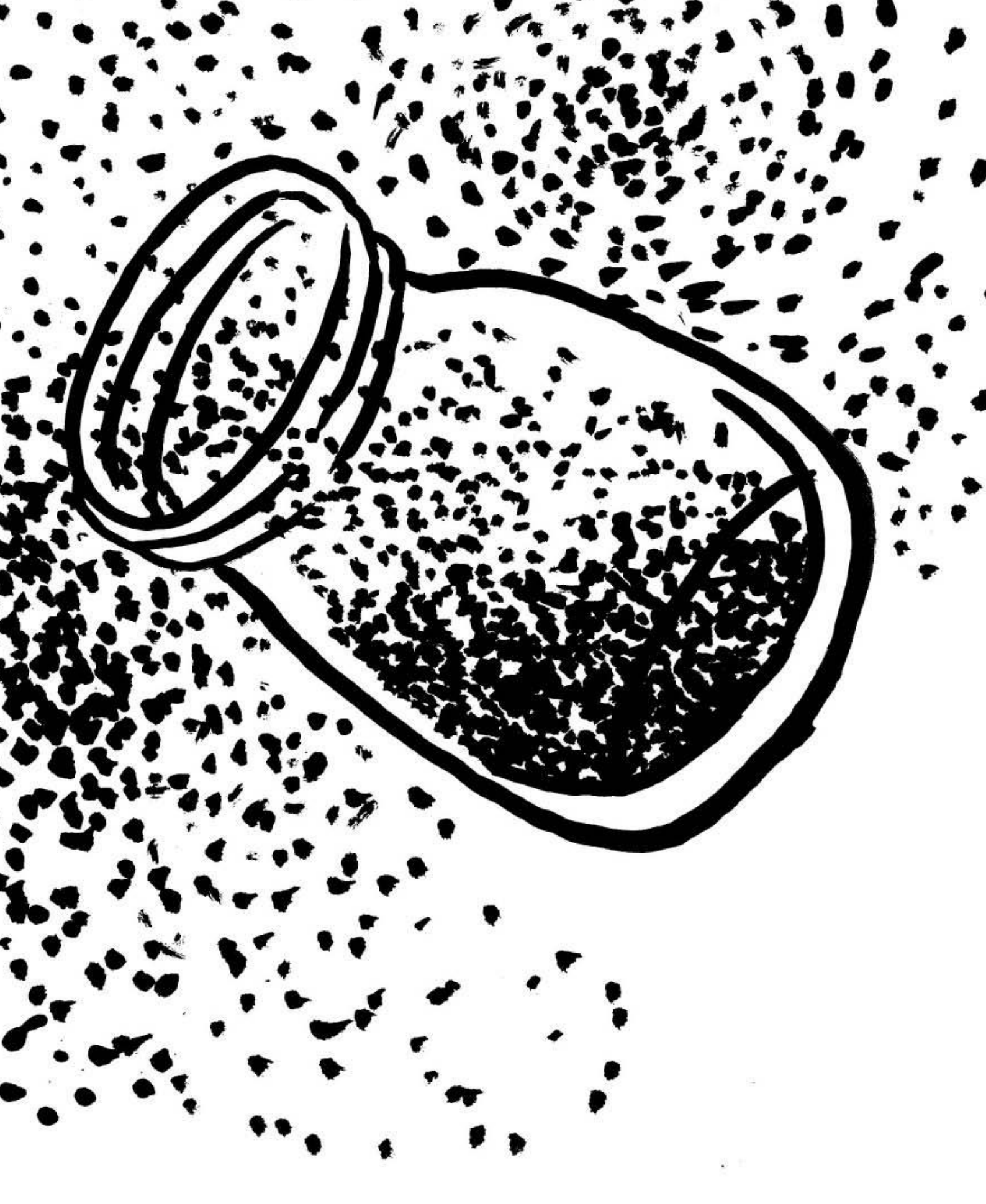
2002. O nativo relativo. In: Mana 8(1), 2002a, 113-148.

MICROCULTURAS

Vahida Ramujkic, Moshe Robes
y Aviv Kruglanski

Micro culturas

um zine projetado para gerar um debate sobre
fermentação: social, econômica e culinariá



Uma coisa engraçada acontece durante o processo de fermentação. Um organismo mono-celular, muito abaixo do limiar de percepção local humana, encontra outro, como por puro acaso. Este encontro cria uma reação, que resulta em crescimento. Aos poucos, mais e mais micro-organismos se juntam, borbulhando e interagindo, até finalmente atingir uma massa crítica, que é quando o meio em que estão é transformado de modo visível. O resultado é sabor e nutrição. Estes microrganismos são diferentes de um lugar para o outro, criando diferentes sabores e texturas localmente (o mesmo repolho fermentado terá gostos diferentes em diferentes climas). Formam a base das Microculturas esta particularidade local, por um lado, e a interação onde um processo, que parece insignificante, cresce, borbulha e torna-se visível, por outro lado. Esta metamorfose pode ser aplicada socialmente: uma ação social, ou uma ideia, encontra outra e, pouco a pouco, enquanto crescem em volume e presença, elas começam a gerar riqueza cultural e social. Esta lógica, da vida que está em constante movimento e mudança, pode ser percebida em todos os níveis (culinária, conceitual e social).

CERTOS DIAS O ESPAÇO ESTAVA CHEIO DE PESSOAS, TODAS PRONTAS PARA UMA AVENTURA CULINÁRIA

Grandes lotes de comida fermentada têm sido preparados comunitariamente durante épocas específicas do ano. Estes eventos são importantes encontros sociais que formam parte do patrimônio cultural, contribuindo para a vitalidade social destas comunidades. A fermentação de comidas é conhecida praticamente por todas as culturas da história da humanidade. Nós podemos ir mais longe, afirmando que ela está presente mesmo no coração do desenvolvimento cultural. Modos de fazer isto foram transmitidos sem instruções ou receitas, mas através de práticas repetidas de geração por geração criando continuidade no tempo por centenas ou mesmo milhares de anos.

OUTRA HORA, VOCÊ SE ENCONTRA SOZINHO COM O MICROSCÓPIO QUE VOCÊ AJUDOU A CRIAR

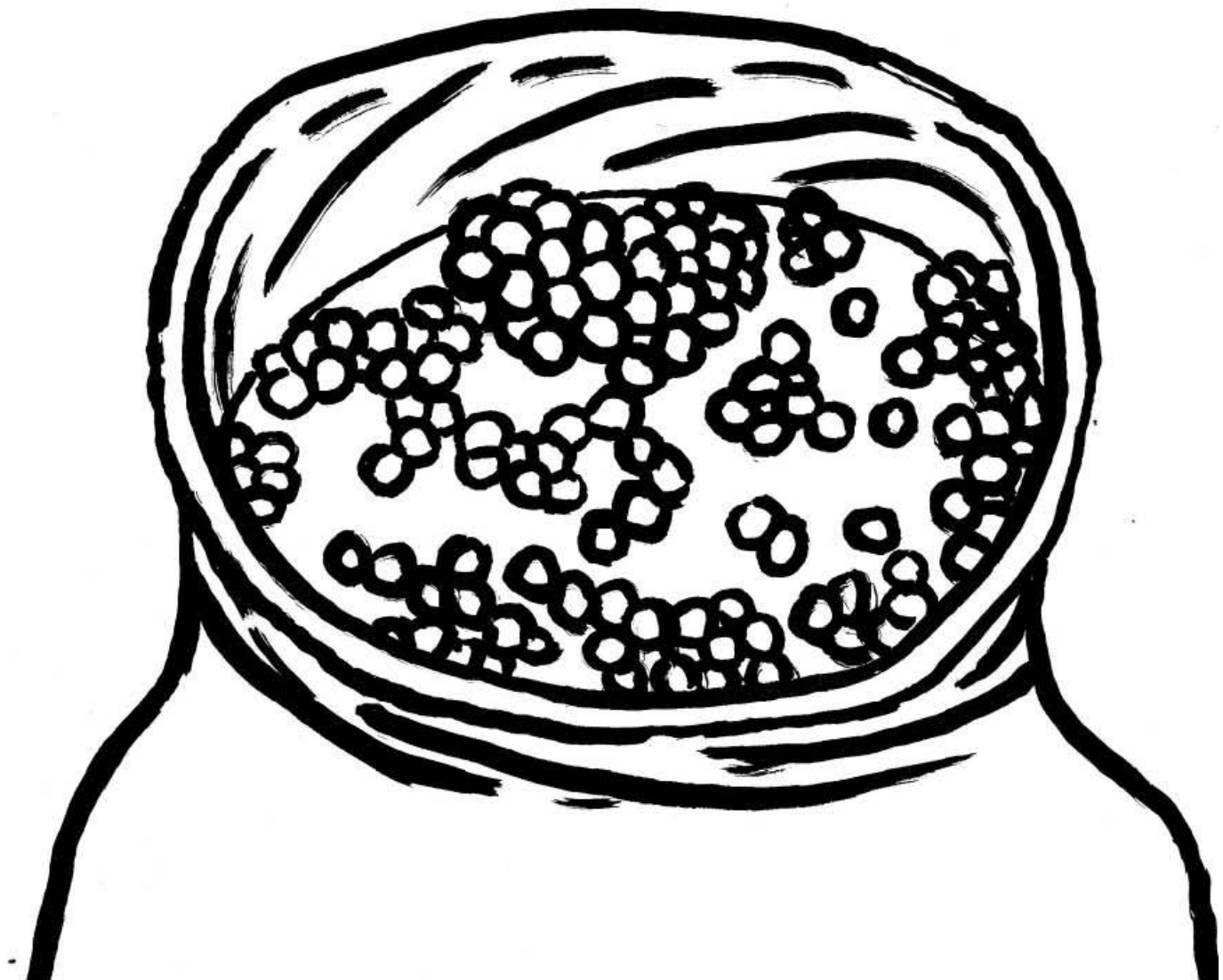
Fermentação é a reação que procede de propriedades naturais da comida. A raça humana aprendeu a controlar estas propriedades, dando à comunidade longevidade, gosto e nutrição. A atividade de bactérias e fungos, potencialmente perigosas, desenvolvem uma atividade desejada no processo de fermentação. Este processo cria culturas vivas, que são necessárias para a vitalidade e bem estar dos seres humanos.

Nós sabemos que a elaboração de um monte de comidas fermentadas foram descobertas por puro acidente ou erro. Podemos experimentar no interior da tradição, mantendo continuidade entre um balanço de repetições e variações? Ou a tradição nela mesma é uma extensão de experimentação e abertura sobre um vasto período de anos?

E EM UMA COISA MINÚSCULA QUE CRESCE LENTAMENTE, ATÉ ATINGIR UMA MASSA CRÍTICA

O processo culinário de fermentação envolve uma interação entre agitação e observação quieta. Você mexe, balança e espera. Quando então ocorre o resultado das suas ações dentro do contexto do seu entorno. É um diálogo entre nosso desejo de intervir, manipular e criar e o ritmo natural do ambiente onde estamos, sua temperatura e os seres microscópicos que o habitam.

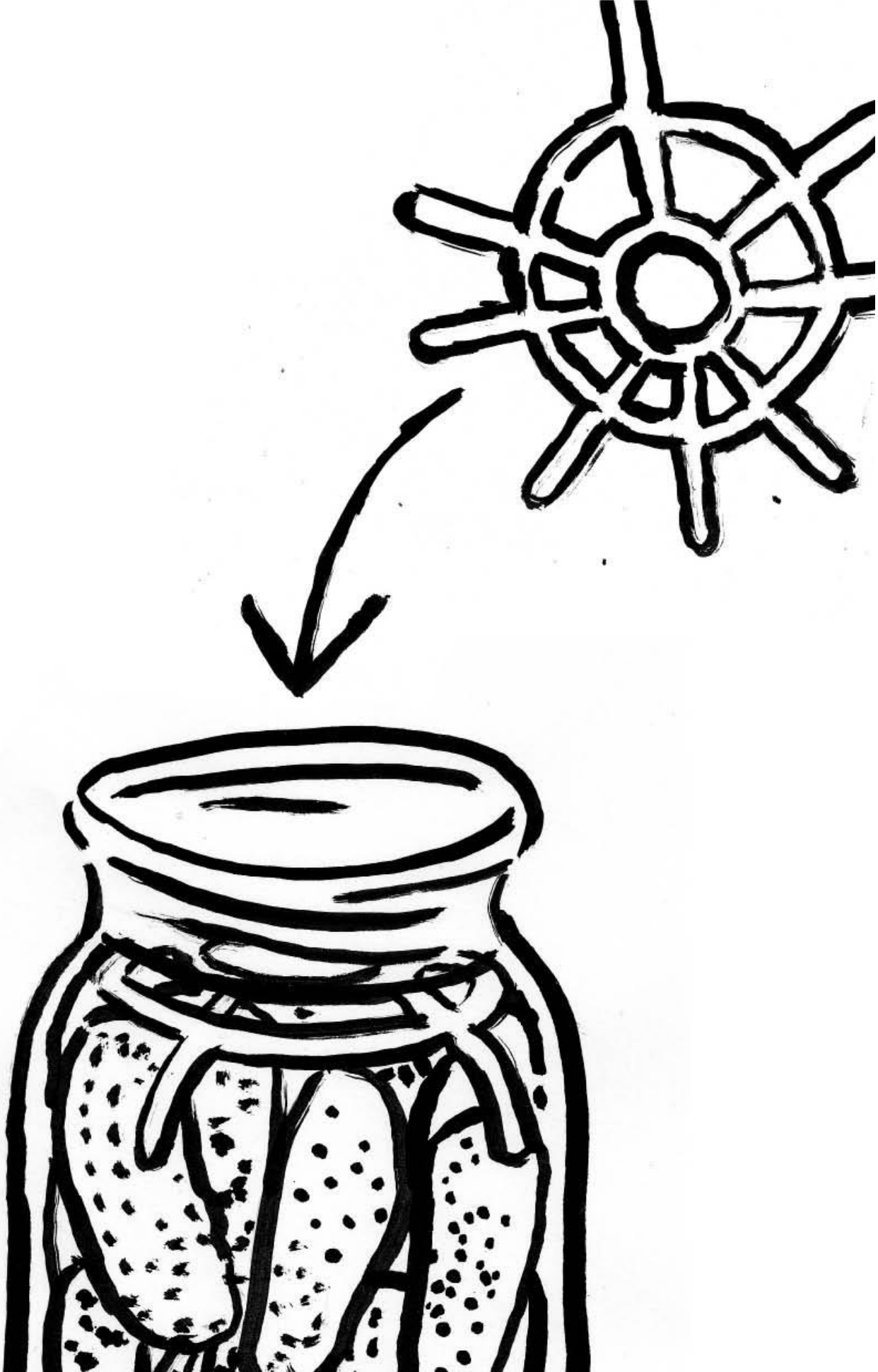
Ar é muito importante durante o processo de fermentação da comida. Isto também é verdade para o processo social. Espaço e tempo livre, o ócio para experimentar e brincar são ambos percebidos como luxos na sociedade atual. Na realidade, eles são essenciais para a criação de ideias e recursos que ajudam a confrontar desafios sociais e crises econômicas.



SE VOCÊ OUVIR E
CHEIRAR COM
CUIDADO, IRÁ
NOTAR COMO A
ATIVIDADE NOS
FRASCOS MUDAM
O AMBIENTE
SONORO E
OLFATIVO

Elaborados através da fermentação, os alimentos ,mais básicos (vegetais, frutas, grãos, leite, etc) podem criar uma enorme quantidade de produtos (todos os tipos de iogurtes, queijos, cervejas, vinhos, krauts, picles). Estes produtos são saudáveis, saborosos, duradouros e também mais valiosos no mercado do que os produtos originais. Assim, este processo cria valor e riqueza. Ele beneficia nossos organismos e nossas comunidades. Ele tem uma regra também: não pode ser acumulado pois tem duração limitada e seu propósito é ser consumido. Ele deve ser comido, compartilhado, dado ou trocado. Como uma resposta à atual atmosfera de crise e empobrecimento, nós estamos usando dinâmicas microscópicas de fermentação como a base de um novo modelo econômico. Este modelo é atlamente local e inclui um elemento de acaso.

As práticas de fermentação, seja a culinária ou práticas artísticas e sociais inspiradas nela,é a prática de criar condições ideais para a transformação tomar lugar. Uma vez que estas condições estejam no lugar, o resto é deixado para nossos colaboradores, os micro-organismos ou fungos. Não há receitas estritas. Dependendo da localização, temperatura e umidade da atmosfera, a quantidade de água, os ingredientes e as medidas. Eles devem ser descobertas pela observação e por testes. Tudo comestível pode ser fermentado e qualquer um pode fazer isto.



A INTERAÇÃO ENTRE ORGANISMOS MICROSCÓPICOS É MUITO SEMELHANTE AO PROCESSO SOCIAL QUE OCORRE FORA

Comida fermentada é viva, ela poeticamente traz à mente um mundo animístico onde o ar que respiramos e a comida que comemos está em constante movimento. Mas elaborando pratos nutricionalmente favoráveis supõe também um elemento de controle, uma intervenção humana, uma intencionalidade. Onde nos situamos como humanos nesse debate? A cultura (incluindo o iogurte) é colonialista e paternalista por sua própria natureza? Ou isto é uma questão de certo balanço que deve ser alcançado entre a natureza selvagem de tudo e nosso impulso (até certo ponto saudável) de manipulá-lo em nosso benefício.

AGRICULTURA É ESTÚPIDA VAMOS TOMAR UM AR

Leuven, 2012

http://bbva.irational.org/microcultures/